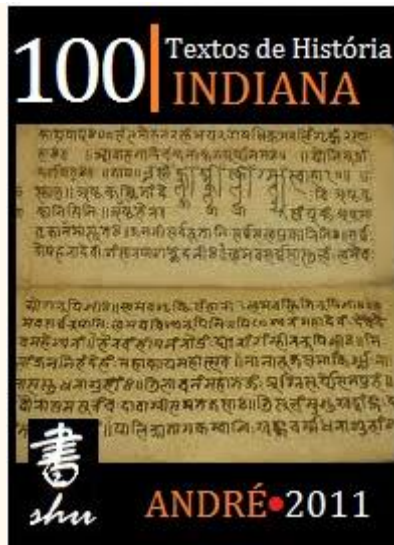




CEM TEXTOS DE HISTÓRIA INDIANA

અનુભવ
[org.]

1

BUENO, André [org.] *Cem textos de História Indiana*. União da Vitória, 2011. ISBN 978-85-912744-2-0

Disponível em: <http://historiaindiana.blogspot.com.br/>

ÍNDICE

Introdução

História

1. Origens, de acordo com o Rig Veda
2. História mítica (episódio do dilúvio), do Sataphata Brahmana
3. História épica no Mahabharata
4. História Budista, do Mohijima nikaya
5. As Yugas (Eras) hinduístas, no Manavadharmashastra
6. História moralista, do Panchatantra
7. Crônica histórica, do Rajatarangini
8. Akbarnama – história islâmica na Índia
9. História pós-colonialista de K. M. Panikkar
10. Crítica da História Tradicional, de Raimon Panikkar
11. História nacionalista indiana, de Siddhartha Jaiswal
12. Crítica moderna a história revisionista indiana, de Romila Thapar

Filosofia

13. Especulação cosmogônica no Rig veda
14. O Conhecimento superior, no Mundaka upanishad
15. A discussão sobre a natureza dos seres, no Chandogya upanishad
16. O que é Maya (ilusão)? Shiva Samhita
17. Escola Nyaya
18. Escola Vaiseshika
19. Escola Mimansa – Kumarila
20. Escola Vedanta - Shankara

21. Escola Yoga
22. Escola Sankhya
23. Escola Carvaka
24. Escola Tântrica – Kulavarna Tantra
25. Escola Jaina
26. Escola Budista
27. Filosofia do movimento satyagraha de Gandhi
28. A Sophia Perennis de A. Coomaraswamy – o que é civilização?
29. Filosofia intercultural de Raimon Panikkar
30. O pensamento de Vandana shiva

Religiosidades

31. Aspectos da religiosidade ariana no Rig Veda
32. Hinos religiosos do Sama Veda
33. Rito ariano do Soma no Rig veda
34. Encantamentos mágicos do Atharva veda
35. Cosmogonia, no Sataphata Brahmana
36. O Desapego como via de libertação, no Isha Upanishad
37. Brahman, a realidade última de tudo, no Kena Upanishad
38. Meditação sobre o surgimento dos humanos, do Atharva veda
39. A transmigração da alma, no Manavadharmashastra
40. A libertação da alma, no Bhagavad gita
41. A composição da Alma, no Milinda Panha
42. Fantasmas no hinduísmo, do Garuda purana
43. Dúvidas sobre a transmigração, do Garuda purana
44. Céus e infernos, no Garuda purana
45. Os quatro pilares do hinduísmo – artha, Dharma, Kama e Moksha, no Kamasutra

46. Dharma sutras – As regras para um asceta
47. A visão religiosa jaina
48. A visão da religião budista – Dhamapada
49. Éditos ecumênicos de Ashoka
50. O movimento devocional vaisnava de Caytania
51. O movimento devocional shivaíta
52. Cultos Tântricos
53. Cantos de Kabir
54. O surgimento dos Sikhs
55. Akbar, o Sulak kul e o Dabistan – a tolerância islâmica na Índia
56. A multireligiosidade de Ramakrishna
57. Filosofia religiosa de Vivekananda
58. A religiosidade em Gandhi
59. Novo hinduísmo, de Aurobindo Ghose
60. Hinduísmo moderno – Radhakrishnan
61. A universalidade religiosa, Raimon Panikkar

Política

62. Os deveres do rei, do Arthashastra
63. Organograma dos funcionários públicos, do Arthashastra
64. Os seis modos de proceder na política, do Arthashastra
65. Causas do descontentamento popular, no Arthashastra
66. A teoria das leis, no Arthashastra
67. O Raj inglês, por Dadabhai Daoroji
68. Nacionalismo indiano de Tilak
69. Crítica de Gandhi ao domínio britânico
70. Não alinhamento de Nehru
71. A defesa dos párias e sudras de Ambdekar

72. Geopolítica da Índia Moderna, por Siddhart Varadarajan

Economia

73. A regulação da agricultura no Arthashastra

74. A regulação da vida comercial, do Arthashastra

75. Muhammad Yunus e a luta pelo microcrédito

76. A luta pela diversidade e contra a monocultura, por Vandana Shiva

Sociedade

77. As castas indianas, no Manavadharmashastra

78. As castas no Arthashastra

79. Nascimento, no Manavadharmashastra e no Grihya sutra

80. Cerimônias de passagem, idem e Grihya sutra

81. Fases da vida, idem e Grihya sutra

82. Funerais, Garuda purana

83. Etapas da vida, Garuda purana

84. As dívidas do homem, do Satapatha Brahmana

A Mulher Indiana

85. A posição do feminino, no Manavadharmashastra

86. O casamento no Grihya sutra

87. O acordo de casamento, no Arthashastra

88. Prostitutas, no Arthashastra

89. Deveres de uma boa esposa, no Arthashastra

90. Caracteres da mulher, Ananga Ranga

91. Boas esposas, do Kamasutra

92. Cortesãs, Kamasutra

93. Mulheres que se entregam facilmente, Kamasutra

94. Ecofeminismo de Vandana Shiva

Arte e Cultura

95. Shilpa shastra, o cânone da arte indiana

96. O teatro indiano – Kalidasa

97. Estilos da poesia tradicional: Chandraloka

98. Poesia indiana moderna: Tagore

99. Moderna literatura indiana, de Tirtankar Chanda

100. A medicina indiana, no Garuda purana

Traduções e créditos

Cem textos de História Indiana fecha minha trilogia de livros fontes, iniciada com *Cem textos de História Chinesa* e continuada com *Cem textos de História Asiática*. Como disse desde o primeiro volume, a idéia desses livros é de suprir a lacuna existente, em nosso país, de livros fontes que sirvam de base para os estudos acadêmicos, bem como, para apresentação de autores fundamentais dessas civilizações.

Contudo, apesar de me considerar um orientalista, não sou um indólogo profissional, tendo apenas algum conhecimento sobre essa civilização. A necessidade (ou, a ausência) de estudos nesse campo me fez, por vezes, estudá-lo, para discutir o tema em eventos, palestras ou cursos, mas... Esbarrávamos sempre no problema da continuidade, causada pela ausência de fontes e de manuais. Se hoje pululam cursos de chinês, são ainda raríssimos os que estudam sânscrito (e nesse ponto a Índia sofre a desvantagem de ter inúmeros idiomas dentro do país, ao contrário da China); além disso, são poucos os manuais de história indiana e as fontes disponíveis para tal. Via de regra, tem que se recorrer ao inglês (e a internet) para conhecer algo sobre essa civilização. É muito difícil atrair curiosos ou estudantes assim; e a partir disso, a Indologia séria rende-se ao esoterismo, que nada esclarece e a tudo torna um mistério.

Longe de mim criticar aqueles que se dedicam seriamente ao estudo das religiões indianas, seja o hinduísmo ou budismo; ao contrário,

algumas das pessoas que se embrenharam nesses caminhos tornaram-se excelentes especialistas em línguas orientais, e traduzem textos das doutrinas que praticam com um zelo e cuidado que só se encontra na fé. Porém, essa é uma dimensão restrita; falta um quadro histórico, uma visão de conjunto que traga essas traduções para o âmbito acadêmico. Penso que as pessoas podem ler algo sobre o Budismo, por exemplo, sem precisarem ser budistas; por outro lado, entendo que há uma responsabilidade muito grande entre os educadores em não permitir que essas leituras sejam superficiais, caindo na indistinção dos esotéricos.

Foi assim, pois, que imaginei como construiria essa antologia, tentando resgatar o senso tradicional da civilização indiana. Dona de uma vasta literatura ancestral, a Índia merece uma atenção urgente, dada sua extensão, poder e capacidade de influenciar o mundo. No entanto, é a espiritualidade e o senso ahistórico indiano que a marcam profundamente, e que nos ensinam lições significativas. A Índia é um país formado por vários pequenos países, cujo cimento é sua religiosidade, o *Sanatana Dharma* – ou, hinduísmo. Mesmo que hoje ela tenha uma grande parcela de habitantes islâmicos, foi o hinduísmo que estabeleceu os meios pelos quais se poderia caracterizar os indianos como um povo. A sociedade indiana é marcada por esse hinduísmo, que se concretiza em alguns aspectos nítidos, a saber:

- O politeísmo ativo e dinâmico, capaz de dialogar com as diversas religiões do mundo;
- a crença inexorável na reencarnação, sejam quais forem as formas ou teorias sobre ela.

- a sociedade de varnas (castas), até hoje existente, por conta dessas mesmas crenças na reencarnação.

Dá calafrios pensar que alguns estudiosos de primeira mão repetem uma velha e batida idéia de que ‘as coisas surgiram primeiro na Índia, depois foram pra China, etc...’, o que é uma baboseira sem tamanho. Enquanto os chineses eram totalmente dedicados a história, sua filosofia tinha horror a metafísica, e suas preocupações eram essencialmente políticas e materiais, a Índia seguiu um caminho contrário, investido num outro senso de orientação calcado na religião, na continuidade, no desprezo da matéria e numa capacidade filosófica de linguagem e metafísica que nada deve aos autores das escolas ocidentais.

Essas considerações podem levar o leitor a emitir juízos de valor sobre a Índia (considerando-a ‘melhor ou pior’ do que outras civilizações) em função de pontos de vista pessoais. Volto a insistir: os mesmo indianos que agora rezam pra Ganesha são alguns dos maiores especialistas em tecnologias atuais. Universidades européias estão lotadas de jovens altamente qualificados vindos da Índia e do Paquistão (que já foi Índia) que entendem dos mais modernos aspectos da física, informática e ciências. Alguém poderia objetar dizendo: ‘ah, mais isso foi descoberto pelos ocidentais’, ao que eu posso responder com as seguintes perguntas: mas como essa civilização conseguiu, em tão pouco tempo, alcançar esse nível de qualificação, não tendo ‘inventado’ nada disso? E ainda, porque em tão pouco tempo eles superaram o Ocidente, que a princípio, criou essas tecnologias?

De fato, acredito que uma olhar mais curioso (e carinhoso) sobre as fontes indianas mostrará o perfil de uma sociedade densa, profunda, capaz mesmo de questionar a Deus e aos deuses quando eles ainda se formavam no imaginário dessa cultura. Sensível, laboriosa, tradicionalista e espiritual, a Índia é o retrato de um passado que se desenvolve até os dias de hoje, e que serve de questão fundamental para a re-elaboração de nossas teorias e propostas históricas.

Quadro histórico das fontes

Ao pensar num critério para apresentar as fontes indianas, existiam novamente dois caminhos a seguir: um, apresentá-la dentro dos moldes tradicionais indianos, extremamente funcionais para o entendimento do hinduísmo, mas pouco adequados a compreensão histórica da sociedade; o outro seria repetir, de algum modo, o esquema já utilizado em *Cem Textos de História Chinesa*, cujas áreas temáticas agrupariam um conjunto de textos diferentes.

Optei novamente pelo segundo esquema por algumas razões; primeiro, que os textos indianos são vastos, e alguns se propõem analisar temas diversos; segundo, que poderia fazer uma apresentação esquematizada e cronológica dos textos, representando sua evolução.

No entanto, esse segundo aspecto diluiu-se no fato de que alguns textos são lidos há séculos, e continuam sendo lidos, pelos indianos. Além disso, existem somente suposições de quando foram escritos, mas poucas certezas. Resta ainda a consideração de que quase toda essa literatura era oral, e só foi ser ‘escrita’ séculos e séculos depois

de sua produção (o grande ‘boom’ da fixação gráfica dos textos se dá, a princípio, em torno dos séculos +11 +12). Isso se dá em função do senso histórico indiano, que sempre privilegiou o sentido dos textos do que, propriamente, sua datação. A preocupação indiana fundamental – o problema do karma, e da existência material – fê-los crer que o importante nessa literatura era a preservação da mensagem, que se constitui nos meios pelos quais se escapa do ciclo de reencarnação. A redação dos eventos históricos seria uma mera repetição de casos já conhecidos pelos sábios, e portanto, desnecessária de ser narrada. As histórias fundamentais seriam aquelas cujo valor religioso determinava sua verdade.

Desse modo, imaginei que um quadro das fontes indianas deveria responder a algumas necessidades de apresentação, que escapassem aos seus critérios tradicionais, mas que fossem eficazes no entendimento das propostas dessa literatura indiana.

Num primeiro grupo, existem os textos religiosos fundamentais, os Vedas e os Upanishads. Os primeiros tratam da religiosidade ancestral da Índia, no tempo da formação dessa civilização (em torno do século -20), em que se apresentam seus deuses, mitos e práticas. Estão lá o politeísmo primitivo, as perspectivas da sociedade ariana, o culto ao suco sagrado – o soma, a divisão dos deuses, as especulações primeiras. Os primeiros vedas são apenas três – Rig, Sama e Yajur Vedas. O Atahrava veda, basicamente um livro de encantamentos, só seria adicionado em torno do século -4 - 3, o que mostra quanto tempo ele demorou a ser incorporado nos cânones tradicionais.

Já os Upanishads são a conclusão de um longo processo especulativo dentro da religião indiana, que delineia o surgimento de todas as dúvidas metafísicas que fomentaram o surgimento da filosofia indiana (darshanas). Surgidos em torno do século -7, contam-se as centenas.

Entre os vedas e os Upanishads, existiram ainda os Aranyakas e os Brahmanas. Os primeiros são a base dos Upanishads, pois se tratam das especulações feitas pelos primeiros ascetas que fugiam da sociedade mundana em busca de sabedoria. Já os Brahmanas organizaram as crenças mitológicas indianas, dando-lhes uma estrutura constitutiva.

É interessante notar como se amontoam, nestes textos, as diferentes visões de realidade que vão se constituindo ao longo da história indiana. Coexistem, por exemplo, vários mitos de criação do universo, o que demonstra uma incrível capacidade de tolerância e a aceitação de diferentes perspectivas sobre um mesmo tema que fomentariam o caráter religioso indiano.

A sociedade indiana se consolidou, contudo, num esquema teórico que determinava quatro grandes conceitos fundamentais na existência humana: Dharma (lei religiosa), Artha (lei social), Kama (desejo, paixões e vida matrimonial) e Moksha (a libertação espiritual dos três). Para elucidar esses conceitos, naturalmente os indianos consolidaram suas análises em um segundo grupo de três textos fundamentais, que seriam:

- As leis de Manu (Manavadharmashastra), que constituiria um texto escrito pelo suposto fundador da humanidade, Manu, sobrevivente do dilúvio universal, explicando todos os deveres

religiosos do ser humano;

-A lei social (Arthashastra), escrita por Kautilya (ou, Chanakya), que analisaria todos os aspectos e deveres da vida material em sociedade.

- o livro do desejo (ou amor, o Kamasutra), cujos capítulos dedicam-se quase inteiramente a questão das relações entre homem e mulher (sendo o aspecto da prática sexual absolutamente secundário, ao contrário do que pregam as versões ocidentais...).

Esses livros foram escritos nas mais diferentes épocas; durante séculos as leis de Manu serviram para elucidar os três aspectos; no entanto, no século -4, o surgimento do livro da lei social evidenciava-se uma reformulação do entendimento desse conceito na sociedade. Do mesmo modo, o Kamasutra surgiu como um texto para encerrar as questões sobre o problema do desejo, tendo em vista que Kama (desejo) é uma parte integrante da vida social.

Enquanto isso, foram vários os textos hinduístas, budistas e jainistas que surgiram para libertar o ser humano de sua escravidão espiritual. Seria impossível, pois, agrupá-los. Só podemos deles apresentar alguns fragmentos dos movimentos mais importantes.

Do mesmo modo, a questão da história, na Índia, só vem a se modificar radicalmente com a vinda dos ingleses no século 18. Antes disso, os indianos defendiam uma forma histórica similar ao modelo homérico, representado por suas puranas e itihahas, das quais as mais famosas são o Mahabharata e o Ramayana. Descrevendo acontecimentos históricos e histórias indatáveis, sua proposta se baseia na afirmação de verdade por meio dos exemplos, mas sem a necessidade de comprovações materiais ou textuais (como no caso

chinês). A permanência da história em si determina sua validade e veracidade. Se elas fossem falsas, teriam sumido.

Na investigação dessa literatura indiana, notemos ainda o mecanismo da repetição. Vejamos um exemplo: o texto fundamental para entender os rituais da vida cotidiana indiana são os Grihya sutras. No entanto, vários trechos do Grihya sutra são compilados das leis de Manu; e ainda, vários desses trechos aparecem em outros documentos (como os puranas, por exemplo). Ao referir-se a essa tradição, os autores dos textos pensavam preservá-la, ao invés de adulterá-la; isso favoreceu em muito o rastreamento da antiguidade de certos costumes e afirmações, em detrimento da originalidade. No entanto, análises criativas que se consolidaram (como a de Shankara) foram de uma inventividade e sensibilidade capazes de praticamente ‘reinventar’ o entendimento das tradições. Isso por si só mostra que não havia estagnação, mas um cuidado extremo em manter o sistema funcionando.

Alguns fragmentos da filosofia indiana aparecem igualmente em nosso livro; fiz questão, aliás, de contrapor esses elementos tradicionais a autores da Índia moderna, que tem representado uma revolução não apenas no pensamento indiano como mesmo, em todo mundo. Pensadores com Raimon Panikkar, Muhammad Yunus ou Vandana Shiva merecem ser conhecidos por suas propostas inovadoras e criativas, mas que não perderam seu alicerce nas tradições.

Por fim, a escolha dos trechos visa representar algumas idéias fundamentais dessa civilização – e dentro da proposta desse livro, foram inevitáveis as omissões. Esperamos, porém, que uma idéia

geral sobre a história indiana possa ser construída a partir dessa antologia.

Introdução

Como afirmamos na introdução, a percepção indiana tradicional da história é bem diferente daquela desenvolvida no Ocidente. Durante séculos, o hinduísmo pouco se importou com o registro da materialidade, mas sim, com os elementos presentes na narrativa que denotariam as ‘verdades superiores’ da religião. Com isso, os indianos praticaram (por assim dizer) uma história muito semelhante aquela do modelo homérico ou hesiodiano, panorama que só veio a se modificar em dois momentos marcantes: a invasão muçulmana da era mogul e a invasão inglesa. Em ambas, a cultura indiana se defrontou com perspectivas diferentes; e como sempre, as analisou, pesou com cuidado e absorveu o que julgava interessante. Recentemente, porém, pensadores com formação europeizada, como K. Panikkar, R. Thapar e R. Panikkar (sem parentesco com K. Panikkar) reelaboraram o pensamento indiano em relação a história, adaptando as teorias ocidentais para o entendimento da trajetória dessa civilização. O que veremos nessa seleção é, pois: no Rig Veda (séc. -15?) o famoso canto da criação do universo, o Purusha sukta, pedra fundamental para justificar o funcionamento das castas; depois, no Brahmana (séc. -10?), a versão do dilúvio indiano, do qual se salvou Manu, o criador da civilização indiana e autor do Manavadharmashastra; uma história do Mahabharata (séc. -3?) apresenta-nos o estilo inconfundível na narrativa épica; por outro lado, a jataka budista (séc. -4?) lança a modalidade autobiográfica da vida dos santos, contrapondo-se ao suposto idealismo da narrativa

indiana; das leis de Manu (séc. -6?), a explicação da noção de tempo (yugas) no hinduísmo tradicional, e das eras da humanidade; o conto do Panchatantra (séc. +3?) ilustra o aspecto moralista da história, mesmo que esta seja uma parábola; no entanto, o texto do Rajatarangni, feito na Kashemira em torno do séc. +12, se propõe uma cronologia mais atenta ao desenrolar dos acontecimentos, situando-os, inclusive, no espaço-tempo; logo depois, a crônica do governante muçulmano (moguls) da Índia, Akbar (1542-1605) apresenta aos indianos um modo diferente de fazer história, vindo da cultura persa, e extremamente preocupado com as datas e a descrição dos acontecimentos; contudo, a influência dessa visão seria limitada, e teria que aguardar a vinda das teorias européias para a construção de uma nova história indiana. Kavalam Panikkar (1895-1963) foi um dos primeiros indianos a reconstruir a história da Ásia numa visão pós-colonial, usando uma criticidade criativa e inovadora; Raimon Panikkar (1918-2010) filósofo e intelectual hindu-espanhol aprofunda a análise da história tradicional indiana, traduzindo-a ao entendimento ocidental; por fim, um trecho da atual versão da história revisionista indiana, nacionalista e indocentrista, que busca resgatar o passado indiano dentro de uma perspectiva legitimadora do hinduísmo; e a crítica de Romila Thapar, historiadora indiana ativa e contestadora, que defende uma história indiana autêntica mas livre das pressões do revisionismo nacionalista.

No mais, insisto: as datações dos documentos antigos são vagas e imprecisas. Peço ao leitor que compreenda que o pensamento indiano tradicional dispensa esses marcos históricos, atendo-se ao sentido do documento, o que lhe proporciona esse caráter

ahistórico- e, porém, amplamente durável – que marca grande parte da literatura indiana.

1. Origens, de acordo com o Rig Veda

Mil cabeças tem Purusha, mil olhos, mil pés.

Por toda parte impregnando a terra ele enche um espaço com dez dedos de largura.

Esse Purusha é tudo que até agora já foi e tudo que será, o senhor da imortalidade que se torna maior ainda pelo alimento.

Tão poderosa é sua grandeza! Sim, maior do que isto é Purusha.

Todas as criaturas são uma quarta parte dele, três quartas partes são a vida eterna no céu.

Com três quartos Purusha subiu; um quarto dele novamente estava aqui.

Daí saiu para todos os lados por sobre o que come e o que não come.

Dele nasceu Viraj (a); e novamente de Viraj nasceu Purusha.

Assim que nasceu, espalhou-se para oriente e ocidente sobre a terra.

Quando os deuses prepararam o Sacrifício com Purusha como sua oferenda,

Seu óleo foi a primavera; a dádiva santa foi o outono; o verão foi a madeira.

Eles embalsamaram como vítima sobre a grama o Purusha nascido no tempo mais antigo.

Com ele as deidades e todos os Sadhyas e Rishis (b) fizeram sacrifício.

Desse grande Sacrifício geral a gordura que gotejava foi colhida.

Ele formou as criaturas do ar, os animais selvagens e domesticados.

Daquele grande Sacrifício geral Rics (c) e hinos-Sama (d) nasceram;

Daí foram produzidos encantamentos e sortilégios; os Yajus (e) surgiram disso.

Dele nasceram os cavalos e todo o gado com duas fileiras de dentes; Dele se reuniu o gado bovino, dele nasceram cabras e ovelhas.

Quando dividiram Purusha, quantos pedaços fizeram?

A que chamam sua boca, seus braços? A que chamam suas coxas e pés?

O Brâmane (f) foi sua boca, de ambos os seus braços foi feito o Rajanya (xátria). Suas coxas tornaram-se o vaixá, de seus pés o sudra foi produzido.

A Lua foi engendrada de sua mente, e de seu olho o Sol nasceu; Indra e Agni nasceram de sua boca, e Vayu de seu alento.

De seu umbigo veio a atmosfera; o céu foi modelado de sua cabeça;

A terra de seus pés, e de suas orelhas as regiões. Assim eles formaram os mundos.

Sete bastões de luta tinha ele, três vezes sete camadas de combustível foram preparadas,

Quando os deuses, oferecendo o sacrifício, manietaram sua vítima, Purusha.

Os deuses, sacrificando, sacrificaram a vítima; estes foram os primeiros sacramentos.

Os poderosos chegaram às alturas do céu, lá onde os Sadhjas, deuses antigos, estão morando.

a) Contrapartida feminina do principio masculino, Purusha.

b) santos e profetas de tempos antigos.

c) Estrofes do Rig-veda.

d) Estrofe do Sama-veda.

e) Fórmulas rituais do Yajur-veda.

f) As quatro classes sociais.

2. História mítica (episódio do dilúvio), do Sataphata Brahmana
Pela manhã trouxeram a Manu água para se lavar, assim como hoje trazem água para lavar as mãos. Quando se lavava, um peixe veio ter as suas mãos.

O peixe lhe disse: "Ajuda-me, eu te salvarei!" Do que me salvaras?'

"Uma enchente varrerá todas estas criaturas - disso te salvarei!"

"Como te devo ajudar?"

O peixe lhe disse: "Enquanto somos pequenos, há grande destruição para nós e um peixe devora o outro. Tu me manterás primeiro em uma jarra. Quando eu crescer, tu cavarás um poço e me manterás nele. Quando eu crescer mais, tu me levarás ao mar, pois estarei então além da destruição".

O peixe logo se tornou grande, com o que disse: "Em tal e qual ano a enchente virá. Tu ouvirás então o meu conselho, preparando um navio; e quando a enchente chegar tu entrarás no navio e eu te salvarei dela".

Depois de criado desse modo, ele o levou para o mar. E no mesmo ano que o peixe dissera ele ouviu seu conselho, preparando um navio; e quando a enchente chegou, ele entrou no navio. O peixe então nadou para ele e a seu chifre ele atou a corda do navio, passando assim rapidamente para outra montanha no norte. Ele disse então: "Eu te salvei. Amarra o navio à uma árvore, mas não deixa a água te levar, enquanto estiveres na montanha. A medida que a água baixar, tu poderás descer gradualmente!" Assim fazendo, ele desceu gradualmente e por isso aquela encosta da montanha ao

norte se chama "a descida de Manu". A enchente então varreu todas estas criaturas e somente Manu ficou aqui.

3. História épica no Mahabharata

Havia outrora um rei chamado Asvapati, que tinha uma filha tão formosa e meiga que lhe deram o nome de Savitri, o de uma sagrada oração dos hindus.

Quando a moça chegou à idade núbil, seu pai mandou que escolhesse marido, de acordo com sua vontade, pois na antiga Índia não se conhecia nem por sombra o que hoje se chama razão de Estado nas monarquias, sendo as princesas reais donas absolutas dos seus sentimentos amorosos.

Savitri aceitou o conselho de seu pai. A carruagem real, acompanhada de brilhante escolta e antigos potentados que dela cuidaram, visitou varias cortes vizinhas e outros reinos distantes, sem que nenhum príncipe conseguisse sensibilizar seu coração. Aconteceu que a comitiva passou por uma ermida localizada em um daqueles bosques da índia antiga, em que a caça era proibida, de sorte que os animais que ali habitavam haviam perdido todo temor ao homem e até os peixes dos lagos apanhavam com a boca as migalhas de pão que se lhes davam com as mãos.

Havia milhares de anos que não se matava nenhum ser naquele bosque; os sábios e os anciãos desgostados do mundo retiravam-se para lá a fim de viverem em companhia dos cervos, das aves, entregando-se à meditação e a exercícios espirituais pelo resto da vida.

Sucedeu que um rei, chamado Dyumatsena, já velho e cego, vencido e destronado por seus inimigos, refugiou-se no bosque fechado com

sua esposa, a rainha, os seus filhos dos quais o mais velho se chamava Satvavân, e ali passava asceticamente a vida, em rigorosa penitência.

Na antiga Índia, era costume que todo rei ou príncipe, por mais poderoso que fosse, ao passar pela ermida de um varão sábio e santo, retirado do mundo, se detivesse para tributar-lhe homenagem; tal era o respeito e a veneração que os reis prestavam aos yogis e aos rishis.

O mais poderoso monarca da Índia sentia-se honrado quando podia demonstrar sua descendência de algum yogi ou rishi que tivesse vivido no bosque, alimentando-se de frutas, raízes e coberto de andrajos.

Assim é que quando se aproximavam a cavalo de alguma ermida, apeavam-se muito antes de chegar a ela e andavam a pé até o local onde estava o eremita. Se iam de carro e armados, também desciam, despojavam-se de seus arreios militares e depois entravam na ermida, pois era costume que ninguém entrasse naqueles sagrados retiros ou ashram, como eram chamados, com armamentos militares, mas sim com atitude serena, pacífica, humilde.

Fiel ao costume, Savitri penetrou na ermida do bosque sagrado e, ao ver Satyavân, filho do destronado rei eremita, ficou profundamente apaixonada por ele. Ela já havia desprezado os príncipes de todas as cortes e unicamente o filho do destronado Dytimatsena lhe havia roubado o coração.

Quando a comitiva regressou à corte, o rei Asvapati perguntou à filha:

- Diz-me, Savitri, querida filha, vistes alguém digno de ser teu esposo?

- Sim, pai querido, – respondeu Savitri ruborizada.

- Qual o nome do príncipe?

– Já não é príncipe, meu pai, por que é filho do rei Dyumatsena, que perdeu o reino. Não tem patrimônio e vive como um sannyasi no bosque, colhendo ervas e raízes para alimentar-se e manter seus velhos pais, corri quem mora em uma cabana.

Ao ouvir isto dos lábios de sua filha, o rei Asvapati consultou o sábio Narada, que se achava presente. Este declarou que aquela escolha era o mais funesto presságio que a princesa havia feito.

O rei pediu então a Nârada que explicasse os motivos de sua declaração e ele respondeu:

- Daqui a um ano esse jovem morrerá.

Aterrorizado por esse vaticínio, disse o pai à filha:

- Pensa, Savitri, quê o jovem que escolheste morrerá dentro de um ano e ficarás viúva. Desiste da escolha, filha minha, e não te cases com um jovem de tão curta Vida.

Savitri, porém, respondeu:

-Não importa, meu pai. Não me peças que me case com outro e sacrifique a castidade de minha mente, porque em meu pensamento e em meu coração amo ao valente e virtuoso Satyavân e o escolhi para esposo. Uma donzela escolhe uma só vez e jamais quebra sua fidelidade.

4. História Budista, do Mohijima nikaya

Eu também, monges, antes do meu total despertar, quando era ainda bodhisatta, não totalmente desperto, e pelo fato de que estava sujeito ao nascimento, devido ao eu, buscava o que estava igualmente sujeito ao nascimento, etc. Veio-me esta idéia: Por que,

sujeito ao nascimento devido ao eu, busco o que é igualmente sujeito ao nascimento?.. etc. Se [sendo] sujeito ao nascimento devido ao eu, tendo percebido o perigo no que é igualmente sujeito ao nascimento, buscasse o não nascido, a segurança absoluta contra a escravidão, o nirvana; E se, sujeito à velhice, à morte, à dor, à impureza devido ao eu, tendo percebido o perigo no que está igualmente sujeito a estes estados, eu buscasse o que é sem velhice, sem morte, sem dor, sem mácula, a segurança absoluta contra a escravidão, o nirvana?

Então abandonei meu lar para viver sem lar, em busca do que é bom, buscando a incomparável vereda da paz. Eu me dirigi primeiro para junto de Alāra Kālāma, depois para Uddaka Rāmaputta; mas do dhamma e da disciplina destes dois [mestres] compreendi o seguinte: este dhamma não conduz à indiferença, à impassibilidade, à cessação, à tranqüilidade, ao conhecimento superior, ao despertar, ao nirvana, mas somente com Alāra, até o plano de aniquilamento do eu; com Uddaka, até o plano de nem percepção nem não percepção. Então, buscando o que é bom, buscando a incomparável vereda da paz, e percorrendo a pé o Magadha, terminei por chegar a Uruvelā, a Povoação do Campo. Ali eu vi uma deliciosa extensão de terreno plano, um bosque encantador, um rio que corria com águas bem claras; não muito longe havia uma aldeia onde era possível viver. Pensei: a um jovem que está resolvido a fazer esforços, que mais necessitaria para seus esforços? Sentei-me, pois, ali, achando o local conveniente para meus esforços. Então, ó monges, sujeito ao nascimento devido ao eu, tendo percebido o perigo no que está igualmente sujeito ao nascimento, e procurando o não-nascido, a segurança absoluta contra a escravidão, o nirvana, encontrei meu caminho até o não nascido, até a segurança absoluta contra a

escravidão, o nirvana... procurando o que não envelhece... o que não morre... o que é sem dor... encontrei meu caminho até o que não conhece nem velhice, nem morte, nem dor. Então sujeito à impureza devido ao eu, tenho percebido o perigo no que está igualmente sujeito à impureza, buscando o imaculado, a segurança absoluta contra a escravidão, o nirvana, consegui o imaculado, a segurança absoluta contra a escravidão, o nirvana. Conhecimento e visão surgiram em mim: inabalável é minha liberdade, este meu último nascimento, não mais existe novo porvir.

5. As Yugas (Eras) hinduístas, no Manavadharmashastra

Mas ouçam agora a breve descrição da duração de uma noite e um dia de Brahman e das diversas idades do mundo, de acordo com sua ordem.

Eles declaram que a idade de Krita consiste em quatro mil anos dos deuses; o crepúsculo antes dela consiste em outras tantas centenas, e o crepúsculo seguinte no mesmo número. Nas outras três idades, com seus crepúsculos antecedendo e seguindo, os milhares e centenas são diminuídos de um em cada. Esses doze mil anos que foram assim mencionados como o total de quatro idades humanas são chamados uma idade dos deuses. Mas saibam que a soma de mil idades dos deuses forma um dia de Brahman, e que sua noite tem a mesma duração.

Somente aqueles, que sabem que o dia santo de Brahman na verdade termina depois de completarem-se mil idades dos deuses e que sua noite dura outro tanto, são os homens conhecedores da duração dos dias e noites.

Ao final daquele dia e noite, aquele que dormia desperta e, depois

disso, cria a mente, que é tanto real quanto irreal. A mente, impelida pelo desejo de Brahman de criar, executa o trabalho da criação modificando-se, com o que o éter é produzido; eles declaram que o som é a qualidade deste último.

Mas do éter, modificando a si próprio, surge o vento puro e poderoso, veículo de todos os perfumes; a esse é atribuída a qualidade do tato.

Em seguida ao vento, que se modifica sozinho, sai a luz brilhante, que ilumina e desfaz a treva; a ela se atribui a qualidade da cor; E da luz, modificando-se, produz a água, que tem a qualidade do paladar, e da água a terra que tem a qualidade do olfato; tal é a criação no início.

A idade mencionada antes, a dos deuses, ou doze mil de seus anos, multiplicada por setenta e um, constitui o que aqui se chama o Período de um Manu. Os Períodos de um Manu, criações e destruições do mundo, são inúmeros; divertindo-se, por assim dizer, Brama repete isso infinitamente.

Na idade de Krita, Dharma tem quatro pés e é inteiro, e assim também é a Verdade; nem tampouco advém qualquer benefício aos homens por andarem eretos. Nas três outras idades, devido a ganhos injustos, Dharma é sucessivamente privado de um pé, e pela existência de roubo, falsidade e fraude o mérito ganho pelos homens é diminuído numa quarta parte em cada um.

Os homens acham-se livres de doença, atingem todos os seus objetivos e vivem quatrocentos anos na idade de Krita, mas na idade de Treta e em cada qual das subseqüentes sua vida é encurtada de uma quarta parte.

A vida dos mortais, mencionada nos Vedas, os resultados desejados

dos ritos sacrificais e o poder sobrenatural dos espíritos incorporados são frutos proporcionados entre os homens, de acordo com o caráter da idade.

Um conjunto de deveres é prescrito aos homens na idade de Krita, deveres diferentes na idade de Treta e na de Dvapara, e outra vez novo conjunto na idade de Kali, em proporção na qual tais idades diminuem em duração.

Na idade de Krita a virtude principal é afirmada como sendo a execução de austeridades, na de Treta o conhecimento divino, na de Dvapara a realização de sacrifícios, na de Kali somente a liberalidade.

6. História moralista, do Panchatantra

Havia uma vez um Brâmane chamado “Crente”, numa certa cidade. Sua mulher criava um único filho e um mangusto. E como gostava dos pequeninos, cuidava também do mangusto como de um filho, dando-lhe leite do seu seio, remédios e banhos, e assim por diante. Mas não tinha confiança nele, porque pensava - o mangusto é uma criatura ruim. Poderia fazer mal a meu filho.

Um dia ela aconchegou o filho na cama, apanhou uma bilha d’água e disse ao marido: - Olha, professor, eu vou buscar água. Você precisa proteger o menino contra o mangusto. Mas depois dela ter saído, o Brâmane também saiu para mendigar comida, deixando a casa vazia.

Enquanto este estava fora, uma cobra preta saiu de seu buraco, e de acordo com o destino, esgueirou-se para o berço do bebê. Mas o Mangusto, sentindo nela um inimigo natural, e temendo pela vida de seu irmãozinho, caiu sobre a malvada serpente, lutou com

ela, fê-la em pedaços, e atirou-os longe. Então, encantado com seu heroísmo, correu, com o sangue ainda a escorrer-lhe da boca, ao encontro da mãe, porque queria mostrar o que fizera.

Mas, quando a mãe o viu chegando, viu sua boca ensangüentada em seu nervosismo, pensou que o miserável tivesse comido seu filhinho, e sem refletir, raivosamente atirou a bilha d'água em cima dele, matando-o instantaneamente. Lá o abandonou sem mais delongas, e apressou-se em voltar para casa, onde encontrou bebê são e salvo, e junto ao berço uma enorme cobra preta em pedaços. Então, abismada de dor, porque matara irrefletidamente o seu benfeitor, seu filho, pôs-se a bater na cabeça e no peito

Nesse momento chegou o Brâmane com uma travessa de caldo de arroz, que conseguira de alguém nas suas voltas de pedinte, e viu a mulher amargamente lamentando o filho, o pobre mangusto: - Ambicioso! Ambicioso! Gritou ela. Porque você não fez o que eu lhe disse, tem agora que sofrer a amargura da morte de um filho, o fruto da árvore da sua maldade. Sim, isto é o que acontece aos que se deixam cegar pela voracidade.

7. Crônica histórica, do Rajatarangini

Nessa época, os budistas preponderavam no país e gozavam da proteção do sábio bodisatva nagarjuna. Como haviam derrotado as controvérsias com todas as pessoas sabias e ilustres que os cercavam, esses adeptos da heresia e inimigos da tradição haviam proibido os ritos prescritos no Nila purana (purana da serpente Nila, fundadora mítica da Kashemira). Os costumes do país mudaram, e os naga (divindades protetoras da kashemira), ao ver que não haviam mais oferendas, fizeram cair muita neve, causando a perda

de inúmeras vidas. A neve continuou a cair ano após ano, para desespero dos budistas, de modo que até mesmo o rei, na estação fria, buscou abrigo em Darvabísara e em outras localidades mais quentes. Havia um poder miraculoso que só os brâmanes praticantes dos ritos e das oferendas conheciam que os impedia de morrer, enquanto os budistas corriam para sua ruína total. Foi quando chegou um brâmane chamado Chandradeva, nascido de Kasyapam que praticou austeridades em honra a Nila, amo dos nag e protetor do país. Nila se manifestou ele, afastou do país os desastres e a neve e com isso se voltou a praticar os ritos prescritos no Nila purana.

8. Akbarnama – história islâmica na Índia

Às 9 horas e 21 minutos da noite de domingo, 8º de shaban, ano lunar de 972 e 11 de março de 1565, como sol entrando na casa do grande triunfo e exaltação, começou o 10º ano de reinado de sua Divina majestade Shāhinshāh.

[...]

Entre os principais eventos do ano foi a fundação do Forte de Agra. Não é desconhecido das mentes da matemática e aquelas familiarizadas com o mecanismo das esferas que desde que o criador do mundo adornou o tempo e o espaço com a existência do Shāhinshāh a fim de que a série de criações pudessem ser aperfeiçoadas, e que os sábios de coração pudessem, cada um, cumprir seus papéis no mundo. De uma só vez ele preparou os funcionários do governo, aperfeiçoando a terra para a natureza animada para melhorar a agricultura de irrigação e da semeadura das sementes. Em outro momento ele estabeleceu o domínio espiritual e temporal através da construção de fortalezas para a

proteção da produção e na guarda de honra e prestígio. Foi assim que ele, neste momento, deu indicações para o edifício em Agra, que pela posição é o centro de Hindustão, e sendo uma grande fortaleza, como poderia ser digno dele, corresponde à dignidade de seus domínios. Uma ordem foi emitida para que o velho forte que fora construído na margem leste do Jamna, e cujos pilares foram abalados pelas revoluções do tempo e os choques da fortuna, fosse removido, e que uma fortaleza inexpugnável deveria ser construída de pedras lavradas. Deveria ser estável como o fundamento do domínio da família sublime e permanente como os pilares de sua fortuna. Assim, nobres de espírito, matemáticos e arquitetos capazes lançaram os alicerces deste grande edifício em um momento que foi supremo para o estabelecimento de uma fortaleza desse tipo. As escavações foram feitas através de sete camadas da terra. A largura da parede tinha três jardas Badshahi e sua altura era de sessenta metros. Foi equipado com quatro portas, tal qual as portas de seus domínios foram abertas para os quatro cantos do mundo. Todos os dias 3 a 4 mil construtores ativos e soldados fortemente armados realizavam o trabalho. Das fundações para as ameias, a fortaleza foi composta de pedras lavradas, cada um das quais foi polida como um espelho do revelador do mundo, refletindo o rosto da fortuna. E eles eram tão unidas que um fio de cabelo não poderia encontrar lugar entre eles. Esta fortaleza sublime, como a de que nunca tinha sido visto por um geômetra fabuloso, foi concluída com suas ameias, parapeito, e suas seteiras no espaço de oito anos sob a superintendência fiel de Qasim Khān Mir Barr u Bahr.

9. História pós-colonialista de K. M. Panikkar

As novas instituições democráticas da Ásia podem portanto não durar mais que algumas gerações, ou tornarem-se rapidamente réplicas das instituições liberianas, nem por isso é menos verdade que os princípios de governo vindos do ocidente modificam totalmente a Ásia e que sua influencia ainda se fará sentir por muito tempo. É que as novas estruturas sociais se refletem necessariamente em novas instituições políticas; e, mais precisamente, a participação no comercio mundial, a industrialização e seus corolários, a acumulação de riquezas e a organização do trabalho, o desenvolvimento de uma vida urbana diferente do que se desenvolvia nas grandes capitais do passado, todos esses fatores, apenas para citar esses, tornam inconcebível um retorno as antigas estruturas políticas, que se baseavam numa economia rural e nos rendimentos da terra. É evidente que a estrutura política dos países asiáticos que hoje imitam servilmente as instituições ocidentais evoluirá com o tempo e se afastara das tradições européias. Mas qualquer retorno a uma tradição puramente asiática é vedado pelo advento de novas forças sociais, econômicas e políticas, que até aqui nenhum país asiático conheceria.

10. Crítica da História Tradicional, de Raimon Panikkar

A visão que um povo tem da história revela a maneira como compreende seu próprio passado e o assimila no presente. Mas não é tanto a interpretação escrita quanto o modo de viver e reviver o passado que testemunha a atitude do povo em face da história. Ora, a Índia viveu seu passado muito mais por seus mitos do que pela

interpretação de sua história, enquanto lembrança dos acontecimentos passados. Não que esta última esteja ausente- em certas regiões tem-se mesmo uma consciência aguda nesse sentido – mas faltam critérios de diferenciação entre mito e história, fato desconcertante para o espírito ocidental, que não vê que seu mito próprio é, precisamente, a história. [...] trata-se, portanto, do mito como homólogo da história. As expressões consagradas para “história mítica” ou “mito histórico” – ambas inseparáveis – são por um lado: itahasas (foi assim) , que designa a literatura épica, e por outro lado: purana (narrativa antiga), que designa a literatura mais propriamente mítica, onde se misturam evidentemente elementos históricos. A relação entre mito e história não deve ser concebida como uma relação entre lenda e verdade, mas como duas maneiras de ver o mesmo horizonte da realidade, que é interpretado como mito por quem está de fora e como história por quem está dentro. Aquilo que, no ocidente, preenche a função da história é o que na Índia o ocidental chamaria de mito. Em outras palavras, aquilo que o ocidental chama, no ocidente, de história, é vivido pelos hindus como mito. E também vice-versa: aquilo que na Índia possui o grau de realidade na história é o que no ocidente o hindu chamaria de mito. Em outras palavras, o que o hindu chamaria na Índia, de história, é vivido pelos ocidentais como mito. Do ponto de vista ocidental não é a história que tem importância no ponto de vista dos hindus, mas é precisamente mito tudo o que tem alguma importância na consciência histórica do povo. Os personagens e acontecimentos que marcam profundamente e inspiram a vida dos hindus (em termos ocidentais, que tem peso histórico) formam necessariamente mitos, pois todo acontecimento que possui uma

consistência, digamos, existencial, entra no mito. O grau de realidade do ‘mito’ é maior que o da ‘história’. Poderíamos ilustrar essa afirmação, reportando-nos a reação popular ao momento do nascimento de Bangladesh. O processo de criação dos mitos não terminou: M. Eliade mostrou de modo suficiente que o ‘homem arcaico’ se interessa mais pelos arquétipos do que pela unicidade da situação histórica. Se estamos prontos a aceitar que esta ‘consciência mítica’ corresponde à consciência histórica ocidental, ao menos em sua função de preservar e integrar o passado, é preciso afirmar que a Índia não refletiu muito sobre a ‘história’, mas assimilou de um modo orgânico no ‘mito’.

11. História nacionalista indiana – Siddhartha Jaiswal

O que eu não sabia era que a Teoria da Invasão Ariana (AIT), que sempre foi contestada por proeminentes estudiosos indianos, foi caindo em descrédito entre os historiadores atuais também. Eu aprendi muito mais tarde que AIT foi desenvolvida pelos historiadores eurocêntricos, e que mantinham certas tendências a respeito da cultura indiana. Hoje, no entanto, AIT não é mais aceita como fato. Mas porque é que o debate sobre a questão AIT tem pressionando a Índia moderna? A resposta é que AIT tem várias implicações sérias para os indianos, especialmente em nossa sociedade contemporânea. Primeiro, a crença em uma origem estrangeira da cultura indiana tem marginalizado a importância da história da Índia, para muitos, como eu. Também tem levado muitos hindus educados a desenvolver sentimentos de vergonha e uma atitude eurocêntrica em direção a sua própria cultura. Segundo, AIT tem um impacto decididamente negativo sobre as ideologias

indianas contemporâneas políticas e sociais. Ela criou divisões entre Norte e Sul indianos, diferentes grupos étnicos, e entre as castas. Finalmente, AIT precisa ser descartado pelas exigências da verdade histórica. A psique indiana e o sistema social tem sofrido muito por causa AIT, e alguma medida de justiça deve ser exigida antes que estas feridas possam curar. Pela AIT estar em descrédito, os indianos podem recuperar o orgulho da sua história antiga e gloriosa, e usá-lo como uma base para construir um Índia mais unida, mais forte. [...]

Para que fins foi utilizado a AIT pelos colonizadores na Índia? Ela serviu principalmente como uma ferramenta para a justificação da presença britânica na Índia. Os britânicos argumentaram que eles estavam fazendo apenas o que tinha sido feito séculos antes pelos arianos. Com efeito, ela criou um meio para aos britânico para racionalizar sua exploração brutal e dominação da Índia. Ele também parecia diminuir a gravidade das invasões igualmente brutais dos muçulmanos na Índia antes da chegada britânico. [...]

12. Crítica moderna a história revisionista indiana, de Romila Thapar

Você tem se oposto fortemente à tentativa de se usar a história como apoio à ideologia de nacionalismo religioso promovida pelo partido hindu de direita Bharatiya Janata (BJP), que esteve no poder de 1998 a 2004. Houve uma tentativa, ao mesmo tempo, de reescrever os livros didáticos indianos. Como a reescrita da história em apoio à ideologia política recente afeta os direitos humanos?

Deixe-me esclarecer aqui que minha luta foi contra o governo liderado pelo BJP e contra a visão Hindutva (de “hinduidade”) da

história indiana e não contra outros governos da Índia. O lobby Hindutva que insistia em mudanças nos livros didáticos indianos defende um ultranacionalismo hindu de direita (freqüentemente descrito como fundamentalismo hindu) e está tentando propagar uma história revisionista nas salas de aula e no discurso político. A organização-mãe na Índia, conhecida como Rashtriya Swayamsevak Sangh (RSS), tem uma agenda política distintamente marcada pelo fundamentalismo religioso. A RSS e seu braço político, o partido Bharatiya Janata (BJP), ganharam poder ao derrotarem os indianos secularistas moderados por meio da exploração dos sentimentos nacionalistas hindus. A RSS tem estado envolvida em vários graves incidentes de violência motivados por motivos religiosos durante os últimos 20 anos.

A controvérsia sobre o meu trabalho envolveu alguns livros didáticos que escrevi para escolas das últimas séries do ensino fundamental nos quais eu falava sobre as vidas dos arianos conforme as conhecemos nos textos védicos. Mencionei, por exemplo, que os indianos antigos comiam carne bovina: as referências nos textos védicos são claras e há evidência arqueológica disso. A direita hindu enalteceu os arianos como o grande modelo de sociedade da Índia antiga e se opôs a qualquer crítica a eles. Quando eles se opuseram a isso e a outras de minhas afirmações, apresentei evidências tiradas dos textos como prova. Mas eles insistiram que as crianças não deviam aprender que se comia carne bovina nos tempos antigos. Minha reação foi dizer que é historicamente mais correto explicar às crianças porque se comia carne bovina antes e porque, mais tarde, se introduziu a proibição.

Embora o ataque a mim tenha sido cruel, não fui a única

historiadora atacada. Éramos seis os que haviam escrito os livros didáticos anteriores e houve também outros que falaram contra as mudanças no currículo escolar e nos livros didáticos pelo governo da época. Essas mudanças foram feitas sem consulta aos órgãos educacionais que normalmente deveriam ter sido consultados. O governo então nos caracterizou como anti-hindus, conseqüentemente anti-indianos, antipatrióticos e, portanto, traidores.

A exclusão de algumas passagens em nossos livros e a proibição de qualquer discussão sobre as passagens excluídas levantaram uma série de questões de todos os tipos quanto aos direitos dos indivíduos e à ética das instituições governamentais.

[...]

A memória é uma coisa especialmente pessoal. Se levantada por um grupo, é reformulada como memória coletiva. Memórias coletivas, portanto, não são espontâneas. A memória de uma pessoa pode incitar a memória de outros e também criar um eco em outros. A reunião de todas as memórias, porém, é um ato deliberado.

A história, por definição, não é pessoal. Ela tem regras formais pelas quais se chega a uma conclusão particular. Ela é o produto final de um claro processo que envolve vários estágios, onde os dados são textuais e se utilizam registros escritos. O processo é muito, muito claro. Ele se torna um pouco mais ambíguo na arqueologia, por exemplo, quando se lida com artefatos que precisam ser interpretados por um arqueólogo. Eles dizem pouco em si mesmos e o arqueólogo precisa tentar representar o que o objeto significa. Na realidade, isso também se aplica aos dados textuais, porque o historiador precisa interpretar o texto e obter mais dados a partir

dele.

A separação mais difícil entre memória e história acontece na história oral, onde os dados se limitam à memória e o processamento se torna muito mais difícil.

O papel da memória é muito importante para que se relembre a parte dela que diz respeito aos direitos humanos. A ênfase é sobre o fato de que há certos direitos que são fundamentais e que precisam ser reiterados para cada geração. A memória que acompanha eventos passados relacionados a esses direitos é muito importante. Mas a memória também pode ser maltratada, como quando se fala em corrigir erros do passado. Esse é um apelo a um tipo de memória muito diferente da que diz respeito aos direitos humanos e que traz resultados igualmente diversos.

Introdução

O que podemos de chamar de ‘filosofia’ na Índia trata-se, na verdade, de uma especulação sensível e profunda sobre os pilares fundamentais da religião hinduísta. Organizada em 6 darshanas básicas (Nyaya, Vaisesika, Mimansa, Vedanta, Sankya e Yoga), esse pensamento ainda teve as contribuições da escola materialista (Carvaka), dos budistas, jainas e finalmente, dos pensadores modernos, como Gandhi e R. Panikkar. Aparentemente, a filosofia indiana se confundiria com a religiosidade, mas esse é um engano causado por leituras superficiais. A filosofia indiana tratou, na verdade, de investigar os discursos religiosos de modo a estabelecer teorias e metodologias sobre eles – ou mesmo, negá-los, se fosse necessário. Daí a razão pela qual os indianos obtiveram avanços significativos na área da metafísica e da linguagem, deixando de lado outras áreas. Como afirmamos antes, a filosofia indiana partia dos elementos míticos – como a reencarnação, por exemplo – e estabelecia discussões do tipo: como comprová-la, como percebê-la?; se ela existia, como funcionava? Alguns dos métodos desenvolvidos para investigar e/ou alcançar níveis diferenciados de consciência (como a yoga e a meditação) desenvolveram-se em níveis desconhecidos no ocidente, e são hoje objetos de análise da filosofia da mente e da neurofisiologia.

Nessa seleção veremos, pois, já no Rig-veda, uma das muitas variantes da idéia de criação do universo, e da existência de uma divindade criadora – no entanto, note-se a especulação ousada e

profunda sobre a realidade onipotente da criação (ou do criador); no Mundaka e no Chandogya upanishads (séc. -7?), observamos a conclusão de um longo processo de análise dos tempos védicos sobre essa literatura religiosa, colocando em causa o entendimento do que seria a alma e o conhecimento; do Shiva samhita (séc. +18?), uma definição do conceito fundamental de ilusão material (Maya); no seguir, fragmentos das seis darshanas básicas do hinduísmo; depois, a escola Carvaka, tântrica, Jaina e Budista (com o fundamental discurso das quatro nobres verdades), todas do período aproximado dos sécs. – 7 a – 4; por fim, a re-intepretação do pensamento indiano tradicional na ética Satyagraha de Gandhi (1869-1948), a sophia perennis de Ananda Coomaraswamy (1877-1947), um dos fundadores de uma ‘Teofilosofia’ que conjugava elementos de diversas tradições filosóficas e foi um dos pilares do esoterismo moderno (embora fosse um autor sério e de vasto conhecimento); a filosofia intercultural de R. Panikkar e o Ecofeminismo social de Vandana Shiva, autora moderna que adaptou os ensinamentos de Gandhi à consciência ecológica e social para transformar a sociedade indiana.

13. Especulação cosmogônica no Rig veda

Não havia então não-existência nem existência; não havia o reino do ar nem o firmamento por trás dele.

O que protegia e onde? e o que dava abrigo? Estava ali a água, a desmedida profundidade da água?

Não havia morte então, nem havia algo imortal; não havia sinal ali, o divisor do dia e da noite.

Aquela Coisa Una, sem vida, vivia por sua própria natureza; além

dela nada mais havia.

As trevas lá estavam; a princípio escondido nas trevas Tudo era um caos indiscriminado.

Tudo que existia então era vazio e informe. Mas pelo grande poder do Calor nasceu aquela Unidade.

A seguir, surgiu o Desejo no começo, o Desejo, a semente e o germe primordial do Espírito.

Os sábios que buscavam com o pensamento de seus corações descobriram o parentesco do existente no não-existente.

Transversalmente estava estendida uma linha de separação: o que, então, havia acima e abaixo dela?

Havia progenitores, havia forças poderosas, ali havia ação livre e energia mais além.

Quem verdadeiramente conhece e quem pode aqui declarar de onde nasceu e de onde veio essa criação?

Os deuses são posteriores a essa produção do mundo. Quem sabe então como se originou?

Ele, a primeira origem da criação, formou tudo ou não formou.

Na verdade, Ele, cujo olho vela pelo mundo nos altos céus, sabe ou talvez não saiba.

14. O Conhecimento superior, no mundaka upanishad

DO INFINITO OCEANO da existência surgiu Brahman, primogênito e o primeiro entre os deuses. Dele jorrou o Universo, e ele se tornou seu protetor. O conhecimento de Brahman, alicerce de todo conhecimento, ele revelou a seu filho primogênito, Atharva. Atharva, por sua vez, ensinou esse mesmo conhecimento de Brahman a Angi. Angi ensinou-o a Satyabaha, que o revelou a

Angiras.

Certa vez, Sounaka, o famoso chefe de família, dirigiu-se a Angiras e perguntou-lhe respeitosamente:

"Sagrado senhor, o que é aquilo através do qual todo o resto é conhecido ?"

"Aqueles que conhecem Brahman ", replicou Angiras, "dizem que existem dois tipos de conhecimento, o superior e o inferior.

"O inferior é o conhecimento dos Vedas (O Rig, O Sama, O Yajur e o Atharva), e também o conhecimento da fonética, dos cerimoniais, da gramática, da etimologia, da métrica e da astronomia".

"O mais elevado é o conhecimento daquilo através do qual se conhece a realidade imutável. Através disso, é totalmente revelado aos sábios aquilo que transcende os sentidos, que não tem causa, que é indefinível, que não tem olhos nem ouvidos, nem mãos nem pés, que tudo permeia, que é mais sutil do que o mais sutil - o que dura eternamente, a origem de tudo".

"Como a teia vem da aranha, como as plantas crescem do solo e o cabelo do corpo do homem, assim jorra o Universo do eterno Brahman".

"Brahman quis que fosse assim, e extraiu de si mesmo a causa material do Universo; disso veio a energia primordial; e da energia primordial a mente; da mente os elementos sutis; dos elementos sutis os diversos mundos; e de ações realizadas por seres nos diversos mundos a cadeia de causa e efeito - a recompensa e punição das ações".

"Brahman tudo vê, tudo sabe; ele é o próprio conhecimento. Dele nascem a inteligência cósmica, o nome, a forma, e a causa material de todos os seres criados e das coisas."

15. A discussão sobre a natureza dos seres, nos Upanishads

Quando Svetaketu tinha doze anos de idade, seu pai Uddalaka lhe disse: "Svetaketu, agora debes ir para a escola e estudar. Ninguém da nossa família, meu filho, é ignorante a respeito de Brahman."

Conseqüentemente, Svetaketu procurou um mestre e estudou por doze anos. Depois de decorar todos os Vedas, voltou para casa cheio de orgulho com seu aprendizado.

Seu pai, percebendo a vaidade do jovem, disse a ele: "Svetaketu, pediste aquele conhecimento pelo qual ouvimos o que não é audível, pelo qual percebemos o imperceptível, pelo qual conhecemos o incognoscível?"

"O que é esse conhecimento, senhor?", perguntou Svetaketu. "Meu filho, do mesmo modo como ao se conhecer um monte de barro, todas as coisas feitas de barro são conhecidas, havendo a diferença apenas no nome e surgindo da fala, sendo verdade que todas são de barro; do mesmo modo como ao se conhecer uma pepita de ouro, todas as coisas feitas de ouro são conhecidas, estando a diferença apenas no nome e surgindo da fala, sendo verdade que todas são ouro - exatamente assim é aquele conhecimento que, conhecendo-o, conhecemos tudo."

"Com toda a certeza, meus veneráveis mestres ignoram esse conhecimento; pois, se o possuísem, tê-lo-iam ensinado a mim. Ensina-me então, senhor, esse conhecimento."

"Assim seja", disse Uddalaka, e continuou então:

"No início havia a Existência, apenas Um, sem segundo. Alguns dizem que no início havia apenas a não-existência, e que dela nasceu o Universo. Porém, como poderia ser tal coisa? Como poderia a existência nascer da não-existência? Não, meu filho, no início havia

apenas a existência - somente Um, sem que houvesse outro. Ele, o Uno, pensou: Serei muitos, expandir-me-ei. Assim, projetou o Universo a partir de si mesmo, e entrou dentro de cada ser e de tudo. Tudo o que existe possui o seu ser somente nele. Ele é a verdade. Ele é a essência sutil de tudo. Ele é o Eu. E isso, Svetaketu, ISSO ÉS TU." "Por favor, senhor, digame mais a respeito desse Eu."

[...]

"Assim seja. Traze uma fruta daquela árvore Nyagrodha." "Aqui está, senhor." "Parte-a."

"Está partida, senhor."

"O que vê?"

"Algumas sementes, extremamente pequenas, senhor."

"Parte uma delas."

"Está partida, senhor."

"O que vê?"

"Nada, senhor."

"A essência sutil tu não a vê, e nela está o todo da árvore Nyagrodha. Acredita, meu filho, que naquilo que é a essência sutil - todas as coisas têm sua existência. Aquilo é a verdade. Aquilo é o Eu. E aquilo, Svetaketu, AQUILO ÉS TU!"

"Por favor, senhor, digame mais a respeito desse Eu."

"Assim seja. Coloca este sal na água, e volta aqui amanhã pela manhã." Svetaketu fez como lhe foi solicitado. Na manhã seguinte, seu pai pediu-lhe para trazer o sal que havia colocado na água.

Porém, ele não pôde fazê-lo porque o sal se havia dissolvido.

Uddalaka então disse:

"Prova a água e digame que gosto ela tem."

"Está salgada, senhor."

"Do mesmo modo", continuou Uddalaka, "embora não vejas Brahman neste corpo, na verdade ele está aqui. Naquilo que é a essência sutil - todas as coisas têm sua existência. Aquilo é a verdade. Aquilo é o Eu. E aquilo, Svetaketu, AQUILO ÉS TU."

16. O que é Maya (ilusão)? Shiva Samhita

Alguns louvam a verdade, outros a purificação e a ascensão; alguns louvam o perdão, outros a igualdade e sinceridade.

Alguns louvam a entrega da alma, outros louvam sacrifícios feitos em honra aos seus ancestrais; alguns louvam a ação (Karma), outros acham que a indiferença (Vairagya) é melhor.

Algumas pessoas sábias louvam o desempenho do dever doméstico, outros justificam o obstáculo do sacrifício do fogo como o mais elevado.

Alguns louvam o Mantra Yoga, outros freqüentam os lugares de peregrinação. Assim são os caminhos que as pessoas declaram 'emancipações'.

Sendo desse modo diversamente comprometidos nesse mundo, mesmo aqueles que tranqüilamente sabem quais ações são boas e quais são más, ainda que livres de pecado, ficam submetidos à confusão.

As pessoas que seguem essas doutrinas, tendo cometido ações boas e más, constantemente perambulam pelos mundos, nos ciclos de nascimentos e mortes, amarrados pela extrema carência.

Outros, mais sensatos entre muitos, e impulsivamente devotados à investigação do oculto, declaram que as almas são muitas e eternas, e onipresentes.

Outros dizem "Apenas as coisas que podem ser ditas são aquelas

percebidas através dos sentidos, e nada além disso; onde está o céu ou inferno?" Tais são suas sólidas crenças.

Outros acreditam que o mundo seja um fluxo de consciência e sem entidade material; alguns chamam o vazio como sendo o maior.

Outros acreditam em duas essências: matéria (Prakriti) e espírito (Purusha).

Desse modo, acreditando em doutrinas amplamente diferentes, como os desviados do objetivo supremo, eles pensam, de acordo com suas compreensões e formações, que esse Universo não tem Deus; outros acreditam que há um Deus, baseando suas afirmações sobre vários argumentos irrefutáveis, fundamentados em textos declarando diferenças entre a alma e Deus, e ansiosos para instituir a existência de Deus.

Estes e muitos outros homens cultos, com várias denominações diferentes, têm sido declarados nos Shastras como líderes da mente humana imersa no engano (Maya). Não é possível descrever inteiramente as doutrinas dessas pessoas tão afeiçoadas à discórdia e disputa; as pessoas, dessa maneira, percorrem esse Universo sendo desviadas do caminho da emancipação.

17. Escola Nyaya

A refutação, que se emprega para reconhecer a característica real do objeto é um raciocínio que revela as características mostrando o absurdo das propriedades contrárias.

A verificação consiste em rejeitar uma dúvida e em precisar uma questão ouvindo os prós e os contras.

A discussão é a adoção de uma dentre duas posições opostas. Aquilo que se obtém é analisado sob a forma de cinco membros e defendido

coma ajuda de um dos meios do verdadeiro conhecimento, enquanto que a posição contrária é atacada pela reputação, sem qualquer desvio dos axiomas estabelecidos.

A disputa que procura vencer (o adversário) é a defesa ou o ataque de uma proposição pelo modo indicado acima: por jogos de palavras, futilidades e outros processos que merecem condenação.

A percepção, a dedução, a comparação e ao testemunho oral; eis os meios legítimos para alcançar o conhecimento.

18. Escola Vaiseshika

O eterno é aquilo que existe e existe sem causa.

O efeito é o sinal da existência do último átomo.

A existência (da cor) no efeito (decorre) de (sua) existência na causa.

O não –eterno só se explica pela negação do eterno.

Será um erro supor que o ultimo átomo seja não-eterno..

[...]

A prova da existência da alma não vem só da revelação, mas da impossibilidade de aplicar a palavra EU a outros objetos.

19. Escola Mimansa, por Kumarila

A fala de alguns idealistas afirma a "verdade aparente" ou "verdade provisória da vida prática", ou seja, em sua terminologia de Samvritti-satya. No entanto, em seu próprio ponto de vista, não há realmente nenhuma verdade nesta "verdade aparente"; qual é o sentido de pedir-nos para olhar para ela como alguma marca especial de verdade como se ela o fosse? Se há verdade nisso, por que chamá-la de falsa em tudo? E, se ela é realmente falsa, por que chamá-lo de um tipo de verdade aparente? Verdade e falsidade,

sendo mutuamente exclusivas, não pode possuir qualquer fator chamado de "verdade" como pertencendo em comum a ambos - não mais do que não pode por qualquer fator comum chamar de 'arbóreo' coisas como a árvore e o leão, que são mutuamente exclusivas. Na suposição do próprio idealista, essa "verdade aparente" nada mais é que um sinônimo para a 'falso'. Por que, então, ele usa esta expressão? Porque serve para ele um propósito muito importante. É a propósito de uma brincadeira verbal. Isso significa falsidade, embora com um ar tão pedante sobre ele que pode sugerir algo aparentemente diferente, por assim dizer. Este é na verdade um truque bem conhecido. [...] Em vez de jogar tais truques verbais, portanto, deve-se falar honestamente. Isto significa: deve-se admitir que o que não existe, não existe, e o que existe, existe, no sentido pleno. Este último é o único verdadeiro e o falso anterior. Mas o idealista não pode se dar ao luxo de fazer isso. Ele é obrigado, em vez disso, a falar de "duas verdades", sem que isso faça sentido.

47

20. Escola Vedanta, por Shankara

Por causa d'Aquele é que desde o ego até o corpo, os objetos dos sentidos, o prazer e as demais sensações são bem conhecidas, igual que se conhece um a jarra ao apalpá-lo; porque Aquele é a essência do conhecimento eterno.

Este é o Ser mais íntimo, o Purusha (Ser) primário; Sua natureza é estar estabelecido na bem-aventurança infinita, Sua existência não varia nunca; no entanto, se reflete nas diferentes modificações mentais. Por Seu mandato, os diferentes órgãos e pranas, cumprem suas funções.

Neste mesmo corpo, na mente sáttvica (pura), na câmara secreta do intelecto há um espaço, conhecido como o não- manifestado. Ali, o Atman, de beleza extraordinária, brilha como o sol e manifesta este universo por Sua própria refulgência.

O conhecedor das manifestações da mente, ego, atividades do corpo, órgãos e pranas, aparentemente toma a forma deles, como o fogo toma a forma de um a bola de ferro candente. Mas Ele não atua nem está sujeito à mudança alguma.

Não nasce, nem morre, não cresce, nem envelhece, sendo eterno não sofre mudança alguma. Não deixa de existir mesmo quando este corpo é destruído. Por ser independente, permanece igual como o espaço depois da destruição da jarra.

O Ser Supremo é diferente da prakriti (origem do universo), e suas modificações. Ele é Absoluto, Sua natureza é o conhecimento puro; manifesta diretamente este universo, denso e sutil, nos três estados de vigília, etc., como base do persistente sentido do 'eu'.

Também se manifesta como testemunha do intelecto, que é a faculdade determinativa.

Pela mente controlada e o intelecto purificado, realize diretamente teu próprio Ser e assim identificando-te com Ele, cruze o imenso oceano de samsara (o que se move constantemente; este universo), cujas ondas são o nascimento e a morte e estabelece- te em Brahman, que é tua própria essência e seja bem- aventurado.

21. Escola Yoga, por Patanjali

A concentração denominada conhecimento direto é a que é seguida pelo raciocínio, pela discriminação, pela bem-aventurança e pelo egoísmo inqualificado.

Existe ainda outro Samadhi que é atingido pela prática da suspensão de qualquer atividade intelectual e no qual a Chitta apenas retém impressões não-manifestadas.

Os diversos processos para atingir o Samadhi

O Samadhi (quando não é seguido por um extremo desprendimento) torna-se a causa da re-manifestação dos deuses e daqueles que mergulharam na natureza.

Para outros, (o Samadhi) é atingido através da fé, da energia, da memória, da concentração e da discriminação da realidade.

Para os que são extremamente enérgicos, a vitória é rápida.

Para os Yoguis esta vitória varia e depende dos meios empregados, segundo sejam brandos, médios ou extremos.

Também a devoção a Isvara pode ser uma causa. [...]

A enfermidade, a preguiça mental, a dúvida, a falta de entusiasmo, a letargia, a tendência para os prazeres dos sentidos, a falsa percepção, a impossibilidade de atingir um perfeito estado de concentração e a facilidade de perdê-lo, uma vez atingido, são as distrações que obstruem.

O sofrimento, a angústia mental, o tremor do corpo, a respiração irregular, acompanham a não-retenção de um perfeito estado de concentração.

Para corrigir este estado (é preciso) que o sujeito se exercite.

Na amizade, na piedade, no contentamento e na indiferença os quais, sendo concebidos com relação a sujeitos felizes e infelizes, bons e maus, respectivamente, pacificam a Chitta.

Em soltar e reter a respiração.

Nessas formas de concentração que provocam extraordinárias percepções nos sentidos e que são a causa de perseverança da mente.

Também na meditação da Luz Refulgente, que está acima de toda tristeza.

Também na meditação sobre o coração que renunciou a todo apego aos objetos dos sentidos.

Também na meditação sobre o conhecimento que vem a nós no sono.

Também na meditação sobre qualquer coisa que nos pareça boa.

A mente do Yogui que assim meditar passa, sem impedimento, do atômico para o infinito.

O Yogui que, dessa maneira, tiver tornado impotentes os Vrittis, que os tiver (controlado), alcança, tanto no receptáculo, instrumento, no receber, como no recebido (o Ser, a mente, os objetos externos), completa concentração e igualdade, como o cristal (diante de objetos de diferentes cores).

O som, o sentido e o conhecimento resultantes, unidos, constituem o chamado Samadhi “com-interrogação”.

O Samadhi denominado “sem-interrogação” vem quando a memória é purificada ou esvaziada de qualidades e exprime apenas o sentido do objeto meditado.

Por esse processo também se explicam (as concentrações) com discriminação e sem discriminação, cujos objetos são, mais sutis.

22. Escola Sankhya

O conhecimento de objetos que ultrapassam o sensível provém de uma dedução fundada na analogia, quanto ao conhecimento incontrolável (obscuro) e que não pode ser obtida desse modo. Ela é adquirida por um testemunho válido.

Deve-se a não percepção (natureza primeira) à sutileza e, de modo

nenhum, à não existência, pois seria possível reconhecê-la pelos efeitos. O intelecto e as demais (faculdades) são efeitos ao mesmo tempo semelhantes e dessemelhantes com (sua causa) a natureza. O efeito existe (mesmo antes da operação da causa), pois o que não é existente não poder ser levado à existência pela operação de uma causa, visto que o agente (causa) produz (apenas) aquilo (que é capaz de produzir) , e visto que o efeito não difere da causa.

Aquilo que se deduz é composto de 3 elementos, não discriminados, objetivos, generosos, não inteligentes e produtivos. O não deduzido, o espírito, embora semelhante, é (no entanto) contrário (desses elementos).

Os ditos elementos tem a ver com o prazer, o sofrimento e indiferença. Servem para iluminar, mover e dominar. Cada um deles atua por supressão, cooperação, transformação, e com relação íntima com e para o resto.

23. Escola Carvaka

Se você objetar que não há tal coisa como felicidade em um mundo futuro, então por que os homens de experiência e sabedoria se envolvem na oferta sacrificial ao fogo e a outros fenômenos, que só podem ser realizados com grande gasto de dinheiro e fadigas corporais? Infelizmente, a objeção pura e simples a isso não pode ser aceite como qualquer prova em contrário, já que as oferendas são úteis apenas como meios de subsistência.

O Veda é contaminado pelas três falhas da mentira, auto-contradição e tautologia. Os impostores que se dizem eruditos védicos são mutuamente destrutivos, e a autoridade do capítulo sobre o conhecimento, por exemplo, é derrubado por aqueles que

mantém a autoridade do capítulo sobre a ação. Por outro lado aqueles que defendem a autoridade do capítulo sobre o conhecimento querem rejeitar a ação. Por último, os três Vedas em si são apenas as rapsódias incoerente de patifes, e para esse efeito corre o ditado popular: 'Os sacrifícios, os três Vedas, o asceta de três varas, manchando-se com as cinzas - Brhaspati diz que estes são apenas meios de subsistência para aqueles que não têm hombridade nem sentido'.

Daí segue-se que não há inferno que não seja a dor mundana produzida por causas puramente mundanas, como espinhos, e assim por diante. O ser supremo é apenas o monarca terreno, cuja existência é comprovada por toda a visão do mundo. E a única libertação é a dissolução do corpo. Mantendo a doutrina de que a alma é idêntico com o corpo, frases como "Eu sou magra", ou "eu sou negro", são ao mesmo tempo inteligíveis como atributos do corpo de magreza ou escuridão. De uma forma similar, a auto-consciência vai residir no mesmo assunto.

24. Escola Tântrica – Kulavarna Tantra

Neste mundo são incontáveis as massas de seres sofrendo toda forma de dor. A velhice espreita como uma tigresa. A vida se esvazia como se fosse a água de um pote quebrado. A doença mata como os inimigos. A prosperidade é apenas um sonho; a juventude é como uma flor. A vida é vista e se vai como o relâmpago. O corpo nada mais é que uma bolha d'água. Como então alguém pode saber disso e mesmo assim permanecer satisfeito? O Jivatma passa pelos lakhs de experiência, entretanto somente como ser humano ele pode obter a verdade. É com grande dificuldade que se nasce ser humano.

Portanto, é um suicida aquele que, tendo obtido um excelente nascimento, não sabe o que é para seu bem. Há alguns que tendo bebido o vinho da ilusão estão perdidos em buscas terrenas, não percebem o vôo do tempo e não são comovidos pela visão do sofrimento. Há outros que caíram no poço profundo das Seis Filosofias - adversários fúteis lançados ao deslumbrante oceano dos Vedas e Shastras. Eles estudam dia e noite e aprendem palavras. Alguns ainda, fascinados pelo conceito, falam do pensamento humano de forma nenhuma percebendo-o. Meras palavras e conversa não podem dispersar a ilusão do errante. A escuridão não é dispersada pela menção da palavra 'candeeiro'. O que há então há fazer? Os Shastras (escrituras) são muitos, a vida é curta e há milhões de obstáculos. Portanto, que a essência deles seja compreendida, assim como o Hamsa (o cisne divino) separa o leite da água com a qual estava misturado."

53

25. Escola Jaina

Crença correta, conhecimento e conduta - são o caminho para a libertação.

A crença correta ou convicção nas coisas é apurá-las tais como elas são.

Isto é alcançado a partir da intuição interna e de fontes externas.

Os princípios são os de autoconhecimento, bloqueio, e derramamento de pendências Kármicas, e libertação do eu.

Aspectos destes são atributos de nomes ou representações, atributos ausentes, e os atributos presentes.

[...]

As cinco metas são: ser livre da falsidade, ferimentos, roubo, falta de

castidade e apego mundano.

Os cinco passos para a meta da liberdade são a preservação de expressão, a preservação da mente, o cuidado em andar, o cuidado no levantamento e estabelecimento das coisas, e preparar adequadamente os alimentos e uma bebida.

Os cinco passos para a meta de liberdade da falsidade estão dando a ira, ganância, medo e frivolidade, e falando de acordo com as injunções ou textos.

26. Escola Budista

Quais são as quatro nobres verdades? Eles são a verdade sobre a imperfeição, impermanência, sofrimento e, a verdade sobre sua origem, a verdade sobre a sua cessação, a verdade sobre o caminho que conduz à cessação da imperfeição e impermanência e sofrimento.

A Primeira Verdade. O mundo está cheio de impermanência, imperfeição e sofrimento. Doença de nascimento, velhice, morte revelam a nossa impermanência e da imperfeição. O nascimento é sofrimento, a vivência é sofrimento, doença e morte são sofrimento. Tristeza, dor e desespero são sofrimento; a desejar o que não se pode ter é o sofrimento.

Para os seres sujeitos ao nascimento, velhice, doença, morte, tristeza, desespero sofrimento, lamentação, tristeza, surge o desejo de que estes nunca poderiam vir até nós. Mas isso não pode ser obtido por desejar. Isto é o que se entende por dizer: "Desejar o que não se pode ter é o sofrimento."

Isso é chamado a nobre verdade do sofrimento.

A causa da impermanência humana, imperfeição e sofrimento é, sem

dúvida, encontrado na sede do corpo físico e nas ilusões das paixões mundanas. É o desejo de juntar-se ao prazer e encontrar prazer em cada desejo, ou seja, desejo de prazer sensual, desejo de existência permanente desejo, de existência transitória. [...]

Isso é chamado a nobre verdade da origem do sofrimento.

Se o desejo, que está na raiz de toda a paixão humana, puder ser removido, em seguida, a paixão vai morrer e o sofrimento humano estará terminado. A saída completa para e cessação deste desejo é necessária, é um desistir, manter uma perda, um abandono, a realização de desapego.

Mas onde esse desejo é feito para diminuir e desaparecer? Onde pode ser quebrado e destruído? Onde tudo é delicioso e agradável aos homens, há o desejo feito para diminuir e desaparecer, e não pode ser quebrado e destruído. O olho é delicioso e agradável aos homens, há o desejo feito para diminuir e desaparecer, mas não pode ser quebrado e destruído. Assim também com os demais órgãos dos sentidos, os objetos dos sentidos, sentidos e consciência, contatos, sensações, percepções, pensamentos, desejo, raciocínio e reflexão. Em todo o desejo estes podem ser feito para diminuir e desaparecer, mas não podem ser quebrados e destruídos.

Isso é chamado a nobre verdade da cessação do sofrimento.

Para entrar em um estado onde não há desejo nem sofrimento, deve-se seguir o verdadeiro Caminho.

27. Filosofia do movimento Satyagraha de Gandhi

Nós podemos ter que ir para a cadeia, onde seremos insultados. Nós podemos ter que passar fome e sofrer de calor ou frio extremos.

Trabalho duro pode ser imposto sobre nós. Podemos ser açoitados

por guardas rudes. Podemos ser multados pesadamente e nossa propriedade pode ser anexada e levada a leilão se houver apenas uns poucos residentes. Hoje opulentos, podemos ser reduzidos para amanhã a pobreza abjeta. Nós podemos ser deportados. Quem sofre de fome e dificuldades semelhantes na prisão, alguns de nós podem adoecer e até morrer. Em resumo, portanto, não é de todo impossível que possamos ter de suportar todas as dificuldades que podemos imaginar, e sabedoria reside em nos comprometermos nós mesmos no entendimento de que teremos de sofrer tudo o que é pior.

Se alguém me pergunta quando e como a luta pode terminar, posso dizer que, se toda a comunidade corajosamente resiste ao teste, o fim estará próximo. Se muitos de nós cairmos sob tempestade e stress, a luta será prolongada. Mas eu posso declarar com ousadia, e com certeza, que enquanto há sequer um punhado de homens fiéis a sua promessa, só pode haver um fim à luta, e que é a vitória...

[...]

Nenhum de nós sabia que nome dar ao nosso movimento. Eu, então, usei a "resistência passiva" para descrevê-la. Eu não entendia muito bem as implicações da resistência passiva, como eu a chamava. Eu só sabia que algum novo princípio passou a existir. Como a luta avançasse, a frase "resistência passiva" deu origem à confusão. . .

Um pequeno prêmio foi, portanto, anunciado no Indian Opinion a ser concedido para o leitor que inventou a melhor designação para a nossa luta. Shri Maganlal Gandhi foi um dos concorrentes e ele sugeriu a palavra "Sadagraha", que significa "firmeza por uma boa causa". Gostei da palavra, mas isso não representa totalmente a idéia que eu queria. Por isso corrigido para "Satyagraha". Verdade (satya)

implica amor e firmeza (agraha) e, portanto, serve como um sinônimo de força. Eu, assim, comecei a chamar o movimento indiano de "Satyagraha", ou seja, a força que nasce da verdade e do amor ou da não-violência, e deu-se o uso da frase "resistência passiva"

[...]

A Não-violência e covardia são termos contraditórios. Não-violência é a maior virtude e covardia, o contrário. Não-violência brota do amor, a covardia do ódio. Não-violência sempre sofre, a covardia sempre infligi sofrimento. Não-violência perfeita é a mais alta bravura. Não-violência nunca é desmoralizante, a covardia sempre é.

28. A Sophia Perennis de Ananda Coomaraswamy – O que é a civilização?

Quanto a pergunta “o que é civilização?”, proponho contribuir com uma análise dos significados intrínsecos das palavras civilização, política e purusha. A raiz da palavra civilização é kei, como vemos na palavra grega keishitai e na palavra sânscrita si, ou, estar deitado, jazer, estar estendido, estar situado em algum lugar. Sendo assim, a cidade é uma ‘toca’, ou uma ‘cova’ em que o cidadão ‘arma a cama’ onde vai se deitar. Imediatamente perguntamos quem vive assim e tem essa economia. A raiz da palavra política é pla, como na palavra grega pimplemi e na sânscrita pur ou cidade, cidadela, fortaleza, do latim plenum (que em sânscrito é purnam), que também significa cheio e encher. As raízes de purusha são estas duas, por isso o significado intrínseco dessa palavra é cidadão, seja no sentido de homem (um homem, fulano de tal), seja no sentido de o homem (neste homem, e de modo absoluto); de qualquer modo, purusha é a

pessoa que pode ser distinguida (pelos seus próprios poderes de visão e compreensão) do homem animal (pasu), que é governado pela ‘fome e sede’ que sente.

No pensamento de Platão há um acidade cósmica do mundo, o estado cidade e um corpo político de indivíduos: são todas comunidades (do grego koinonia e do sânscrito gana).

‘encontraremos o mesmo número de castas (em grego genos e em sânscrito jati) na cidade e na alma (ou no eu) de cada um de nós’.

29. Filosofia intercultural de Raimon Panikkar

Digo com outras palavras. Cada filosofia emerge do seio de uma cultura, e ao mesmo tempo, questionando seus alicerces, está em posição de transformá-la. De fato, toda mudança cultural profunda surgiu de uma atividade filosófica; se tem dito repetidamente que os filósofos, ainda que com defasagens cronológicas, são os que influem majoritariamente nos destinos da história. Esse caráter radical da filosofia faz com que se alimente um subsolo em que estão enraizadas, também, outras culturas. Queremos dizer que um estímulo de pensar filosófico provém de seu contato subterrâneo com outras raízes. Ou, mudando drasticamente de metáfora, será transcultural o transporte de sementes distantes que se deixa cair nas cavilhas do filósofo (sem esquecer a ironia e o humor escondidos neste cavilhar – uma filosofia sem humor perde o húmus que a mantém lúcida e a preserva de envolver-se com o fanatismo). Ao intentar ser consciente de seu mito, a filosofia abre-se para a interculturalidade e assim desempenha sua tarefa transmissora, transformando a visão da realidade própria da cultura originária.

30. O pensamento de Vandana Shiva

[Pergunta] Segundo a sua análise, devemos abandonar a atual economia suicida e promove uma abordagem cultural que expresse “um enraizamento profundo na terra e nas especificidades do lugar em que se origine, mas também um sentimento de solidariedade por todo o gênero humano, uma consciência universal”. Alguém poderia observar que, na prática, trata-se de objetivos opostos, porque o amparo da especificidade contradiz o chamado à solidariedade universal. Como responderia a essa objeção?

V.S: Responderia que é muito simples, diria inevitável, conciliar as duas dimensões: todos nós habitamos um único planeta, e isso significa que a “terra” é a mesma, mas ao mesmo tempo cada um provém de um lugar particular, de um “terreno” específico. É uma herança da filosofia reducionista a idéia de que se façam oposições do tipo “isso ou aquilo”. Quanto a mim, minha formação na teoria quântica, que exclui a idéia de que existam elementos incompatíveis e reciprocamente alternativos em favor de uma concepção baseada na conjugação “e”, me leva a crer que se pode dispor de uma identidade profundamente local, enraizada no vale do Himalaia, onde nasci e cresci, e ao mesmo tempo completamente planetária, e que essas duas formas de identidade sejam mantidas juntas sem contradições. Os recentes atentados terroristas de Mumbai também são fruto da erosão das formas de identidade múltiplas às quais me refiro. Aqueles que são vulneráveis e “disponíveis” a ser alistados, pagos ou explorados pelos extremistas do momento para cumprir ações de terrorismo são aqueles que foram afastados à força da sua terra, que foram considerados supérfluos e “excedentes” com relação às próprias sociedades; ou aqueles que foram mobilizados e

recrutados por meio da construção fictícia de identidades que se excluem umas às outras em base à oposição “ou isto ou aquilo”. Na realidade, nunca ocorre “ou isto ou aquilo”, mas sempre um “isto e aquilo”: só conseguiremos nos desvincular da herança das identidades incompatíveis cultivando a nossa responsabilidade com relação ao lugar particular de onde proviemos e junto com a consciência de que somos parte de uma humanidade comum, que compartilha o mesmo planeta.

Introdução

Nessa longa seção, em que abordamos basicamente a religiosidade indiana, tratamos daquilo que fundamenta a construção de uma indianidade, ou seja; sua visão cósmica e transcendente da existência. Abrangente, rica, intensa, multifacetada, ela dá sentido ao axioma indiano que auto-define sua civilização: a ‘unidade na diversidade’. Nos três primeiros textos, temos uma explanação sobre a religiosidade ariana, contida nos textos védicos (séc.-15?); seus primeiros deuses, a estrutura inequívoca de seus politeísmo e o culto do Soma, bebida alucinógena que permitia aos praticantes visões reveladoras, mostrando essa ligação profunda com os ritos xamânicos. No texto 4, do Atharva-veda (séc. -7?), fragmentos desse texto absolutamente diferente dos outros 3 vedas, trazendo aspectos da magia antiga dos indianos. No Brahmana, novamente, as especulações que acompanham – ou atormentam? – essa religiosidade, em busca de um sentido sobre suas origens e existência, dando um dinamismo próprio e instigante ao hinduísmo; quanto ao desapego e o conhecimento verdadeiro, esses são apresentados nos upanishads, e complementado por um trecho especulativo presente no Atharva veda; o mecanismo da reencarnação é explicado nas leis de Manu, e a libertação do ciclo de renascimento é apresentada num fragmento da ‘canção do senhor’ (Bhagavad gita), presente no Mahabharata; quanto a questão da composição da alma, resgatamos um diálogo saboroso (provavelmente do séc. -3 ou -2) entre um rei grego e um sábio

budista, presente nessa obra única chamada Milinda Panha, escrita nos tempos em que os gregos dominavam pedaços da Índia e estabeleceram um debate fértil entre o pensamento grego, o hinduísmo e o budismo; do Garuda purana (séc.+13?), explicações sobre o destino da alma após a morte; quanto aos 4 pilares da vida indiana, eles são explicados apropriadamente na introdução do Kamasutra (séc. +3?), um texto fundamental para a vida social e religiosa indiana, ao contrário do que o ocidente vulgarizou; os Dharma sutras complementam as leis de Manu, reproduzindo um código sobre a vida ideal do asceta; a visão religiosa jaina (com o qual o budismo guarda semelhanças) é apresentada aqui sucintamente, de modo a fazer sentido e dar continuidade a análise budista no basilar texto do Dhamapada (a visão budista do dharma, ou dhamma em páli); os éditos ecumênicos de Ashoka (-302 – 234) mostram o estabelecimento da tolerância religiosa na Índia, numa época em que o budismo e o jainismo conflitavam com as concepções tradicionais do hinduísmo. O trecho de Caitanya (séc. +15) representa a síntese do pensamento devocional a Vishnu, cuja contraparte são os trechos do shivaísmo, no seguir; esses dois movimentos dominam, até os dias de hoje, a religiosidade popular na Índia. O culto tântrico e cujo erotismo sagrado se devota a grande mãe é o tema do trecho seguinte, tendo sido produzido (aparentemente) no séc. +12; o misticismo indiano resplandece nos versos de Kabir (1440-1518) e na origem do Sikhismo, dedicado ao guru Nanak (1469 – 1538), que surgem como respostas ao crescimento do islã na Índia; por outro lado, o Dabistan (Dabestan e Mazaheb, séc. +17 aprox.), escrito em persa, é fruto de uma política de tolerância universal pregadas pelos moguls (Sulak kul) iniciada

pelo soberano Akbar – ele mesmo, fundador de uma religião que congregava todas as outras, e do qual era o líder. O Dabistan é, provavelmente, o primeiro manual de história das religiões de todo o mundo, criando um debate fantástico entre elas.

O pensamento multireligioso seria novamente trazido em questão durante o período da dominação inglesa, quando o hinduísmo reivindicava sua posição de religião autêntica e viva; Ramakrishna (1836-1886), cultuador da grande mãe, foi ele mesmo um defensor da unicidade das religiões; seu discípulo Vivekananda (1863-1902) foi seu continuador, defendendo a criação de um hinduísmo proselitista e mundial; Gandhi não ficou atrás, expõe seu ponto de vista que combinava ética, religião e política, reinterpretando o hinduísmo antigo dentro de uma perspectiva moderna, e influenciada pelo pensamento ocidental; Aurobindo Ghose (1872-1950), influente pensador indiano, via a religião também como um fator de união e identificação da indianidade, quase dentro de um caráter nacionalista; Radakrishnan (1888-1975), emérito intelectual indiano (chegou mesmo a ser vice-presidente indiano) analisa o hinduísmo em face do mundo moderno; e R. Panikkar (2010), autor da teoria da interculturalidade, defendeu a própria integração das visões religiosas, dentro de uma visão que ele mesmo considerava como “hindu-cristã” tradicional.

31. Aspectos da religiosidade ariana no Rig Veda

O homem protegido de Varuna, Mitra e Ariaman, subjuga prontamente seus inimigos.

Quem for beneficiado por eles com riquezas que parecem provenientes do trabalho; quem for por eles protegido contra os

malvados nada há de temer, pode ter a certeza de que vai prosperar. Os reis - Varuna, Mitra, Ariaman -, destroem os inimigos daqueles que os adoram e afastam os efeitos das más ações.

Aditias, que vinde aos sacrifícios, o vosso caminho é fácil e sem espinhos. Aqui não se faz oferta indigna de vós.

Aditias, seja para vós motivo de satisfação o sacrifício ao qual vindes por um caminho reto.

O mortal a quem favoreceis, livre do mal, obtém preciosas riquezas e descendentes, que lhe são semelhantes.

Amigos, como iremos recitar louvores dignos da glória deslumbrante de Mitra, de Varuna, de Ariaman?

Eu não recomendo o homem que insulta um devoto dos deuses.

Cuido, sim, de obter a vossa benevolência, apresentando-vos as minhas ofertas.

O vosso adorador não gosta de falar mal de quem quer que seja. Ao contrário, receia a maledicência como o jogador teme o adversário, antes do lance dos quatro dados.

[...]

Indra voraz levantou-se com o ardor do cavalo a aproximar-se da égua, a fim de participar das abundantes libações do sacrifício.

Deteve seu carro esplêndido e bem atrelado. Ele, que se distingue pelos atos heróicos, participa da libação.

Trazendo ofertas, os seus adoradores rodeiam-no, como se fossem mercadores ávidos de ganho, em torno de navios em que irão atravessar o oceano. Venham logo, entoando louvores ao poderoso Indra, protetor do sacrifício solene. Venham como se fossem mulheres a subirem um monte para a colheita de flores.

Ele é poderoso e rápido em suas ações. Nos combates, a sua bravura

destrutiva brilha ao longe tal como o cimo de um monte. Revestido de armadura de ferro, derrotou o astucioso Susna.

Uma força divina acompanha Indra como o sol acompanha a aurora. Ele espanca os inimigos rudemente, e por isso estes soltam altos gritos.

Indra, quando distribuístes pelo céu as águas, sustentáculo da vida, as águas ocultas, animado pelo suco do soma, correste ao combate e soltaste do alto um oceano de águas.

Poderoso Indra, fizeste descer do céu sobre a terra a chuva, sustentáculo do mundo. Animado pelo suco do soma, liberaste as águas e esmagaste Vrita sob um rochedo.

32. Hinos religiosos do Sama Veda

Ahi - Agni divino, louvam-te estes homens a fim de adquirirem força. Destrói seus inimigos, cura-os das duas doenças.

Vamadeva - Imploro-te com as minhas preces. És o mensageiro dos deuses, o possuidor de toda riqueza, o portador das ofertas, o imortal, o grande sacrificador.

Em tua presença colocam-se as irmãs, devoradoras do sacrifício.

Elas concedem riqueza e andam por todos os lugares.

Maduchhanda - Agni, que desfazes as trevas, nós nos aproximamos de ti, todos os dias, com nossa mente esclarecida, prosternando-nos.

Sunassepa - Agni, conheces a maneira de se louvarem os deuses, sabes qual o gênero de louvores com que se obtêm os favores de Rudra, que aperfeiçoa todo sacrifício feito na moradia dos homens.

Medatiti - És convidado ao excelente sacrifício. Bebe o sumo da planta da lua. Vem, Agni, acompanhado dos Maruts.

Sunassepa - Desejo adorar-te com os ritos sagrados, tu que és como

um cavalo de guerra e que brilhas acima dos sacrifícios.

Assim como te chamaram Aurva e Bhrigu, assim te chamas Agni o puro, residente no oceano.

Que o homem esclarecido por Agni execute o sacrifício sem distrair-se. Sou o homem que acende Agni com as ofertas que dissipam as trevas.

Vatsa - Agora, os homens olham a luz admirável, outrora unida às águas e hoje no firmamento.

[...]

Namadeva - Nós nos refugiamos ao lado do rei Soma, Varuna, Agni, Aditia, Visnú, Suria, Brahma e Vriaspati.

Os conquistadores da terra elevam-se do mundo inferior às altas regiões do céu, tal como subiram ao paraíso os descendentes de Angiras.

Nós te acendemos, Agni, a fim de nos concederes grandes riquezas. Tu que fazes chover as bênçãos, aprova nossos manjares excelentes, próprios para os sacrifícios, produto do Céu e da Terra.

Gritsamada - Tudo quanto dizemos é expressão sincera do nosso pensamento. Agni sabe onde se servem as ofertas dos sacrifícios. Assim como o céu envolve o horizonte, assim Agni inspira os nossos cânticos.

Paiú - Agni, destrói em toda parte o funesto esplendor dos nossos inimigos. Destrói o poderio e a força dos gigantes Iatudanas.

Prascanva - Agni, prepara aqui um excelente sacrifício para os Vasús, os Rudras, os Aditias, e para os outros deuses, descendentes de Manú, para as divindades que trazem a chuva.

33. Rito ariano do Soma no Rig veda

Indra, que aceitas nossos louvores, conduzam-te até aqui os teus corcéis, a fim de beberes o suco do soma. Celebram tua presença os sacerdotes radiantes como o sol.

Conduzam Indra os seus corcéis a puxarem um carro leve e rápido, quando estas sementes desfeitas em manteiga clarificada estiverem sobre o altar.

Nas cerimônias matinais, invocamos Indra. Invocamo-lo, durante o sacrifício. Convidamos Indra a beber o suco do soma.

Vem, Indra, presenciar nossos sacrifícios com teus cavalos de longas crinas. Nós te invocamos, depois de bebermos a libação.

Aceita nossos louvores, vem aos nossos sacrifícios, para os quais preparamos a libação. Bebe como um cervo sedento.

Derramamos o suco do soma sobre a erva sagrada. Bebe-o, Indra, para seres mais vigoroso.

Que te seja agradável e aceito no coração o nosso canto. Bebe a libação que derramamos.

A fim de beber o suco do soma, Indra, o destruidor dos inimigos, acha-se presente em todas as cerimônias, em que se faz libação do suco do soma.

Satakrata, realiza nossos desejos, dá-nos gado e cavalos, Nós te louvamos com nossa profunda meditação.

34. Encantamentos mágicos do Atharva veda

Para deter a Menstruação

As virgens que vão além, as veias, vestidas em roupas vermelhas, como irmãs sem um irmão, despidas de força, elas pararão!

Pára, tu que estás abaixo, pára, tu que estais acima; e tu que estais

no meio, pára também! As menores veias param; que pare também a grande artéria!

Das centenas de artérias e milhares de veias, as do meio realmente pararam. Ao mesmo tempo os extremos cessaram de fluir.

Por volta de ti passou um grande dique de areia: a fica parado, rogo-te calma!

Para a confecção de um talismã de ouro, que sendo usado possibilita longa vida

Nascido do fogo, este ouro foi concedido aos mortais como objeto imortal. Merece-o quem sabe disto. Quem usá-lo morrerá velho.

O ouro de belo colorido, desde os primeiros tempos procurado pelos homens e por seus filhos, o ouro brilhante derrame sobre ti o seu fulgor. Gozará de longa vida quem usá-lo.

Eu te entrego isto para a tua longa vida, para o brilho, a força e o vigor. Entre os outros homens, resplandeças com o brilho do ouro. Conhecido do rei Varuna, do deus Brihaspati, de Indra, matador de Vritra, obtenhas longa vida e prestígio por este talismã.

Para obter o amor de uma mulher

Deseja meu corpo, meus pés, meus olhos! Deseja minhas coxas!

Teus olhos, teus cabelos, amorosa, sofram de paixão por mim!

Faço que te agarres ao meu braço, apegando-te ao meu coração.

Estejas submissa à minha vontade e sob o meu domínio.

Vacas, mães da manteiga sagrada, cuidadosas dos vossos bezerros, fazei que esta mulher me ame!

Como o cipó enrola-se na árvore, assim não te afastes de mim, sê minha amante!

Como a águia ao levantar vôo toca no chão com as asas, assim eu toco em teu coração. Sê minha amante e não te afastes de mim!
Como o sol envolve a Terra na mesma luz, assim eu envolvo o teu coração. Sê minha amante e não te afastes de mim!

35. Cosmogonia, no Sataphata Brahmana

Na verdade, de início este universo era água, nada mais que um mar de água. As águas desejaram: "Como podemos reproduzir?" Elas se esforçaram e praticaram devoções fervorosas, e quando se estavam aquecendo foi produzido um ovo dourado. O ano, na verdade, não estava então em existência - esse ovo dourado flutuou durante o espaço de um ano.

No período de um ano um homem, este Prajapati, a foi produzido dali, e por isso uma mulher, uma vaca ou uma égua gera dentro do espaço de um ano, pois Prajapati nasceu em um ano. Ele rompeu o ovo dourado. Não existia então, na verdade, qualquer lugar de descanso; apenas esse ovo dourado, trazendo-o, flutuava durante todo o espaço e um ano.

No final de um ano, ele tentou falar. Disse "bhuhr", palavra que se tornou esta terra; - "bhuvar", que se tornou o ar; - "svar", que se tornou o céu além. Por isso uma criança tenta falar ao fim de um ano, pois ao fim de um ano Prajapati tentou falar.

Quando falava pela primeira vez, Prajapati dizia palavras de uma sílaba e de duas sílabas; por isso uma criança, quando fala pela primeira vez, diz palavras de uma e duas sílabas.

Essas três palavras consistem em cinco sílabas e ele as tornou as cinco estações. Ao final do primeiro ano, Prajapati subiu para estar sobre essas palavras assim produzidas; por isso uma criança tenta

estar de pé ao fim de um ano, pois ao um de um ano Prajapati ficou de pé.

Ele nasceu com uma vida de mil anos; assim como alguém poderia ver a distância a costa em frente, assim ele olhou a costa a frente de sua própria vida,

Desejando ter progênie, continuou a cantar louvores e a trabalhar. Estabeleceu o poder de reprodução em seu próprio eu. Pelo alento de sua boca criou os deuses - os deuses foram criados ao entrar no céu; e esta é a divindade dos deuses, a que tenham sido criados ao entrar no céu. Tendo-os criado houve, por assim dizer, dia para ele e esta é também a divindade dos deuses, a que, depois de criá-los, houve, por assim dizer, dia para ele.

E pelo alento ou respiração para baixo, ele criou os Asuras - que foram criados entrando nesta terra. Tendo-os criado houve, por assim dizer, treva para ele.

Agora que a luz do dia, por assim dizer, existia para ele, ao criar os deuses, isso ele fez o dia; e a treva, por assim dizer, que havia para ele, ao criar os Asuras, disso ele fez a noite - eles são esses dois, o dia e a noite.

36. O Desapego como via de libertação, no Isha Upanishad

No coração de todas as coisas, de tudo o que existe no Universo, habita Deus. Somente ele é realidade. Portanto, renunciando às vãs aparências, rejubilai-vos nele. Não cobiceis a riqueza de ninguém.

Bem pode ficar satisfeito de viver cem anos aquele que age sem apego - que realiza seu trabalho com zelo, porém sem desejo, não ansiando por seus frutos - ele, e somente ele.

Existem mundos sem sóis, cobertos pela escuridão. Para esses

mundos vão depois da morte os ignorantes, assassinos do Eu. O Eu é um só. Sendo imóvel, ele se move mais rápido do que o pensamento. Os sentidos não o alcançam, pois ele sempre vai primeiro. Permanecendo imóvel, ultrapassa tudo o que corre. Sem o Eu, não há vida.

Para o ignorante, o Eu parece mover-se - embora ele não se mova. Ele está muito distante do ignorante - embora esteja próximo. Ele está dentro de tudo, e está fora de tudo.

Aquele que vê todos os seres no Eu, e o Eu em todos os seres, não odeia ninguém.

Para a alma iluminada, o Eu é tudo. Para aquele que vê harmonia em todos os lugares, como pode haver ilusão ou pesar?

O Eu está em todos os lugares. Ele é brilhante, imaterial, sem mácula de imperfeição, sem osso, sem carne, puro, intocado pelo mal.

Aquele que vê, Aquele que pensa, Aquele que está acima de tudo, o Auto-Existente - ele é aquele que estabeleceu a ordem perfeita entre objetos e seres desde o tempo que não tem princípio.

À escuridão estão destinados os que se dedicam apenas à vida no mundo, e a uma escuridão ainda maior os que se entregam apenas à meditação.

Viver somente no mundo leva a um resultado, meditar apenas leva a outro. Assim falaram os sábios.

Aqueles que se dedicam tanto à vida no mundo como à meditação superam a morte através da vida no mundo e atingem a imortalidade através da meditação.

À escuridão estão destinados os que cultuam somente o corpo, e a uma escuridão ainda maior os que veneram apenas o espírito.

Cultuar somente o corpo leva a um resultado, venerar apenas o

espírito leva a outro. Assim falaram os sábios.

Os que veneram tanto o corpo como o espírito, pelo corpo vencem a morte, e pelo espírito atingem a imortalidade!

A face da verdade está oculta por vosso orbe dourado, ó Sol.

Removei-o, para que Eu, que sou dedicado à verdade, possa contemplar a sua glória!

Ó vós que alimentais, o único que vê, o que tudo controla - Ó Sol que ilumina, fonte de vida para todas as criaturas - retende a vossa luz, reuni os vossos raios. Possa Eu contemplar através da vossa graça a vossa forma mais abençoada. O Ser que aí habita - mesmo esse Ser sou Eu.

Permiti que minha vida agora se una à vida que tudo permeia. As cinzas são o fim do meu corpo. OM... Ó mente, lembrai-vos de Brahman. Ó mente, lembrai-vos das vossas ações passadas.

Lembraí-vos de Brahman. Lembrai-vos das vossas ações passadas. Ó deus Agni, levai-nos à felicidade. Vós conheceis nossas ações.

Preservai-nos da ilusória atração do pecado. A vós oferecemos nossas saudações, uma e outra vez

37. Brahman, a realidade última de tudo, no Kena Upanishad
Quem comanda a mente para que ela pense? Quem ordena que o corpo viva? Quem faz a língua falar? Quem é o Ser radiante que conduz o olho à forma e à cor, e o ouvido ao som?

O Eu é o ouvido do ouvido, a mente da mente, a fala da fala. Ele também é o alento do alento, o olho do olho. Ao abandonarem a falsa identificação do Eu com os sentidos e com a mente, e ao saberem que o Eu é Brahman, os sábios, ao deixarem este mundo, tornam-se imortais.

O olho não o vê, nem a língua o exprime, nem a mente o alcança. Não o conhecemos e nem podemos ensiná-lo. Ele é diferente do conhecido, e diferente do desconhecido. Foi o que ouvimos dos sábios.

Aquilo que não pode ser expresso em palavras mas pelo qual a língua fala - sabeis que é Brahman. Brahman não é o ser que é adorado pelos homens.

Aquilo que não é compreendido pela mente, mas pelo qual a mente compreende - sabeis que é Brahman. Brahman não é o ser que é adorado pelos homens.

Aquilo que não é visto pelo olho, mas pelo qual o olho vê - sabeis que é Brahman. Brahman não é o ser que é adorado pelos homens.

Aquilo que não é ouvido pelo ouvido, mas pelo qual o ouvido ouve - sabeis que é Brahman. Brahman não é o ser que é adorado pelos homens.

Aquilo que não é trazido pelo sopro vital, mas pelo qual o sopro vital é trazido, sabeis que é Brahman. Brahman não é o ser que é adorado pelos homens.

Se pensais que conheceis bem a verdade de Brahman, sabeis que conheceis pouco. O que pensais ser Brahman no vosso Eu, ou o que pensais ser Brahman nos deuses - não é Brahman. Deveis, portanto, aprender o que é realmente a verdade de Brahman.

Não posso dizer que conheço Brahman totalmente. Nem posso dizer que não o conheço. Aquele dentre nós que melhor o conhece é quem entende o espírito das palavras: "Eu nem sei que não o conheço".

Aquele que verdadeiramente conhece Brahman é quem sabe que ele está além do conhecimento; aquele que pensa que sabe, não sabe. O ignorante pensa que Brahman é conhecido, porém os sábios sabem

que ele está além do conhecimento.

Aquele que percebe a existência de Brahman por trás de todas as atividades do seu ser - seja sensação, percepção ou pensamento - somente ele obtém a imortalidade. Através do conhecimento de Brahman, vem o poder. Através do conhecimento de Brahman, revela-se a vitória sobre a morte.

Abençoado o homem que enquanto ainda vive percebe Brahman. O homem que não o percebe sofre sua maior perda. Quando deixam esta vida, os sábios, que perceberam Brahman como o Eu em todos os seres, tornam-se imortais.

38. Meditação sobre o surgimento dos humanos, do Atharva veda
Quem ajustou os calcanhares do homem? Quem produziu a carne?
Por quem foram feitos os tornozelos, os dedos, que modelam, os
orifícios do corpo, os dois pilares que saem do centro, e o assento?
Por que os tornozelos abaixo das rótulas? Como se separam as
pernas? E as articulações dos joelhos, quem o sabe?
Sendo um cubo de lado bem feito, o tronco ereto e flexível combina
com os joelhos. Coxas e ancas, que sujeitam a espinha dorsal, quem
as fez?
Quantos e quais os deuses que arranjaram o peito e a nuca do
homem? Quantos ajustaram os seios e os cotovelos? Quantos
arrumaram as espáduas e as costelas?
Qual o deus que, enquanto estava fazendo os braços, dizia: "é para o
homem trabalhar com isto"? Qual o deus que ajustou as espáduas
sobre a espinha dorsal?
Quem furou os sete orifícios na cabeça? Quem ajustou as orelhas, as
narinas, os olhos, a boca? Por isso, homens e animais, de mil

maneiras, todos andam, resolutamente.

Colocou a língua dentro da boca e nela depôs a poderosa palavra.

Desde então, envolto nas águas, o homem gira pelos mundos. Quem o compreende?

Depois de arrumar o cérebro humano, a testa, o toutiço, e todo o crânio, depois de combinar as partes dos maxilares, ele, o primeiro, subiu ao céu. Quem é esse deus?

Todas as coisas, agradáveis, desagradáveis, o sono, o abatimento, as delícias e os gozos, de onde as extrai o homem poderoso?

De onde lhe vêm a desgraça, a ruína, a perdição, a desvalia? Êxito, bom sucesso, ganho, favor, prestígio, de onde lhe vêm?

Quem nele derramou as águas, que se escoam em vários rumos e não cessam de girar, nascidas para correrem nos rios, as águas, vivas, amarelas, vermelhas, cobreadas, embriagantes, que estão em cima, em baixo, dentro do homem?

Quem lhe deu forma, estatura, nome? Quem o fez andar? Quem lhe deu um caráter distinto? Quem lhe doou a gesticulação?

Quem fez a expiração, a inspiração, a transpiração? Qual o deus a quem o homem deve a conspiração?

Quem inspirou o dever do sacrifício? Qual o deus único? Que é o real? Que é o irreal? De onde vem a morte, de onde vem a não-morte?

Quem o vestiu e marcou a duração da existência? Quem lhe deu vigor? Quem o fez veloz?

Quem estendeu as águas? Quem fez o dia resplandecente, acendeu a aurora e mostrou o crepúsculo?

Quem criou no homem o esperma e disse: "é para ele ter uma descendência?" Quem lhe possibilitou o conhecimento? Quem lhe

trouxe a música, as danças?

Por quem foi a terra coberta, o firmamento ultrapassado, as montanhas transpostas? Por quem foram feitas as obras e ele próprio, o homem?

Por quem reverencia ele a Parjania, a Soma, àquele que vê longe?

Por quem são feitos o sacrifício e a fé? Por quem desceu até ao homem a inteligência que nele reside?

39. A transmigração da alma, no Manavadharmashastra

A ação, que advém da mente, da fala e do corpo, produz resultados bons ou maus; pela ação são causadas as diversas condições humanas, as mais elevadas, as médias e as mais baixas.

A mente é o instigadora aqui embaixo, mesmo aquela ação ligada ao corpo, e que é de três tipos, tem três localizações e se classifica sob dez títulos.

Cobiçar a propriedade alheia, pensar no coração sobre o que é indesejável e aderir a doutrinas falsas são os três tipos de ação mental pecaminosa.

Injuriar o próximo, dizer mentira, detrair dos méritos de todos os homens e falar frivolamente serão os quatro tipos de ação verbal má. Tomar o que não foi dado, ferir as criaturas sem a sanção da lei e manter relações criminosas com a mulher do próximo são declarados como os três tipos de ação corporal ruim.

Um homem consegue o resultado de ato mental bom ou mau em sua mente, o de um ato verbal em sua fala e o de um ato corporal em seu corpo.

Em consequência de muitos atos pecaminosos cometidos com seu corpo, no nascimento seguinte um homem se toma algo inanimado;

em consequência de pecados cometidos pela fala, uma ave ou um animal, e em consequência de pecados mentais ele nasce novamente em uma casta inferior.

40. A libertação da alma, no Bhagavad gita

Arjuna disse:

ó Janardana, ó Keshava (Krishna), se para o teu espírito (o caminho da) sabedoria é superior ao (caminho) da ação, porque estás me engajando nesta terrível ação?

Com estas palavras que parecem contraditórias estás conturbando o meu entendimento; dize-me, pois, com certeza, com qual delas poderei atingir o mais alto.

O Senhor Abençoado disse:

ó sem-pecado, neste mundo é duplo o caminho que já descrevi. O caminho da sabedoria é para os meditativos, e o caminho do trabalho é para os ativos.

Um homem não alcança a liberdade pela ação deixando de executar a ação, nem atinge a perfeição simplesmente com o abandonar a ação.

Ninguém pode jamais descansar por um instante sem executar ação, porque todos são impelidos pelas Gunas (qualidades) filhas de Prakriti (Natureza) a um agir incessante. Aquele que, restringindo os órgãos de ação, se queda com pensamentos de objetos do sentido na mente, é um que se ilude a si próprio, e é chamado um hipócrita.

Mas, ó Arjuna, aquele que, controlando os sentidos com a mente, segue desprendido o caminho da ação com os seus órgãos de ação, é apreciado o

8. Executa, portanto, ações justas e obrigatórias, porque a ação é

superior à inação. Sem trabalho, até a manutenção desnuda do teu corpo seria impossível.

9. Este mundo está ligado por ações, exceto quando elas são praticadas por causa de Yajna. Assim, pois, ó filho de Kunti, pratica a ação com desprendimento.

10. No princípio o Senhor das criaturas, tendo criado a humanidade, juntamente com Yajna, disse: “Por elas (Yajna) prosperaremos e obteremos todos os resultados desejados, como Kamadhuk”.

41. A composição da Alma, no Milinda Panha

O Rei Milinda foi procurar o Venerável Nágasena, trocou cumprimentos educados e amistosos e tomou assento, respeitosamente, sobre um só lado. Então, Milinda começou a perguntar:

- “Como é o Reverendo conhecido e qual o seu nome?” – “Oh Rei! Sou conhecido como Nágasena mas isto é apenas uma designação de uso comum, porque nada de permanente e individual pode ser encontrado nisso.”

Então, Milinda chamou os Gregos Bactrianos e os monges para testemunharem: “Este Nágasena diz que nada de permanente e individual pode ser encontrado num nome. É possível concordar com isto?” Então, voltou-se para Nágasena e disse: “Se, Venerável Nágasena, isto é verdade, quem lhe dá mantos, comida e abrigo? Quem vive a vida correta? Ou novamente, quem mata seres vivos, rouba, comete adultério, mente e usa intoxicantes? Se o que o senhor diz é verdade, então não há mérito nem demérito, tampouco quem pratique as boas ou más ações nem resultado algum do karma. Se, Venerável Ser, um homem o assassinasse, não haveria

assassinato e, por conseguinte, não haveria mestres nem professores em sua Ordem. O senhor afirma que se chama Nágasena, agora, o que é Nágasena? É o cabelo?

“Eu não digo isso, Grande Rei.”

“Então é as unhas, dentes, pele ou outras partes do corpo?”

“Certamente que não.”

“Ou é o corpo, ou sentimentos, ou percepções, ou formações ou a consciência? É isto tudo combinado?”

Nágasena respondeu: “Nada destas coisas.”

“Então, como posso perguntar, não posso descobrir Nágasena algum. Nágasena é um som vazio. Quem é que está aqui, diante de nós? O que o Venerável acabou de dizer é falso.”

“O Grande Rei sempre esteve coberto de grande luxo, desde que nasceu. Como veio até aqui – a pé ou numa carruagem?”

“Em uma carruagem, Venerável Ser.”

“Então, explique Grande Rei, o que é a carruagem. É o eixo das rodas? Ou as rodas, ou os chassis, ou as rédeas, o que é a carruagem? É tudo isso combinado ou não é nada destas coisas?”

“Não é nada destas coisas, Venerável Ser.”

“Então, Grande Rei, a carruagem é um som vazio. O Grande Rei falou algo falso ao dizer que veio até aqui numa carruagem. O senhor é um Grande Rei da Índia. A quem teme para não poder dizer a verdade?” Então, ele chamou os monges e os Bactrianos Gregos como testemunhas: “Este Rei Milinda disse ter vindo aqui de carruagem mas, quando perguntado sobre o que é uma carruagem, não foi capaz de dizer. Podem concordar com isto?”

Os quinhentos Gregos Bactrianos aprovaram e disseram ao rei, “Saia desta, se puder!”

“Venerável Ser, eu falei a verdade. É por ter todas essas partes que a carruagem é definida com esse termo.”

“Muito bem, Grande Rei, Vossa Majestade captou o significado correto. Da mesma forma, é por causa dos 32 tipos de matéria orgânica no corpo humano e dos Cinco Agregados da Existência que eu me tornei conhecido como “Nágasena”. Como foi dito pela Irmã Vajíra na presença do Buddha, “É exatamente por haver várias partes que a palavra “Carruagem” é usada, exatamente por haver os Agregados da Existência que falamos sobre uma existência.”

“Maravilhoso, Nágasena, extraordinário o modo como resolveu este quebra-cabeça, embora fosse difícil. Se o próprio Buda estivesse aqui, ele teria aprovado sua resposta.”

42. Fantasmas no hinduísmo, do Garuda purana

Garuda perguntou: Mas às vezes as pessoas vêem fantasmas. Como eles conseguem fazer isso? Como eles escapam do inferno?

- Da mesma forma que os prisioneiros fogem da prisão, respondeu Vishnu. Eles vêm perturbar os seus amigos e parentes.

Eles retornam para suas casas antigas e causam todos os tipos de doenças, como febre. Eles com certeza estão presentes quando as pessoas têm dores de cabeça ou de cólera. Quanto mais eles amavam seus entes queridos, quando eles estavam vivos, mais mal que causam como fantasmas. É no kaliyuga que se tem todos esses fantasmas. Não houve tais fantasmas na satyayuga, dvaparayuga ou tretayuga. Esses fantasmas causam a discórdia entre os amigos e matam animais e crianças.

- Como se sabe que os fantasmas estão presentes? perguntou Garuda.

- Os sinais são bastante óbvios, disse Vishnu. Animais morrem e amigos brigam. Há catástrofes súbitas. As crianças se voltam contra seus pais, brahmanas são criticados e há más colheitas. Irrompe fogo por nenhuma razão em tudo. Marido e mulher lutam o tempo todo. Estes são os sinais.

-O que se faz quando se sabe que há fantasmas por aí? perguntou Garuda.

- Já indiretamente respondi às perguntas, respondeu Vishnu. Realizar uma cerimônia fúnebre para o fantasma. Mas também é bom consultar alguém que seja entendido nesses assuntos, um adivinho ou astrólogo (daivajna).

43. Dúvidas sobre a transmigração, do Garuda purana

Existe uma hierarquia dos seres. Todos os seres vivos são divididos em quatro grupos. O primeiro grupo é constituído por aqueles que nascem de ovos, a segunda daqueles que nascem de suor, o terceiro de ervas e plantas, e o último dos mamíferos. Estes quatro grupos são, respectivamente, conhecido como andaja, svedaja, udbhijja e jarayuja.

Cada atman tem de nascer em cada uma dessas formas 21 vezes lakh (10mil), sujeita, naturalmente, aos punyas e feitos realizado em vidas anteriores. Isto é, uma atman tem que gastar 84 mil vidas na Terra.

Entre os mamíferos, os homens são superiores a todos os outros e é muito difícil para um atman nascer como um ser humano. É apenas se o atman adquiriu um lote de punya que nasce como um ser humano. Seres vivos são os melhores de todos os elementos, os seres vivos mais inteligentes, o melhor de todos os seres vivos, e os

brâmanes são os melhores de todos os seres humanos.

44. Céus e infernos, no Garuda purana

É importante ter um filho, para que sua linhagem possa ir em frente. Uma pessoa que não tem filho vai para o inferno punnama. É por isso que um filho é chamado de putra. Ele resgata (Trana) seu pai e seus antepassados outros do punnama naraka, o inferno chamado put.

Quando uma pessoa morre, mensageiros de Yama (yamaduta) chegam para levá-lo a Yama. Mensageiros de Yama são terríveis de aparência e possuem varas e paus nas mãos. O atman deixa o corpo físico morto e adota uma forma muito pequena, do tamanho de um dedo. Desta forma, a pessoa morta é levada para morada de Yama. As ações executadas na vida de alguém (karma) determinam o que vai acontecer com uma pessoa morta depois. Ele é o primeiro enviado para o inferno para ouvir a sua sentença pelos pecados que cometeu. Posteriormente, ele nasce de novo. E como ele nascerá depende do karma da vida anterior.

Para cuidar de diferentes tipos de pecadores, há Narakas diferentes. O mais importante é naraka rourava, reservada para aqueles que mentem ou prestam falso testemunho. O inferno tem uma longa extensão e está cheia de buracos enormes. Estes poços estão cheios de carvão em brasa. O pecador é solto em uma extremidade do inferno e deve ir a pé até a outra extremidade. Naturalmente, ele continua caindo nos buracos e fica gravemente queimado. Quando ele chega ao outro lado do inferno, ele é liberado da rourava. Ele então vai para outros infernos se há outros pecados a ser contabilizados.

Outro inferno é chamado maharourava. É coberto com areias escaldantes. Os fogos que ardem lá são tão brilhantes que ferem os olhos do pecador. Mãos e pés do pecador e são amarrados e ele é jogado no inferno. Lá, ele queima. Para agravar suas misérias, o inferno é povoado por corvos ferozes, abutres, lobos, mosquitos e escorpiões. Estes o mordem, comem sua carne enquanto ele queima. Depois de vários anos passados em maharourava, os pecadores são liberados.

Ao contrário de rourava e maharourava, um inferno chamado atishita é extremamente frio. Não há luz lá e está tudo na escuridão total. O calor que os pecadores conseguem se dá pelo consumo dos órgãos uns dos outros. Há granizo que tornam a pele encarquilhada. E não há o que comer. Para satisfazer sua fome, os pecadores comem uns aos outros, carne e sangue e ossos.

O inferno chamado nikrintana é bem diferente. Pecadores ficam amarrados a estacas e seus corpos são cortados com chakras afiadas. O corte começa com o pé e depois muda do corpo para a cabeça e novamente começa com o pé. A parte trágica disso é que os pecadores não morrem no processo. Pois assim que uma parte do seu corpo é cortada, ela se junta novamente. Assim, um pecador não morre, mas continua a suportar a miséria. E assim continua por mil anos antes que haja liberação.

Um inferno chamado apratishtha é um lugar onde os pecadores giram em rodas até que eles começam a vomitar sangue e seus intestinos saem de suas bocas.

Asipatravana naraka é uma extensão enorme. As bordas do inferno são extremamente quentes e há um bosque de árvores no centro. O centro é também mais frio. Os pecadores são soltos nas bordas e

sofrem muito com o calor que eles passam em direção ao centro. Asi significa espada e patra é a lâmina de uma espada. Vana é uma floresta. O inferno é assim chamado porque as árvores do bosque têm folhas que são tão afiadas quanto as lâminas das espadas. Quando pecadores vão para o bosque, sua carne é cortada com as folhas das árvores. E o bosque também está cheio de cães ferozes que imediatamente comem a carne rasgada.

O Próximo é o inferno chamado taptakumbha. Isto é, quente (tapa) potes (kumbha). Os potes estão cheios de óleo fervente. Os pecadores são pendurados de cabeça para baixo dentro desses vasos e assados. E, enquanto eles estão sendo cozidos em óleo, abutres rasgam porções de seus corpos e continuam a ser expostos.

Há muitos infernos. Mas os sete mais importantes são os que acabam de ser descrever: rourava, maharourava, atishita, nikrintana, apratishtha, asipatravana e taptakumbha.

Todos os infernos estão localizados sob a terra. Os infernos são tão terríveis que em um único dia, parece como uma centena de anos na terra. A Prisão em qualquer naraka é por um período fixo. Quando todos as expiações em infernos diferentes foram cumpridas, é tempo para o pecador nascer de novo. E o que ele nasce é determinado pelo karma de sua vida anterior. O maior dos pecados que cometeu em sua vida anterior, determinará a sua forma de nascimento. E assim o ciclo de nascimento, expiação e renascimento continua.

Recompensas para punya são recebidos no céu. Mas estas recompensas não são para sempre. Uma vez que o prazo é longo, a pessoa tem que renascer.

45. Os quatro pilares do hinduísmo – Artha, Dharma, Kama e Moksha, no Kamasutra

O período da vida de um homem é de cem anos, e ele deve praticar Dharma, Artha e Kama em momentos diferentes e de tal forma que possam se harmonizar juntos e não se chocar de forma alguma. Ele deve adquirir a aprendizagem em sua infância, em sua juventude e de meia idade, ele deve atender a Artha e Kama, e na sua velhice ele deve executar Dharma e, assim, procurar ganhar Moksha, ou seja, a libertação da transmigração. Por conta da incerteza da vida, ele pode praticá-los nos momentos em que eles forem necessários. Mas uma coisa é para ser notado, ele deve levar a vida de um estudante religioso até que ele termine sua educação.

Dharma é a obediência as regras dos Shashtra ou Sagradas Escrituras dos hindus, o modo correto de fazer certas coisas, tais como a realização de sacrifícios, que geralmente não são feitos corretamente porque não pertencem a este mundo e não produzem nenhum efeito visível, e para não se fazerem outras coisas, como comer carne, o que geralmente é feito porque ela pertence a este mundo, e tem efeitos visíveis.

Dharma deve ser aprendido a partir do Shruti (Sagradas Escrituras), e daqueles familiarizados com ela.

Artha é a aquisição de artes, terra, ouro, gado, riqueza, bens e amigos. É, ainda, a proteção do que é adquirido, e do seu aumento.

Artha deve ser aprendido com os oficiais do rei, e com os comerciantes que podem ser versados nas formas de comércio.

Kama é o gozo de objetos apropriados pelos cinco sentidos da audição, tato, visão, paladar e olfato, assistidos pela mente, juntamente com a alma. O ingrediente neste peculiar é um contato

entre o órgão de sentido e de seu objeto, e a consciência do prazer que surge a partir desse contato é chamado de Kama.

Kama é para ser aprendido com o Kamasutra e na prática dos cidadãos.

Quando todos os três, Dharma, Artha e Kama, se reúnem, o primeiro é melhor do que o que se lhe segue, ou seja, Dharma é melhor do que Artha, e Artha é melhor que Kama.

46. Dharma sutras – As regras para um asceta

Os votos seguintes deverão ser mantidos por um asceta:

Abster-se de ferir seres vivos, veracidade, abstenção quanto a apropriação de propriedade alheia, continência e liberalidade.

Há cinco votos menores, quais sejam a abstenção quanto à raiva, obediência para com o guru, evitar a imprudência, limpeza e pureza ao comer.

Vem agora a regra para esmolar. Que pergunte aos brâmanes, tanto os que têm casas quanto os de vida peregrina, quando a oferta de Vaishvadeva terminou.

Que faça a pergunta, antecedendo-a com a palavra "bhavat".

Que esmole de pé não mais do que o tempo necessário para ordenhar uma vaca.

Quando regressar disso, ponha as esmolas em lugar seguro, lave mãos e pés e anuncie o que obteve ao sol.

Dando piedosamente porções de seu alimento aos seres vivos e aspergindo o restante com água, ele comerá como se o alimento fosse um remédio.

Que coma alimentos dados sem pedir, sobre os quais nada tenha sido combinado antecipadamente e lhe tenham chegado por

acidente e apenas o bastante para sustentar sua vida.

Em seguida eles citam os versos: "Oito bocados perfazem a refeição de um asceta, dezesseis a de um eremita na floresta, trinta e dois a de um chefe de família, uma quantidade ilimitada de um estudante".

"As esmolas podem ser obtidas de homens das três castas, ou pode ser comido o alimento dado por um único brâmane; ou então poderá obter alimento de homens de todas as castas, e não comer o que for dado por um único brâmane".

Em seguida, citam as regras especiais para o caso em que os mestres expliquem a doutrina os seguintes Upanishads: "De pé diligentemente durante o dia, mantendo silêncio, sentado a noite com pernas cruzadas, banhando-se três vezes por dia e comendo apenas na quarta, sexta ou oitava hora de refeição, ele subsistirá inteiramente com grãos de arroz, bolo de linhaça, alimento preparado com cevada, leite azedo e leite".

Está declarado nos Vedas: "Nessa ocasião ele se manterá em silêncio rígido; apertando os dentes ele poderá conversar, sem abrir a boca, tanto quanto for necessário e com mestres profundamente versados nos três Vedas e ascetas com grande conhecimento das escrituras, e não com mulheres, nem quando assim fazendo quebraria seu voto". Que observe apenas uma das regras que ordenam ficar de pé durante o dia, silêncio rígido e sentar-se a noite com pernas cruzadas; que não observe todas as três conjuntamente.

Está declarado nos Vedas: "E aquele que foi lá pode comer, em ocasiões difíceis, uma pequena quantidade do alimento prescrito para seu voto, depois de ter partilhado em outros pratos, desde que não quebre seu voto".

"Oito coisas não levam, aquele que pretende estar de pé durante o

dia - manter o silêncio rígido, sentar-se a noite com pernas cruzadas, banhar-se três vezes por dia e comer apenas na quarta, sexta ou oitava hora de refeição - a quebrar o seu voto, ou seja, a água, raízes, manteiga clareada, leite, alimento sacrificial, do prato e um brâmane, uma ordem de seu pai e o remédio".

"Um asceta não manterá fogo, não terá casa, nem lar, nem protetor. Poderá entrar em uma aldeia para pedir esmolas e emitir fala na recitação particular dos Vedas".

47. A visão religiosa Jaina

Toda alma é independente. Nenhuma depende de outra.

Todas as almas são iguais. Nenhuma é superior ou inferior.

Toda alma é, em si absolutamente onisciente e feliz. A felicidade não vem de fora.

Todos os seres humanos são infelizes devido às suas próprias faltas, e eles próprios podem ser felizes, corrigindo essas falhas.

O maior erro de uma alma é o não reconhecimento de seu verdadeiro eu e isso só pode ser corrigido através do reconhecimento de si mesmo.

Não há existência separada de Deus. Todo mundo pode atingir Deus fazendo esforços supremos na direção certa.

Conhece a ti mesmo, reconhecer-te, ser imerso por ti, e você vai alcançar a divindade.

Deus não é nem o criador nem o destruidor do universo. Ele é apenas um observador silencioso e onisciente.

Aquele que, mesmo depois de conhecer todo o universo, pode permanecer inalterado e desapegado, é Deus.

Luta consigo mesmo, por que lutar com inimigos externos? Aquele

que vence a si mesmo através de si mesmo, obterá felicidade. Todos os seres odeiam e sofrem, portanto, não se deve matá-los feri-los. Ahimsa (não violência) é a maior religião. Um homem está sentado em cima de uma árvore no meio de uma floresta em chamas. Ele vê todos os seres vivos perecerem. Mas ele não percebe que o mesmo destino está prestes a alcançá-lo também. Este o homem é tolo.

48. A visão da religião Budista – Dhamapada

O melhor dos caminhos é óctuplo (Doutrina Correta, Propósito Correto, Discurso Correto, Modo de portar-se Correto, Pureza Correta, Pensamento Correto, Solidão Correta, Êxtase Correto); a melhor das verdades, as quatro palavras; a melhor das virtudes, a indiferença; o melhor dos homens é o que tem olhos para ver. É este o caminho, não há outro que leve à purificação da inteligência. Vá por este caminho! Eis a confusão de Mara, o tentador. Se você seguir este caminho, você porá fim à dor! Eis o caminho que eu aconselhei, quando compreendi a remoção dos espinhos na carne. Você mesmo deve fazer um esforço. Os Tathagatas (Budistas) são pregadores apenas. O meditativo que entra nesse caminho fica livre da escravidão de Mara.

- "Todas as coisas criadas perecem" - aquele que sabe e vê isso torna-se passivo no sofrimento; eis o caminho para a purificação.

- "Todas as coisas criadas são pesares e dores" - aquele que sabe e vê isto torna-se passivo na dor; eis o caminho que leva à purificação.

- "Todas as formas são irreais" - aquele que sabe e vê isto torna-se passivo na dor; eis o caminho que conduz à purificação.

Aquele que não se levanta quando é tempo de levantar-se, que,

embora jovem e forte, é indolente, cuja vontade e pensamento são fracos, esse homem preguiçoso e indolente jamais encontra o caminho do saber.

Observando suas palavras, com o espírito bem domado, que um homem jamais cometa qualquer erro com o seu corpo! Que um homem apenas guarde essas três veredas de ação bem desimpedidas e alcançará o caminho que os sábios indicam.

Por meio do zelo ganha-se o saber, por meio da falta de zelo nós o perdemos; deixemos que um homem que conheça esse caminho duplo de ganho e perda assim se coloque a fim de que o conhecimento possa crescer.

Abate uma floresta inteira de desejos, e não apenas uma árvore! O perigo provém da floresta de desejos. Quando tiverem abatido tanto a floresta de desejos como as plantas rasteiras, então, Bhikshu, estareis livres da floresta e dos desejos!

Enquanto houver o desejo do homem pelas mulheres, mesmo que seja menor, sem ter destruído, seu espírito estará escravizado, assim como o bezerro que mama está escravizado à sua mãe.

Extirpa o amor-próprio, como um lótus outonal, com tua mão! Tem em alta conta a estrada da paz. O Nirvana foi mostrado por Sugata (Buda).

- "Aqui viverei na chuva, aqui ficarei inverno e verão" - assim medita o tolo, e não pensa na morte.

A morte vem e faz desaparecer aquele homem, respeitado pelos filhos e parentes, seu espírito se separa, assim como a inundação faz desaparecer uma aldeia adormecida.

Os filhos nada adiantam, sem um pai, nem os parentes; não há auxílio da parte dos parentes que valha para aquele de quem a morte

se apossou.

Um homem sábio e de bom comportamento que compreenda o significado disto, depressa desbravará o caminho que leva ao Nirvana.

49. Éditos ecumênicos de Ashoka

O fruto do Esforço

Assim diz Sua Majestade Sagrada: - Por mais de dois anos e meio anos eu fui um discípulo leigo, sem, no entanto, exercitar-me seriamente. Mas há mais de um ano desde que entrei para a Ordem, e me exercito seriamente. Durante esse tempo, os deuses que eram considerados como verdadeiros em toda a Índia têm demonstrado serem falsos. Isso é o fruto de esforço. E isso não é suscetível de ser atingido por um grande homem só, porque até mesmo pelo pequeno homem que escolhe exercer-se a imensa felicidade celeste pode alcançá-lo. Para este efeito, o preceito foi escrito: - "Que pequenos e grandes exercitem-se." Meus vizinhos também devem aprender esta lição, e podem também fazer grandes esforços! E esse propósito vai crescer - sim, ela vai crescer imensamente - pelo menos uma e meia vezes vai aumentar em crescimento. E essa finalidade deve ser escrita nas rochas, tanto aqui quanto longe, e, onde quer que haja um pilar de pedra, deve ser escrito nesse pilar de pedra. E de acordo com este texto, tanto quanto a sua jurisdição se estende você deve enviá-lo por toda parte. Porque (eu) enquanto estava em viagem compus esse preceito.

Resumo da Lei da Piedade

Assim diz Sua Majestade Sagrada: - Pai e mãe devem ser ouvidos, do

mesmo modo, o respeito pelos seres vivos deve ser firmemente estabelecido, e a verdade deve ser falada. Estas são as virtudes da Lei de Piedade, que deve ser praticada. Da mesma forma, o professor deve ser reverenciado pelo aluno, e para as relações de cortesia, deve-se mostrar o melhor possível. Esta é a natureza antiga (da piedade) - isto dura apenas um dia para aprender, o modo como um homem deve agir. Escrito por Pada, o escriba.

50. O movimento devocional Vaisnava de Caytania

Pergunta: Que conhecimento é o superior a todos?

Resposta: Não há conhecimento, mas apenas devoção a Krishna.

Pergunta: Qual a mais alta glória em todos os tipos de glória?

Resposta: ser considerado devoto de Krishna.

Pergunta: Que se conta como riqueza entre as posses humanas?

Resposta: Imensamente rico é quem tem amor por Radha-Krishna.

Pergunta: Qual é a maior das tristezas?

Resposta: Não há tristeza, a não ser a separação de Krishna.

Pergunta: Quem se considera libertado entre os que foram libertados?

Resposta: Principal entre os libertados é quem pratica a devoção a Krishna.

Pergunta: Entre as canções, qual aquela natural às criaturas?

Resposta: A canção cujo coração fala dos amores de Radha-Krishna.

Pergunta: Qual o maior bem de todas as criaturas?

Resposta: Não existe algum, a não ser a sociedade daqueles que se devotam a Krishna.

Pergunta: De quem as criaturas se lembram incessantemente?

Resposta: As coisas principais a lembrar são o nome, qualidades e

diversões de Krishna.

Pergunta: Entre os objetos de meditação, em quais devem meditar as criaturas?

Resposta: A meditação suprema é sobre os pés de lótus de Radha-Krishna.

Pergunta: onde deviam morar todas as criaturas, deixando tudo o mais?

Resposta: Na terra gloriosa de Brindaban (terra de Krishna), onde a dança de Krishna é eterna.

Pergunta: Qual a melhor das coisas a serem ouvidas pelas criaturas?

Resposta: Os jogos amorosos de Radha-Krishna são um deleite para o ouvido.

Pergunta: o que é principal entre os objetos de adoração?

Resposta: o nome do casal mais adorável, Radha-Krishna.

93

51. O movimento devocional Shivaíta

Eu reverencio Shiva o consorte de Gauri, a única causa da origem, sustentação, dissolução do universo, que percebeu a realidade, que é de infinito renome, que é o apoio de Maya mas é livre de sua influência, cuja forma é incompreensível, que é imaculado e que é o perfeito conhecimento em si.

Eu saúdo Shiva que é anterior a Prakrti, que é calmo e tranqüilo, o único excelente Purusha, que criou o universo visível e que permanece tanto dentro quanto fora em forma de Éter.

Eu saúdo Shiva, de forma imanifesta, que tendo se estendido através da criação permanece no meio dela enquanto os mundos se movem ao redor dele como limalhas de ferro ao redor de um ímã. (Shiva purana)

[...]

Em um estado tranqüilo, possuindo o resplendor de dez milhões de Luas; vestido com peles de tigre; usando o fio sagrado feito com uma serpente; Todo o seu corpo é coberto com cinzas; usa serpentes como ornamentos; Suas cinco faces são das cores vermelho-escuro, amarelo, rosa, branco e vermelho, com três olhos cada; Sua cabeça é coberta com cabelo emaranhado; Ele é Onipresente; Sustêm Ganga (o rio Ganges) em sua cabeça, e tem dez braços; em Sua fronte brilha a Lua crescente; Em Sua mão esquerda, Ele segura o crânio, o fogo, o laço, o Pinâka (arma) e o machado, e em Sua mão direita, o tridente, o raio (vajra), a flecha e as bençãos; Ele está sendo louvado por todos os Deuses e os grandes Sábios; Seus olhos estão semi-abertos pelo excesso de êxtase; Seu corpo é branco como a neve, a flor Kunda e a Lua; Ele está sentado em um Touro; Noite e dia, ele é rodeado em ambos os lados pelos Siddhas (libertos), Gandharvas (músicos celestes) e Apsarâs (ninfas celestes), que cantam hinos em Seu louvor; Ele é esposo de Ūma; o dedicado Protetor de Seus devotos. (Mahanirvana Tantra)

52. Cultos Tântricos

Em meio ao oceano de Néctar, onde encoberta por grupos de árvores celestialmente desejosas se encontra a Ilha as Gemas Preciosas, na mansão das jóias desejosas com seu grupo de árvores nipa, num leito composto de Shiva e demais deuses, teu assento um colchão que é Shiva Supremo - alguns poucos felizardos te adoram, cheios de consciência e ventura.

A terra no muladhara, a água no manipura, o fogo situado no svadhishtana, o ar no coração e o éter acima dele, a mente entre as

sobancelhas - em suma, tendo perfurado todo o caminho kula, no lótus de mil pétalas tu brincas em segredo com teu senhor.

Com correntes de néctar correndo por entre teus pés e aspergido o universo, divertindo-te pelo poder de recitar os textos sagrados que produzem os seis círculos, novamente chegas à tua morada e na forma de uma serpente em três e meio anéis tu te convertes e dormes na concavidade kulakunda.

Por motivo dos quatro e dos cinco triângulos que são perfurados pelo bindu e constituem os triângulos básicos, quarenta e três - juntamente com os lótus e oito e dezesseis pétalas por fora dos triângulos, e os três círculos por fora dos lótus e as três linhas por fora dos círculos – ângulos de teu lugar de morada são formados.

Para igualar tua beleza, ó filha da montanha de neve, dificilmente os maiores poetas têm qualquer êxito; os cortesãos celestiais que a entreviram, por seu desejo de desfrutá-la passam em imaginação a se identificar com Shiva residente da Montanha, que é difícil de atingir mesmo pelas práticas ascéticas...[...]

[...]

Deva, quintessência do êxtase supremo, o Senhor de Kula, da própria essência do conhecimento do oceano de Kula Tantra, ocultado pela minha Maya.

Eu sou a Grande Natureza, consciência, êxtase, a quintessência, exaltada com devoção. Onde Eu estou, não há Brahma, Hara, Shambhu ou outros devas (deuses), nem há criação, preservação ou dissolução. Onde Eu estou, não há apego, felicidade, tristeza, liberação, bondade, fé, ateísmo, guru ou discípulo. Quando Eu, desejando a criação, cubro a mim mesma com minha Maya e torno-me tríplice, tornando-me extática em meu exuberante jogo de amor,

Eu sou Vikarini, dando origem às várias coisas."

"Ó, Ser que tudo sabe, se Eu sou conhecida, que necessidade há de escrituras reveladas e sadhana (disciplina)? Se Eu não sou conhecida, qual a utilidade de puja (oferendas) e textos revelados? Eu sou a essência da criação, manifestada como mulher, inebriada com desejo sexual, a fim de conhecer-te como guru, tu com o qual Eu sou uma. Ainda assim, Mahadeva, Minha verdadeira natureza ainda permanece secreta. (Kulachudamani Tantra)

53. Cantos de Kabir

"Tu és Isso", é a pregação dos Upanishads; esta, a sua mensagem. Grande sua confiança nisto; mas como podem, por mais poderosos, descrevê-lo?

Pândita, teus pensamentos são todos inverídicos; não há aqui qualquer universo ou criador;

Nem sutil, nem bruto, nem ar, nem fogo, nem sol, nem lua, nem terra, nem água;

Nem a forma da luz, nem o tempo existem; não há palavra nem corpo.

Não há ação ou virtude, nem mantras, nem adoração absolutamente. Os ritos e cerimônias não tem valor algum.

Ele é um e não há segundo.

Onde quer que se olhe, lá, lá Ele é o mesmo; Ele se acha em todos os recipientes.

Como posso explicar sua forma ou esboço? Não há um segundo que o tenha visto

Como posso descrever a condição do incondicionado, que não tem aldeia ou lugar de descanso?

Aquele que deve ser visto sem qualidades; por qual nome o chamarei?

Quando o fogo da avareza acaba, e a fumaça dos desejos não mais se alça.

Então o homem saberá que um Deus está contido em toda parte, e não há um segundo.

Aquele que reúne reside sempre separado de sua obra.

54. O surgimento dos Sikhs

Os celibatários, os fanáticos e os cantores pacificamente aceitam de você; os guerreiros destemidos cantam de você.

O Pandits, os estudiosos religiosos que recitam os Vedas, os sábios supremos de todas as idades, cantam de você.

O Mohinis, a encantadora belezas celestiais que seduzem corações no paraíso, neste mundo e no submundo do subconsciente, cantar de você.

As jóias criadas por ti, e os santuários sagrado de peregrinação, cantam de você.

O bravos guerreiros e valentes cantam de você. Os heróis espirituais e as quatro fontes de criação cantam Você.

Os mundos, sistemas solares e galáxias, criados e organizados por sua mão, cantam de você.

Eles cantam sozinhos de você, que são agradáveis a Sua Vontade.

Seus devotos são imbuídos com a sua essência Sublime.

Tantos outros cantam de você, eles não vêm à mente. O Nanak, como posso pensar em todos eles?

Isso, Senhor Verdadeiro, é verdadeiro, sempre verdadeiro, e verdadeiro é o Seu Nome.

Ele é, e será sempre. Ele não deve partir, mesmo quando este Universo que Ele criou parte.

Ele criou o mundo, com suas cores, espécies de seres, e a variedade de Maya.

Tendo criado a criação, Ele cuida de Si mesmo, pela sua grandeza.

Ele faz aquilo que lhe agrada. Ninguém pode emitir qualquer ordem para ele.

Ele é o Rei, o Rei dos reis, o Senhor Supremo e Mestre dos reis.

Nanak continua sujeito a Sua Vontade.

55. Akbar, o Sulak kul e o Dabistan – a tolerância islâmica na Índia

"Ó Tu, cujo nome é o começo do livro das crianças nas escolas,

Tua lembrança é para os adultos e os Sábios que ilumina à noite na velhice;

Sem o teu nome a língua é o palato dos bárbaros,

Embora saibam a linguagem da Arábia;

Tenham o coração e no corpo inteiro a tua lembrança,

Na contemplação do novato ou do iniciado

Torna-se um rei supremo da bem-aventurança, e o trono do reino da alegria.

Qualquer estrada que eu siga, que se juntem e que levem a Ti;

O desejo de conhecer o teu ser é também a vida dos meditadores;

Eles que descobriram que não há nada além de Ti, descobriram o conhecimento final;

O Mobed (clérigo zoroastrista) é o professor da tua verdade, e o mundo, uma escola."

Bênção sem limite para o Ser poderoso, o Senhor da existência, o

piloto sobre o sol da esfera celeste, que é a testemunha ocular da sua

glória;

A Ele cujo servo é Saturno, Baharam (Marte) o mensageiro, Júpiter a estrela arauto de sua boa sorte, Vênus seu escravo; Àquele que é o ornamento do trono do império da fé, e a coroa da divindade do reino da verdade "

Masnavi;

"O ser a quem o santo Deus disse:

Se não ti, eu não teria criado o mundo;

Essa sabedoria primitiva e que é a alma do mundo;

Que é o homem de espírito, e que é o espírito do homem.

Bênção também para o califa dos fiéis, e os Senhores da Imans da fé."

Rabaâi (quadra).

"O mundo é um livro cheio de conhecimento e de justiça,

A capa do livro é o destino, e a ligação do início e do fim;

A costura é a lei, e as folhas são as convicções religiosas;

Toda a nação é formada por seus discípulos, e o apóstolo é o professor. "

Neste livro, chamado "O Dabistan", está contido um pouco do conhecimento e da fé das nações passado, dos discursos e ações das pessoas modernas, como foi relatado por aqueles que sabem o que é manifesto, e viram o que está oculto; bem como por aqueles que estão ligados a formas exteriores, e por aqueles que discernem o significado interior, sem omissão, e diminuição, sem inveja, ódio e desprezo, e sem tomar uma parte para o um, ou contra o outro lado das perguntas.

56. A multireligiosidade de Ramakrishna

Vês muitas estrelas à noite no firmamento, mas não as encontras quando nasce o Sol; podes dizer que não há estrelas no céu durante o dia? Assim, ó homem, porque não contemplas Deus nos dias de tua ignorância, não digas que não há Deus.

Assim como um único e mesmo material, a água, é chamado por nomes diferentes por povos diferentes, uns a chamam água, outro eau, um terceiro aqua, e outro pani, assim também o Sat-chit-ananda, o imortal onisciente, é invocado por alguns como Deus, por alguns como Alá, por alguns como Jeová, por alguns como Hari e por outros como Brama.

Assim como alguém pode subir ao alto de uma casa por meio de uma escada de pau, de bambu ou de corda, ou de uma corda, assim também diversos são os caminhos para se aproximar de Deus, e cada religião do mundo mostra um desses caminhos.

As diferentes crenças não são mais que caminhos diferentes para se chegar ao Altíssimo. Vários e diferentes são os caminhos que levam ao templo da Mãe Kali em Kalighat (Calcutá). Do mesmo modo, vários são os caminhos que levam à casa do Senhor. Cada religião nada mais é que um de tais caminhos que levam a Deus.

Assim como uma jovem esposa mostra em sua família respeito pelo sogro, pela sogra e por todos os membros da família e, ao mesmo tempo, ama seu marido mais do que aqueles, do mesmo modo, mostrando-te firme na devoção da divindade de tua própria escolha (Ishta-Devata), não desprezas as outras divindades, mas as honras todas.

Curva-te e venera quando os outros se ajoelham, pois onde tantos estão prestando o tributo da adoração, o Senhor misericordioso deve

se manifestar, eis que ele é todo misericórdia.

O Sat-chit-ananda tem muitas formas. O devoto que viu o seu Deus somente sob um aspecto o conhece apenas sob aquele aspecto. Mas somente o que viu sob múltiplos aspectos está em condições de dizer: "Todas essas formas são de um deus e Deus é multiforme". Ele é informe e com forma, e muitas são as suas formas que ninguém conhece.

Os Vedas, Tantras e Puranas e todas as sagradas escrituras do mundo tornaram-se maculadas (como todo alimento lançado fora da boca se torna poluído) porque foram constantemente repetidas e saíram de bocas humanas. Mas o Brama e o Absoluto jamais se macularam, pois ninguém jamais foi capaz de expressá-lo pela fala humana.

A agulha magnética sempre aponta para o norte, e graças a isso os navios que navegam não perdem o rumo. Enquanto o coração do homem está voltado para Deus, ele não pode perder-se no oceano do mundo.

Em verdade, em verdade te digo que aquele que O procura O encontrará. Verifica isso em tua própria vida; experimenta, por três dias consecutivos, com fervor sincero, e podes estar certo de que serás bem sucedido.

Deus não pode ser visto enquanto houver o mais leve sinal de desejo; portanto, satisfaz teus pequenos desejos e renuncia os grandes desejos pelo certo raciocínio e discriminação.

Conhecer e amar Deus são, em última análise, a mesma coisa. Não há diferença entre o puro conhecimento e o puro amor.

57. Filosofia religiosa de Vivekananda

Este é o grande ideal à nossa frente e todos devem estar prontos para ele - a conquista de todo o mundo pela Índia - nada menos do que isso, e devemos preparar-nos todos para isso, mobilizar todos os nossos nervos para a tarefa. Que venham os estrangeiros com seus exércitos e inundem o país! Acima, Índia, e conquista o mundo com tua espiritualidade! Sim, como foi declarado pela primeira vez neste solo, o amor deve conquistar o ódio, o ódio não pode vencer a si próprio. O materialismo e todas as suas misérias jamais poderão ser vencidos pelo materialismo. Quando exércitos tentam vencer exércitos, apenas multiplicam-se e tomam embrutecida a humanidade. A espiritualidade deve conquistar o Ocidente.

Lentamente eles descobrem que aquilo que buscam é a espiritualidade, para conservá-los como nações. Estão esperando por ela, ansiosos por ela. De onde deverá vir o fornecimento? Onde estão os homens prontos a partir para todos os países no mundo com as mensagens dos grandes sábios da Índia?

Onde estão os homens prontos a sacrificar tudo, para que essa mensagem atinja todos os cantos do mundo? Tais almas heróicas são procuradas para ajudar a espalhar a verdade. Tais obreiros heróicos são procurado para ir ao estrangeiro e ajudar; disseminar as grandes verdades do Vedanta. O mundo quer isso, e sem isso o mundo será destruído. Todo o mundo ocidental é um vulcão que poderá entrar em erupção amanhã e estourar amanhã. Eles procuraram em todos os cantos do mundo e não encontraram descanso. Eles beberam bastante na taça do prazer e descobriram que era vaidade. Chegou a hora de trabalhar para que as idéias espirituais da Índia possam penetrar profundamente no Ocidente. Por isso, jovens de Madrasta,

peço-lhes especialmente para que se lembrem disto: devemos partir, devemos conquistar o mundo através de nossa espiritualidade e filosofia. Não há alternativa, ou fazemos isso ou morremos. A condição única de vida nacional, de vida nacional desperta e vigorosa, é a conquista do mundo pelo pensamento indiano.

58. A religiosidade em Gandhi

Minha experiência uniforme convenceu-me de que não existe outro Deus, a não ser a Verdade, e se cada página destes capítulos não proclamar ao leitor que o único meio de atingi-la é a não-violência, considerarei todo o meu trabalho escrito como sendo em vão e embora meus esforços neste particular possam mostrar-se infrutíferos, saibam os leitores que o veículo, e não o grande princípio, é que merece a culpa. Afinal, por mais sinceros que possam ser meus esforços no sentido do Ahimsa, ainda assim se mostraram imperfeitos e inadequados. Os curtos lampejos que consegui ter da Verdade, portanto, facilmente podem dar uma idéia do brilho indescritível que ela tem, um milhão de vezes mais intenso do que o do sol diariamente visto com nossos olhos. O que realmente entrevi foi apenas o mais apagado reflexo daquela luminosidade poderosa, mas posso dizer com certeza e como resultado de minhas experiências que uma visão perfeita da Verdade só pode ser obtida mediante uma realização completa do Ahimsa.

Para ver o Espírito da Verdade universal e presente em toda parte face a face, é preciso saber amar o mais modesto ser da criação como a si próprio um homem que aspire a isso não pode manter-se afastado de qualquer terreno da vida. É por isso que minha devoção pela Verdade me levou ao terreno da política, e posso afirmar sem a

menor hesitação, embora com toda a humildade, que quem diz nada ter a religião a ver com a política não sabe o que quer dizer religião. A identificação com tudo que vive é impossível sem a autopurificação, e sem esta a observância da lei do Ahimsa tem de continuar sendo um sonho vazio. Deus jamais poderá ser compreendido por quem não for de coração puro. Por isso a autopurificação deve significar purificação em todos os escalões da vida, e esta sendo altamente contagiosa, faz que a purificação de si próprio leve à do ambiente em que se vive.

O caminho da autopurificação, entretanto, é duro e íngreme. Para chegar à pureza perfeita é preciso que nos tomemos absolutamente livres de paixão no pensamento, fala e ação ergamo-nas acima das correntes opostas do amor e do ódio, ligação e repulsa. Sei que não tenho ainda em mim essa pureza tripla, a despeito de esforços constantes para atingi-la. É por isso que o louvor do mundo deixa de me impelir, e na verdade muitas vezes me fere. Vencer as paixões sutis parece-me mais difícil do que vencer fisicamente o mundo pela força as armas.

Desde que regressei à Índia tive experiências das paixões adormecidas ocultas em mim. O conhecimento das mesmas me fez sentir humilhado, embora não derrotado. As experiências me sustentaram e deram grande alegria, mas sei ter ainda diante de mim uma trilha difícil a percorrer. Tenho de me reduzir à zero. Enquanto um homem não se colocar por sua própria vontade em último lugar entre seus semelhantes, não haverá salvação para ele. Ahimsa é o mais extremo limite da humildade.

Ao me despedir do leitor, pelo menos por esta vez lhe peço que se junte a mim em oração ao Deus da Verdade, para que lhe possa

conceder-me a graça do Ahimsa em mente, palavra e feito.

[...]

Creio na verdade fundamental de todas as grandes religiões do mundo. Creio que são todas concedidas por Deus e creio que eram necessárias para os povos a quem essas religiões foram reveladas. E creio que se pudéssemos todos ler as escrituras das diferentes fés, sob o ponto de vista de seus respectivos seguidores, haveríamos de descobrir que, no fundo, foram todas a mesma coisa e sempre úteis umas às outras.

59. Novo hinduísmo, de Aurobindo Ghose

O que é a religião hindu? O que é esta religião a que chamamos Sanatan, eterna? É a religião hindu apenas porque a nação hindu a manteve, porque nesta península ela cresceu na separação imposta pelo mar e pelos Himalaias, porque nesta terra sagrada e antiga ela foi dada à raça ariana para ser conservada através das idades. Mas não se circunscreve aos confins de um único país, não pertence particularmente e para sempre a uma determinada parte do mundo. Aquilo a que chamamos religião hindu é na verdade a religião eterna, pois é a religião universal que abarca todas as outras. Se uma religião não for universal, não poderá ser eterna. Uma religião estreita, sectária, exclusiva, só poderá viver por tempo limitado e tendo um fito limitado. Esta é a religião que pode triunfar sobre o materialismo, incluindo e se antecipando às descobertas da ciência e especulações da filosofia. É a religião que faz ver à humanidade a proximidade de Deus e abarca em seu âmbito todos os meios possíveis pelos quais o homem pode aproximar-se de Deus. É a religião que insiste a todo

instante sobre a verdade reconhecida por todas, a de que Ele está em todos os homens e em todas as coisas e que n'Ele nós agimos e temos nosso ser. É a religião que nos capacita não só a compreender e acreditar nessa verdade, mas também senti-la com todas as partes de nosso ser. É a religião que mostra ao mundo o que o mundo é, a Diversão de Deus. É a religião que nos mostra como podemos desempenhar melhor nosso papel nessa Diversão, suas leis mais sutis e suas regras mais nobres. É a religião que não separa a vida em qualquer detalhe mínimo quanto à religião, que sabe o que é a imortalidade e retirou por completo de nós a realidade da morte. Esta é a palavra que foi posta em meus lábios para que a pronunciasse hoje. O que eu pretendia dizer foi afastado de mim e além do que me é dado, nada tenho a dizer. Apenas a palavra que me é dada eu posso pronunciar. Essa palavra terminou agora. Falei uma vez antes com esta força em mim e disse então que este movimento não é um movimento político e o nacionalismo não é política, mas uma religião, um credo, uma fé. Digo-o mais uma vez hoje, mas apresento- o e outro modo. Não digo mais que o nacionalismo é um credo, uma religião, uma fé, mas que o Sanatan Dharma para nós é nacionalismo.

Esta nação hindu nasceu com o Sanatan Dharma, com ele marcha e cresce. Quando o Sanatan Dharma declina, a nação declina e se o Sanatan Dharma pudesse desaparecer, com ele ela desapareceria, o Sanatan Dharma que é nacionalismo. Esta a mensagem que tenho para transmitir.

60. Hinduísmo moderno – Radhakrishnan

O objetivo da religião é o de nos erguer de nosso provincianismo

momentâneo e despido de significado, levando-nos à importância e posição do eterno, transformar o caos e a confusão da vida naquela essência pura e mortal que é sua possibilidade ideal. Se a mente humana se modifica de modo a estar perpetuamente na glória da luz divina, se as emoções humanas se transformam nas medidas e movimento da ventura divina, se a ação humana partilha da capacidade criadora da vida divina, se a vida humana partilha da pureza da essência divina, se pudermos sustentar essa vida mais elevada, o longo trabalho do processo cósmico receberá sua justificação final e a evolução dos séculos desdobrará seu significado profundo. A divinização da vida do homem no indivíduo é o sonho das grandes religiões. É o moksha dos hindus, o nirvana dos budistas, o reino do céu dos cristãos. Para Platão, é a vida da percepção desimpedida da idéia pura. É a compreensão da forma nativa do homem, a restauração da sua integridade de ser. O céu não é o lugar onde Deus vive, mas uma ordem de ser, um mundo de espírito onde as idéias de sabedoria, amor e beleza existem eternamente, um reinado no qual podemos ingressar imediatamente em espírito, que podemos compreender inteiramente em nós mesmos e na sociedade apenas através e esforço longo e paciente. A expectativa do segundo advento é a expressão da convicção da alma quanto à realidade do espiritual. O processo do mundo atinge sua consumação quando todos os homens sabem que são o espírito imortal, o filho de Deus, e o são. Até se chegar a essa meta, cada indivíduo salvo é o centro da consciência universal. Ele continua a agir sem o sentido, do ego. Ser salvo não é ser retirado do mundo. A salvação não é fuga à vida. O indivíduo não opera mais no processo cósmico como um ego obscuro e limitado, mas como um centro da

consciência divina ou universal que abarca e transforma em harmonia todas as manifestações individuais. É viver no mundo com o interior profundamente modificado. A alma toma posse de si própria e não pode ser abalada de sua tranquilidade pelas atrações e ataques do mundo. Se o indivíduo salvo foge literalmente do processo cósmico, o mundo ficaria para sempre irremisso, ficaria condenado a continuar sendo por todo o tempo o palco de luta e treva intermináveis. Os hindus afirmam graus diferentes de libertação, mas a completa e final é a última. O Bhagavata Purana registra a oração seguinte: "Não desejo o estado supremo com todas as suas oito perfeições, nem tampouco a libertação quanto ao renascimento; seja-me permitido tomar a tristeza de todas as criaturas que sofrem e entrar nelas, de modo que possam libertar-se da aflição. A auto-realização a que aspiram é incoerente com o deixar de conseguir resultados semelhantes nos outros. Este respeito pelo indivíduo como indivíduo não é a descoberta da democracia moderna, no que diz respeito à esfera religiosa. Quando o processo cósmico resultar na revelação de todos os filhos de Deus, quando todo o povo do Senhor se tomar profeta, quando esta encarnação universal tiver lugar, o grande renascimento cósmico de que a Natureza luta por se libertar estará consumado.

108

61. A universalidade religiosa, Raimon Panikkar

O Paraíso é hoje! O futuro das religiões é, pois um pseudo-problema! A minha proposta se refere à conversão das religiões, que sempre pensaram em converter os outros: ora, são eles a serem chamados a converter-se! Este é o kairós do milênio que recém se abriu para todas as religiões: continuar com pequenas reformas não tem

sentido, é necessária uma grande transformação, não violenta, lenta porém profunda, uma metánoia! Tal conversão deveria tornar as religiões cōnscias, seja de quanto mal têm feito na história, seja que agora o infiel está perto de casa, que todas as coisas as vemos – ainda – com a lente de aumento do outro. É uma espécie de nec cum te nec sine te [nem contigo nem sem ti]... {...} Gostaria de dizer que talvez as religiões devessem concentrar-se menos no nirvana, a mukti, a salvação, o céu e assim por diante, e concentrar os próprios esforços no objetivo de curar as feridas humanas, curar as páginas históricas da humanidade: numa palavra, na cultura da paz mais do que na pregação da salvação. Há muita sabedoria, por exemplo, em algumas religiões africanas que não se preocupam particularmente pelo Deus Supremo, e, ao invés dirigem a sua atenção para os deuses menores que criam problemas ou oferecem remédios. Sem querer ser paradoxal, poder-se-ia afirmar que as religiões faliram porque este é o seu karma, ou antes, a sua natureza: de fato, elas nos recordam constantemente a renúncia aos frutos, a ação desinteressada, a morte do Ego, e assim por diante. As religiões não são a panacéia humana, e como o próprio homem são itinerantes, provisórias, imperfeitas. Mostram a lua refletida no pântano, não a lua no céu, para utilizar uma metáfora budista: não oferecem a solução; oferecem-nos, antes, a esperança sempre renovada de continuar a viver, a lutar, a descobrir e a não renunciar à autêntica condição humana... Devem, em síntese, fazer continuamente metánoia!.

Introdução

O campo das teorias políticas na Índia foi dominado pelo Arthashastra, atribuído a um ministro da época maurya, chamado Kautilya ou Chanakya (-350–283), cuja influência estendeu-se durante séculos. Curiosamente ele é chamado de ‘Maquiavel indiano’, o que podemos entender como um anacronismo histórico. Em seu manual, Kautilya explicava como administrar um reino, estabelecendo as leis e os procedimentos corretos (Artha), e os trechos aqui apresentados se propõe a apresentar um pouco de suas teorias. Não é exagero dizer que ele foi o livro de cabeceira dos governantes indianos até o advento das teorias ocidentais. Dadabhai Naoroji (1871) sintetiza o pensamento entreguista que entendia o domínio britânico como uma benção para os indianos – no entanto, os indianos compreenderam, de certa forma, que alguns avanços foram obtidos com a presença inglesa em suas terras; Tilak (1856-1920), um dos fundadores do nacionalismo indiano se opôs completamente, porém, a idéia do ‘domínio necessário’, pregando a independência indiana desde cedo, antes mesmo de Gandhi e outros; Gandhi, da sua parte, sistematiza essa resistência, vitoriosa em 1947, numa demonstração espetacular de revolução e libertação pela não-violência; seu principal discípulo, Nehru (1889-1964) tentou criar uma ideologia indiana de não alinhamento com o socialismo ou o capitalismo, bem como de paz mundial, mas não foi bem sucedido; B. Ambedkar (1891-1956) é uma figura notória na Índia, embora pouco conhecido fora do país; intelectual brilhante e

defensor da independência, era, porém, um crítico de Gandhi e do hinduísmo, achando que a nova Índia não guardava espaço para os sudras; Ambdekar defendia a conversão em massa ao budismo como forma de sair do sistema opressor das castas; por fim, no texto de Vardarajan, crítico e jornalista atual, vemos uma definição das novas estratégias para o futuro político da Índia diante do mundo.

62. Os deveres do rei, do Arthashastra

Se um rei é enérgico, seus súditos serão igualmente enérgicos. Se ele é irresponsável, não só será imprudente da mesma forma, mas também como em suas obras. Além disso, um rei imprudente será fácil cair nas mãos de seus inimigos. Por isso o rei sempre estará atento.

Repartirá ele tanto de dia quanto a noite em oito nálikas (1 ½ horas) [...] Destas divisões, durante a parte um oitavo primeira do dia, ele deve publicar ordens e atender as contas de receitas e despesas; durante a segunda parte, ele deve olhar para os assuntos dos cidadãos e pessoas do campo, durante o terceiro, ele deve não só tomar banho e jantar, mas também estudar, durante o quarto, ele deve não só receber receitas em ouro (hiranya), mas também atender às nomeações de superintendentes, durante a quinta, ele deve se corresponder por escrito (patrasampreshanena) com seus ministros, e receber as informações secretas colhidas por seus espiões, durante a sexta, ele pode envolver-se nas suas diversões favoritas ou meditar, durante o sétimo, ele deve superintender elefantes, cavalos, carros e infantaria, e durante a oitava parte, ele deve considerar os vários planos militares e as operações com o seu comandante-em-chefe.

No final do dia, ele deve observar a oração da noite.

Durante a parte de um oitavo da primeira noite, ele deve receber emissários secretos, durante o segundo, ele deve comparecer ao banho, cear e estudar, durante o terceiro, ele entra no quarto de dormir em meio ao som das trombetas e desfruta do sono durante a quarta e quinta partes, despertando pelo som de trombetas durante a sexta parte, quando ele deve lembrar do que estudou bem como dos deveres do dia, durante o sétimo, ele se assentará considerando as medidas administrativas e o envio de espiões, e durante a oitava divisão da noite, ele deve receber bênçãos dos sacerdotes sacrificiais, professores e do sumo sacerdote, saudar seu médico, cozinheiro-chefe e astrólogo, saudar tanto uma vaca como seu bezerro e um touro dando voltas em torno deles e, finalmente, ele deve entrar em sua corte.

Em conformidade com suas necessidades, ele poderá alterar o calendário e atender às suas funções.

Quando, no tribunal, ele nunca fará a seus peticionários o esperarem na porta, pois quando um rei torna-se inacessível para a sua pessoas e confia o seu trabalho aos seus oficiais imediatos, ele pode ser causar confusão nos negócios, gerando antipatia e favorecimento, tornando-se presa de seus inimigos.

Ele deve, portanto, atender pessoalmente ao negócio divinos, mundanos, dos brâmanes e dos Vedas, do gado, dos sagrado lugares, de menores, dos idosos, dos aflitos e dos indefesos, e das mulheres; - tudo isso em ordem (de enumeração) ou de acordo com a urgência ou com a incidência dos casos.

63. Organograma dos funcionários públicos, do Arthashastra

[são funcionários do rei]:

Superintendentes para a formação de vilas, a divisão de terras, construção de fortalezas e prédios dentro do forte, camareiros, cobradores de impostos, corregedoria contábil, exame da conduta dos funcionários do Governo, escritores de decretos; o superintendente da tesouraria; ourives da tesouraria; realização de operações de mineração e construção; superintendente do ouro, superintendente dos trabalhos domésticos, o superintendente do comércio; o superintendente das florestais; o superintendente militar; o superintendente de pesos e medidas; medição de espaço e tempo; o superintendente de ferramentas, o superintendente da tecelagem; o superintendente da agricultura, o superintendente de bebidas, o superintendente dos abatedouros, o superintendente de prostitutas, o superintendente de navios, o superintendente de vacas, o superintendente de cavalos, o superintendente dos elefantes, o superintendente de carros, o superintendente de infantaria, comandante em chefe do exército, o superintendente de passaportes, o superintendente de pastagem e terras, os coletores de receita; espiões sob o disfarce de chefes de família, comerciantes, e os ascetas; e os superintendentes das cidades.

113

64. Os seis modos de proceder na política, do Arthashastra

As questões do Estado se dividem nos seis problemas.

Meu professor diz que a paz (sandhi), guerra (vigraha) observância da neutralidade (ásana), da marcha (Yana), a aliança (Samsraya), e fazer a paz com um e a guerra com outro são as seis formas de estado da política.

Mas Vátavyádhi sustenta que só há duas formas de política, a paz e a

guerra, na medida em que as seis formas resultam a partir destas duas formas primárias da política.

Enquanto Kautilya afirma que as respectivas condições são diferentes, e as formas de política são seis.

Destes, o acordo com as promessas é a paz; operação é uma guerra ofensiva; indiferença é a neutralidade; fazendo preparações é marchar, buscando a proteção de outro é a aliança, e fazer a paz com um e travar guerra com outro, é chamado de política dúbia (dvaidhíbháva). Estas são as seis formas.

Quem é inferior a outro deve fazer a paz com ele;

quem é superior no poder deve travar uma guerra,

Quem acha que "o inimigo não pode me machucar, nem sou forte o suficiente para destruir o meu inimigo", deverá observar a neutralidade,

Quem é dotado de meios necessários marchará contra o seu inimigo,

Quem é desprovido de necessária força para defender-se deve procurar a proteção de um outro;

quem pensa que a ajuda é necessária para a elaboração de um fim deve fazer a paz com um e guerra com outro. Tal é o aspecto das seis formas de política.

114

65. Causas do descontentamento popular, no Arthashastra

São causas do descontentamento popular:

Não se dar o que é devido, não impor o que se deve ser imposto; não punir quem é culpado, punindo o inocente com violência; aprisionar aqueles que não merecem, sem enclausurar os que deveriam ser mantidos presos; a supressão dos costumes honestos; ser injusto e ameaçar a justiça; fazer o que não deveria ser feito, sem ter realizado

o indispensável; ofender os nobres, desrespeitar os respeitáveis; maltratar os velhos, trapacear com o povo; não retribuir favores, não cumprir promessas; fazer o que dá prejuízo, não oferecer segurança, enriquecer com a miséria alheia; desprezar os esforços do povo, e criticar os méritos dos trabalhadores; caçoar do que é bom; ser gentil com os ladrões; reprimir de modo indevido; rejeitar os costumes e os direitos; ser iníquo, cobiçoso, prevaricador, empobrecendo o povo; quando um soberano é negligente, preguiçoso e voraz, ele gera a cobiça e a antipatia do povo. Quando pessoas pobres são gananciosas, elas se tornam perigosas; e pessoas perigosas avançam contra o inimigo ou matam seus líderes.

66. A teoria das leis, no Arthashastra

Estes elementos servem para resolver uma disputa: a lei, o processo, o costume e o decreto governamental. O ultimo da lista pode superar os anteriores devida a sua importância. A lei se baseia na verdade; o processo, no testemunho; o costume, nos hábitos da comunidade; e o decreto governamental se baseia na autoridade do líder. Se a disputa envolver a violação de um costume, deve se usar a justiça para resolver o problema, de acordo com a ordem estabelecida e as leis. Se a lei contradiz a lógica da justiça, deve-se deixar a autoridade ser a lógica: nesse caso, de nada vale o que está escrito.

67. O Raj inglês, por Dadabhai Naoroji

Os benefícios do Domínio Britânico na Índia:

Na questão da Humanidade: Abolição da sati e infanticídio.

Destruição de dacoits, Thugs, Pindarees e outras pragas da sociedade indiana. Permitir um novo casamento para as viúvas

hindus, e ajuda de caridade em tempos de fome. Tudo feito de modo glorioso, como nunca antes se viu na história da humanidade.

Na questão da Civilização: Educação para todos os sexos. Embora ainda apenas parcial, uma bênção inestimável na medida em que se vai levando, gradualmente, à destruição da superstição, e muitos males morais e sociais. Reanimação da própria literatura da Índia, modificada e refinada pela iluminação do Ocidente.

Politicamente: Paz e ordem. Liberdade de expressão e liberdade de imprensa. Maior conhecimento político e aspirações. Melhoria de governo nos estados de origem. Segurança da vida e da propriedade. A liberdade da opressão causada pelo capricho ou a ganância dos governantes despóticos, e da devastação pela guerra. Justiça igual entre homem e homem (por vezes viciada pela parcialidade para com os europeus). Serviços de administradores altamente qualificados, que tenham alcançado os resultados acima mencionados.

Materialmente: Empréstimos para ferrovias e irrigação.

Desenvolvimento de alguns produtos importantes, como índigo, chá, café, seda, etc; aumento das exportações. Telégrafos.

No Geral: Um desejo de crescimento lento, mas gradual, calcado na confiança e no otimismo. Boas intenções. Nenhuma nação sobre a face da terra já teve a oportunidade de conseguir um trabalho tão glorioso como este. Espero que no final das contas eu não tenha feito nenhuma injustiça, e se eu tiver omitido qualquer item que alguém imagine importante, terei o maior prazer em inseri-lo. Eu aprecio, e assim digo aos meus compatriotas, o que a Inglaterra fez na Índia, e eu sei que é só nas mãos dos britânicos que sua regeneração pode ser realizada.

68. Nacionalismo indiano de Tilak

É impossível entrar em detalhes dentro do tempo à minha disposição. Uma coisa é certa, este governo não nos convém. Como já foi dito por um eminente estadista - o governo de um país por outro nunca pode ser um sucesso, e, portanto, um governo permanente. Não há diferença de opinião sobre esta proposição fundamental entre as escolas velhas e novas. Um fato é que este governo alienígena arruinou o país. No início, todos nós fomos pegos de surpresa. Estávamos quase atordoados. Nós pensamos que tudo o que os governantes fizeram foi para nosso bem e que este governo Inglês desceu das nuvens para nos salvar da invasão de Tamerlão e Gengis Khan, e, como eles dizem, não só de invasões estrangeiras, mas de uma guerra intestina, ou as invasões internas ou externas, como eles chamam... Nós não estamos armados, e não há necessidade de braços também. Temos uma forte arma, uma arma política, o boicote. Temos percebido um fato, que toda a esta administração, que é exercida por um punhado de ingleses, é levada com a nossa ajuda. Estamos todos em serviço subordinado. Este governo todo é executado com a nossa ajuda e eles tentam nos manter na ignorância de nosso poder, com a nossa cooperação, por que o que está em nossas próprias mãos no presente pode ser reivindicado por nós e administrado por nós. O ponto é ter todo o controle em nossas mãos. Eu quero ter a chave da minha casa, e não apenas um estranho abrindo-a por fora. Auto-governo é o nosso objetivo, queremos um controle sobre a nossa máquina administrativa. Nós não queremos ser funcionários e nem manter os funcionários.

69. Crítica de Gandhi ao domínio britânico

Eu cheguei relutantemente à conclusão de que a dominação britânica tinha feito a Índia mais desamparada do que ela jamais foi antes, política e economicamente... Antes do advento britânico, a Índia fiou e teceu em suas milhões de casas apenas o que ela precisava para adicionar à sua poucos recursos agrícolas. Esta indústria caseira, tão vital para a existência da Índia, foi arruinada por processos extremamente cruéis e desumanos, como descritos por testemunhas Inglesas. Pouco a pouco os moradores das cidades se tornam massas semi-famintas da Índia, e estão lentamente a afundar-se na falta de perspectiva. [...] Eu não tenho nenhuma dúvida de que tanto a Inglaterra e os moradores das cidades da Índia terão que responder, se existe um Deus acima, por este crime contra a humanidade que é talvez, sem paralelo na história. A própria lei neste país tem sido usada para servir o explorador estrangeiro. Meu exame imparcial dos casos no Punjab levou-me a acreditar que pelo menos 95 por cento de condenações eram totalmente ruins. Minha experiência de casos políticos na Índia me levou à conclusão de que nove de cada dez condenados eram totalmente inocentes. Seu crime consistia no amor ao seu país. 99 casos em 100 foram negados aos indianos, contra os europeus, nos tribunais da Índia. Esta não é uma imagem exagerada. É a experiência de quase todos os indianos que tiveram alguma coisa a ver com esses casos. Na minha opinião, a administração da lei é, portanto, prostituída, consciente ou inconscientemente, para o benefício do explorador. A defesa de cidadania é uma defesa do comércio nacional, contra a exploração. [...]

Minha missão não se esgota na fraternidade entre os indianos. A

minha missão não está simplesmente na libertação da Índia, embora ela absorva, em prática, toda a minha vida e todo o meu tempo. Por meio da libertação da Índia espero atuar e desenvolver a missão da fraternidade dos homens.

O meu patriotismo não é exclusivo. Engloba tudo. Eu repudiaria o patriotismo que procurasse apoio na miséria ou na exploração de outras nações. O patriotismo que eu concebo não vale nada se não se conciliar sempre, sem exceções, com o maior bem e a paz de toda a humanidade.

[...]

Vivo pela libertação da Índia e morreria por ela, pois é parte da verdade.

Só uma Índia livre pode adorar o Deus verdadeiro. Trabalho pela libertação da Índia porque o meu Swadeshi me ensina que, tendo nascido e herdado sua cultura, sou mais apto a servir à Índia e ela tem prioridade de direitos aos meus serviços. Mas o meu patriotismo não é exclusivo; não tem por meta apenas não fazer mal a ninguém, mas fazer bem a todos no verdadeiro sentido da palavra. A libertação da Índia, como eu a concebo, não poderá nunca constituir ameaça para o mundo.

70. Não alinhamento de Nehru

Estamos agora empenhados em uma tarefa gigantesca e emocionante de alcançar rápida e em larga escala do desenvolvimento econômico do nosso país. Tal desenvolvimento, em um país antigo e subdesenvolvido como a Índia, só é possível com planejamento estratégico. Fiéis aos nossos princípios democráticos e tradições, procuramos, na discussão livre e na consulta,

implementá-la, com o entusiasmo e a cooperação voluntária e ativa de nosso povo. Completamos nosso primeiro Plano quinquenal oito meses atrás, e agora nós começamos em uma escala mais ambiciosa nosso segundo Plano quinquenal, que busca um desenvolvimento planejado na agricultura e indústria das cidade e do país, das fábricas a produção em pequena escala. Falo da Índia, porque é o meu país e eu tenho algum direito de falar por ela. Mas muitos outros países na Ásia contam a mesma história; para a Ásia ressurgente de hoje, esses países que há muito estava sob jugo estrangeiro ganharam de volta a sua independência, e são estimulados por um espírito novo e se esforçar por novos ideais. Para eles, como para nós, a independência é tão vital quanto o ar para sustentar a vida, e o colonialismo, sob qualquer forma ou em qualquer lugar, é abominável [...] A paz e a liberdade tornaram-se indivisíveis [...] A preservação da paz constitui o objetivo central da política da Índia. É na persecução desta política que escolhemos o caminho do não-alinhamento em qualquer pacto militar ou como de aliança. Não-alinhamento não significa passividade de espírito ou ação, falta de fé ou convicção. Isso não significa submissão, que consideramos mal. É uma abordagem positiva e dinâmica para esses problemas que nos confrontam. Acreditamos que cada país tem não só o direito e à liberdade, mas também para decidir a sua própria política e modo de vida. Só assim pode florescer a verdadeira liberdade e as pessoas crescerem de acordo com suas próprias vontades.

Acreditamos, portanto, em não-agressão e de não-interferência por um país nos assuntos de outro e no crescimento da tolerância entre eles e a capacidade de convivência pacífica. Pensamos que pelo livre

intercâmbio de idéias e de comércio e outros contactos entre as nações, cada um vai aprender com o outro e a verdade vai prevalecer. Por isso, esforçamo-nos por manter relações amistosas com todos os países, embora possamos discordar delas de suas políticas ou da estrutura de governo. Pensamos que por esta abordagem que pode servir não só ao nosso país, mas também as causas maiores de paz e boa comunhão no mundo.

71. A defesa dos párias e sudras de Ambdekar

Olhando por outro ponto de vista, esta estratificação das ocupações que é o resultado do sistema de castas é positivamente perniciosa. A Indústria nunca é estática. Ela sofre mudanças rápidas e abruptas. Com tais mudanças, o indivíduo deve ser livre para mudar de ocupação. Sem essa liberdade para ajustar-se à evolução das circunstâncias, seria impossível para ele ganhar o seu sustento. Agora, o sistema de castas hindus não permitirá mudar as ocupações se elas não lhes pertencem por herança. Se um hindu é visto a morrer de fome, em vez de buscar novas ocupações não atribuídas a sua casta, a razão pode ser encontrada no sistema de castas. Por não permitir a mudança de ocupações, a Casta se torna uma causa direta de grande parte do desemprego que vemos no país. Como uma forma de divisão do trabalho, o sistema de castas sofre de outro defeito grave. A divisão do trabalho provocada pelo sistema de castas não é uma divisão com base na escolha. Sentimento individual, preferência individual, não tem lugar nele. É baseada no dogma da predestinação. Considerações de eficiência social nos obrigam a reconhecer que o maior mal no sistema industrial não é tanta a pobreza e o sofrimento que ela envolve, mas o fato de que

praticamente não há mobilidade o estímulo nas ocupações. Tais condições constantemente provocam uma aversão, a má vontade, e o desejo de escapar.

Há muitas ocupações na Índia, que, por conta do fato de serem consideradas degradantes pelos hindus, provocam naqueles que estão envolvidos nelas a aversão. Há um desejo constante de fugir e escapar de tais ocupações, por conta dos estigmas que perseguem aqueles que as realizam dentro da mentalidade hindu. Que a eficiência pode haver em um sistema em que nem os corações e nem as mentes dos homens estão em seu trabalho? Uma organização econômica de castas é, portanto, uma instituição prejudicial, na medida em que envolve a subordinação dos poderes naturais do homem e suas inclinações às exigências das normas sociais.

122

72. Geopolítica da Índia Moderna – Siddhart Varadarajan

De fato, os indianos tentam se afirmar como uma potência autônoma e, para tanto, articulam sua política externa em cinco grandes níveis. O primeiro diz respeito à vizinhança imediata, o sul da Ásia. Aí, a estratégia consiste em desenvolver uma “conectividade” física e econômica com todos os seus vizinhos, embora a disputa na Caxemira limite o alcance dos arranjos práticos com Islamabad. [...] O segundo nível se refere a todo o continente asiático, considerado um espaço geoestratégico. No primeiro ímpeto de independência, líderes indianos como Nehru davam enorme importância à Ásia. É neste contexto que ocorre a famosa Asia Relations Conference em Nova Délhi, em 1946, um ano antes de o país se tornar uma nação livre. Pouco depois, em 1955 a Índia foi uma participante entusiasmada da Conferência de Bandung.

Eventos posteriores, entretanto, levaram a Ásia a adquirir menor relevância dentro da concepção indiana de política externa. Assim, mesmo que seus líderes falassem em “Ásia”, o que queriam dizer era “China”. Mas isso mudou: hoje a Índia está consciente de sua localização estratégica no sul do continente e, para garantir essa posição e defender seus interesses, avalia que é preciso haver paz e estabilidade. O compromisso indiano com a enorme lista de problemas globais é o terceiro ponto da política externa do país. Seja no que concerne ao comércio, ao terrorismo, às mudanças climáticas ou à segurança energética e alimentar, a Índia começou a se posicionar de maneira vigorosa, freqüentemente buscando formar alianças ou coalizões. O quarto nível de interação desse Estado com o mundo tem a ver com a emergência recente do capital indiano como um ator global. Da Europa até a Bolívia, onde a firma Jindal é grande investidora do setor de aço e ferro, o governo da Índia assume um novo rol de desafios. Acostumada a se defender contra as demandas estrangeiras, Nova Délhi é agora chamada para fazer lobby em nome de “suas” multinacionais em setores tão díspares quanto óleo e gás, aço, produtos farmacêuticos, tecnologia da informação e transporte. O último nível da política externa indiana é o das relações com as grandes forças mundiais. Embora Estados Unidos e China sejam os dois parceiros mais relevantes, Nova Délhi tem tido o cuidado de manter e até mesmo ampliar seus negócios com Rússia, Japão e União Européia, especialmente com França e Grã-Bretanha. E dado cada vez mais importância a outras potências emergentes, como o Brasil e a África do Sul, com as quais formou um novo grupo conhecido como o Fórum IBAS (Índia, Brasil e África do Sul). A Índia participa ainda do RIC (Rússia, Índia e China), que

conta com reuniões anuais entre os respectivos ministros de Relações Exteriores. Em sua conferência mais recente, em Yekaterinburg, o grupo incorporou o Brasil, passando a se chamar BRIC (Brasil, Rússia, Índia e China). Mas, apesar de chineses e indianos compartilharem muitos interesses, especialmente no tocante aos problemas globais, sua relação não está bem resolvida. A Índia continua identificando o país vizinho como o maior e único desafio à sua política externa e acredita que a oportunidade para redefinir isso é apelar para a ajuda de Washington, ainda que seja óbvia a falta de harmonia com os EUA em questões-chave. Um exemplo recente desse desacordo é a recepção fria que os americanos deram à proposta indiana de uma rede de energia asiática. Uma reação semelhante foi esboçada com a participação da Índia na Organização de Cooperação de Xangai.

Introdução

Do mesmo modo, a literatura indiana não deu muita atenção a questão da administração pública e do comércio; as informações que possuímos sobre as formas de regular essa atividade estão presentes, novamente, no Arthashastra. No entanto, a Índia moderna tem sido berço de teorias econômicas revolucionárias. Aqui, destacamos duas delas: a 1ª, de Muhammad Yunus (de Bangladesh, país que se separou da Índia mas cujo extrato cultural é, essencialmente, indiano), criador do microcrédito, uma solução alternativa e humanista que tem resgatado milhões da miséria; e a 2ª, a luta de Vandana Shiva, líder do movimento Ecofeminista, que defende uma articulação entre a cultura e a sociedade para a resistência ao capitalismo voraz. Vandana, como dissemos, utiliza as teorias de Gandhi sobre auto-suficiência e pacifismo para protestar contra a exploração camponesa, e busca conscientizar as mulheres (líderes das famílias indianas) a educarem seus filhos de modo a resistirem às falsas promessas do capital e da modernidade.

125

73. A regulação da agricultura no Arthashastra

Possuir o conhecimento da ciência da agricultura é lidar com o plantio de arbustos e árvores (Krishitantra gulmavri kshsháyurvedajñah), assistir aqueles que são formados nessas ciências e, como superintendente de agricultura, deve promover no tempo correto a coleta das sementes de todos os tipos de grãos, flores, frutos, legumes, raízes bulbosas, raízes, pállikya (?), fibra e

algodão.

Ele deve empregar escravos, operários e prisioneiros (Dandapratikartri) para semear as sementes em terras do rei que devem estar devidamente preparadas.

O trabalho desses homens não deverá sofrer por conta de qualquer falta de arados (karshanayantra) e outros instrumentos necessários ou de bois. Nem haverá qualquer atraso em sua aquisição, bem como no auxílio prestado por ferreiros, carpinteiros, escavadores (medaka), caçadores de cobras e trabalhadores do gênero.

Qualquer perda devido às pessoas citadas será punida com uma multa igual à perda.

A quantidade de chuva que cai no país de jángala é de 16 dronas; metade do que em países mais úmidos (anúpánám), como os países que estão aptos para a agricultura (désavápánam); - 13 ½ dronas no país de asmakas; 23 dronas em avanti, e uma imensa quantidade nos países ocidentais (aparántánám), nas fronteiras do Himalaia, e nos países onde os canais de água são feitos para o uso de na agricultura (kulyávápánám).

Quando um terço da quantidade necessária de chuva cai tanto durante os meses de início e encerramento da estação chuvosa, e dois terços no meio, então a chuva é (considerada) bastante (sushumárúpam). [...] Conhecendo as épocas certas e a estação das chuvas, o superintendente deve empreender a produção no campo; as falhas serão de sua responsabilidade, e dele depende a fartura e a riqueza do estado.

74. Regulando a vida comercial, do Arthashastra

Cabe ao superintendente (ministro) do comércio verificar se há

demanda por vários tipos de mercadorias produzidas em seu país, os meios pelos quais são transportadas (terra ou água), e a variação de seus preços. É de sua responsabilidade decidir qual melhor época para vender, comprar, distribuir e armazenar esses produtos. O que tem saída fácil deve ser armazenado, para aumentar seu preço; e quando as pessoas aceitarem esse preço, um outro será planejado e fixado. Produtos locais devem ser guardados; importados, devem ser distribuídos. Ambos devem ser vendidos de modo acessível ao povo, e o soberano os protegerá da exploração gananciosa e dos lucros exorbitantes.

Não se devem estabelecer barreiras contra produtos de saída constante, que devem ser negociados e armazenados somente quando necessário.

[...] Ao negociar com mercados estrangeiros, deve buscar saber se há interesse nas mercadorias de seu país; se ao negociá-las, ele terá lucro; e se esse lucro valerá a empreitada. Deve distribuir lotes para que sejam negociados nesses mercados, e caso não seja bem sucedido, vendê-los de volta em sua própria terra, ou com lucros menores, para não ter prejuízos severos.

127

75. Muhammad Yunus e a luta pelo microcrédito

Eu não tinha qualquer intenção de conceder empréstimos, foram as circunstâncias que me levaram a isso. Estava a lecionar Economia, na Universidade de Chittagong, nos anos que se seguiram à independência do Bangladesh e havia muitas dificuldades. O país, em vez de progredir, estava a definhando e, em 1974, enfrentamos um terrível período de fome. Via pessoas a morrer à fome e estava frustrado, sem saber o que fazer para ajudar. Afinal, todas as

grandes teorias de desenvolvimento econômico que eu ensinava não contribuía para nós.

Era preciso olhar para o mundo como um ser abstrato, mas como se de uma pessoa se tratasse e tentar ser útil. Nem que fosse para uma só pessoa. Fui à aldeia mais próxima do "campus" universitário visitar os pobres e... foi assim que tudo começou. Vi como as pessoas sofriam, como estavam dependentes dos usurários que lhes emprestavam dinheiro, quase sempre montantes muito pequenos. Porque não fazer uma lista destas pessoas e tentar ajudá-las? Com a colaboração de alguns alunos, fizemos uma lista de 42 pessoas e chegamos à conclusão que o total de dinheiro necessário era de 27 dólares! Meu Deus! Andamos nós a falar de milhões e milhões de dólares para investir e desenvolver a economia do país e há pessoas que, apenas, precisam de um dólar.

[Pergunta] Quando fez essa lista, foi à procura de pessoas que já tinham alguma habilidade ou vocação para trabalhar?

M.Y. - Não me preocupei com isso. O objetivo era saber quem estava dependente dos usurários. Todos os que tinham dívidas estavam na minha lista e, à data, não sabia o que ia fazer com essa lista. Quando vi o total fiquei chocado e o meu primeiro impulso, foi o de agarrar no dinheiro e dá-lo às pessoas. Não imagina como uma quantia tão pequena provocou tanta excitação e deixou tanta gente feliz. Então, porque não ir mais longe e emprestar mais dinheiro às pessoas? E isso levou-me ao banco, que recusou emprestar dinheiro a pobres sob o pretexto de que eles o gastariam todo em bens de primeira necessidade e seriam incapazes de reembolsá-lo. Além disso, não tinham garantias reais e as quantias eram tão insignificantes que o negócio não tinha interesse. Após seis meses de negociações,

concordaram finalmente em emprestar-lhes dinheiro, mas tendo-me a mim como fiador. E funcionou! As pessoas pagavam regularmente os seus reembolsos e isso entusiasmou-me e encorajou-me a estender estes empréstimos a outras aldeias. Ao fim de algum tempo, pensei em criar um banco independente e propus a ideia ao Governo. Só obtive a autorização para criar o Grameen Bank dois anos depois, em 1983. Hoje, trabalhamos em 40 mil aldeias (de um total de 68 mil existentes no Bangladesh), temos 12 mil funcionários, emprestamos 2,4 milhões de dólares e 94% dos nossos clientes são mulheres. E o banco pertence-lhes...

Características do Grameencredit:

- a) Promove o crédito como um dos direitos humanos;
- b) Sua missão principal é auxiliar as famílias pobres a se ajudarem a superar a pobreza. É dirigido aos mais pobres, especialmente às mulheres pobres;
- c) Uma das características que mais destaca o "Grameencredit" é que não é baseado em qualquer garantia real, nem em contratos que tenham valor jurídico. É baseado exclusivamente na confiança, e não no Direito ou em algum outro sistema coercitivo.
- d) É oferecido no intuito de gerar auto-empregos, fomentando atividades que criem rendas para os pobres, ou ainda para a construção de sua habitação, ao contrário dos empréstimos destinados ao consumo;
- e) Foi criado para enfrentar os bancos tradicionais, que rejeitam os pobres - para eles considerados "indignos de crédito". Em consequência disso, o "Grameencredit" rejeita a metodologia bancária tradicional e criou sua metodologia própria;
- f) Oferece seus serviços na porta da casa dos pobres, adotando o

princípio de que as pessoas não devem ir ao banco mas sim o banco às pessoas;

g) Para obter um empréstimo um tomador tem que se reunir a um grupo de tomadores, que ficam moralmente responsáveis por seu pagamento;

h) Os empréstimos podem ser obtidos numa sequência sem fim. Novos empréstimos tornam-se disponíveis se os anteriores estiverem sendo pagos;

i) Todos os empréstimos devem ser pagos em pequenas prestações, semanais ou bi-semanais;

j) Mais de um empréstimo pode ser concedido, simultaneamente, ao mesmo tomador;

k) Os empréstimos são sempre vinculados a planos de poupança para os tomadores, obrigatórios e voluntários, ;

l) Geralmente esses empréstimos são concedidos por instituições sem fins lucrativos, ou por instituições cuja propriedade é controlada, na sua maioria, pelos próprios tomadores. O

"Grameencredit" procura operar a uma taxa de juros o mais próximo possível dos juros do mercado local, cobrando a taxa básica (no Brasil seria a taxa SELIC), não a taxa cobrada pelos emprestadores tradicionais. As operações do "Grameencredit" devem ser auto-sustentáveis.

m) A prioridade do "Grameencredit" é construir o "capital social". Isso é obtido pela criação de grupos e centros, destinados a desenvolver lideranças. O "Grameencredit" dá uma ênfase toda especial à "formação do capital humano" e à proteção do meio-ambiente.

Grameencredit é baseado na premissa de que os pobres têm

habilidades que não serão utilizados ou subutilizados.

Definitivamente, não é a falta de habilidades que fazem os pobres mais pobres. Grameen acredita que a pobreza não é criada pelos pobres, ela é criada pelas instituições e políticas que os cercam. A fim de eliminar a pobreza tudo o que precisamos fazer é fazer mudanças apropriadas nas instituições e políticas, e / ou criar novos. Grameen acredita que a caridade não é uma resposta à pobreza. Ela apenas ajuda a pobreza para continuar. Ela cria dependência e tira a iniciativa individual para romper o muro da pobreza. Desencadear a energia e a criatividade em cada ser humano é a resposta para a pobreza.

76. A luta pela diversidade e contra a monocultura – Vandana Shiva
Nesses tempos de "limpeza étnica", em que as monoculturas se espalham pela sociedade e pela natureza, fazer as pazes com a diversidade logo se tornará um imperativo para a sobrevivência. As monoculturas são um componente fundamental da globalização cujas premissas são a homogeneização e a destruição da diversidade. O controle global das matérias primas e dos mercados fazem da monocultura algo necessário. Esta guerra contra a diversidade não é algo novo. A diversidade vem sofrendo ataques sempre que se tornou um obstáculo. A violência e a guerra originam-se na atitude de tratar a diversidade como uma ameaça, uma perversão, uma fonte de desordem. A globalização transforma a diversidade numa doença e numa deficiência, porque não pode ser posta sob um controle centralizador.

A homogeneização e a monocultura introduzem a violência em vários níveis. As monoculturas estão sempre associadas à violência

política - ao uso de coerção, controle e centralização. Sem um controle centralizador e força coercitiva, este mundo repleto de um tesouro de diversidade não poderia ser transformado em estruturas homogêneas, e as monoculturas não poderiam ser mantidas. Comunidades e ecossistemas auto-organizados e descentralizados geram diversidade. A globalização dá origem a monoculturas controladas coercitivamente.

As monoculturas estão também associadas à violência ecológica - uma declaração de guerra à diversidade de espécies da natureza. Essa violência não só empurra as espécies para a extinção, mas também controla e mantém as mesmas monoculturas. Elas são vulneráveis e não-sustentáveis, e estão sujeitas ao colapso ecológico. A uniformidade significa que uma perturbação em uma parte do sistema é traduzida em perturbação nas outras partes. Em vez de ser contido, o desequilíbrio ecológico tende a ser amplificado. Do ponto de vista ecológico a sustentabilidade está ligada à diversidade, que provê a auto-regulação e multiplicidade de interações capazes de sanar desequilíbrios ecológicos em qualquer parte do sistema.[...] O que acontece na natureza também acontece na sociedade. Quando uma homogeneidade é imposta a sistemas sociais diversificados através da integração global, uma região após a outra começa a se desintegrar. A violência inerente à integração global centralizada, por sua vez, gera violência entre suas vítimas. As condições da vida diária tornam-se cada vez mais controladas por forças externas e os sistemas locais de governo decaem; as pessoas agarram-se às suas identidades diversas como fonte de segurança num período de insegurança. Tragicamente, quando a fonte desta insegurança é tão remota que não pode ser identificada, povos distintos que viviam

juntos em paz começam a olhar uns para os outros com temor. As marcas da diversidade tornam-se rachaduras de fragmentação; a diversidade torna-se então uma justificativa para a violência e a guerra

[...]

Num mundo caracterizado pela diversidade, a globalização só pode ser implantada destruindo-se o tecido plural da sociedade, bem como sua capacidade de auto-organização. Gandhi via nessa liberdade de auto-organização política e cultural a base para a interação entre diferentes sociedades e culturas. "Quero que as culturas de todas as terras se espalhem o mais livremente possível, mas recuso-me a ser levado por qualquer uma delas", dizia ele.

Introdução

A sociedade indiana é definida pelas quatro metas (Dharma, Artha, Kama e Moksha), pelas quatro varnas (castas) e pelos rituais da vida (ashramas), descritos no Manadharmashastra e nos Grihya sutras. Trechos sobre certas questões se repetem em ambos. Aqui, apresentamos uma seleção que traça: o quadro geral da ordenação social, pelas castas, nas leis de Manu e nas leis sociais. Os rituais da vida são acompanhados nas seleções seguintes: nascimento, tonsura, estudo e casamento. Quanto aos funerais e as etapas da vida, optei por um trecho do Garuda purana que sintetiza as informações das leis de Manu e do Grihya sutra. Pra concluir, a idéia de Karma é traduzida de modo sintético no Brahmana: o ser humano só volta a encarnar porque vem devendo nessa vida. Essa é sua dívida desde o nascimento, e a vida se constitui de deveres cuja consecução melhora – ou não – o karma de alguém.

77. As castas indianas, no Manavadharmashastra

Mas para proteger este universo Ele (Deus), o mais resplendente de todos, atribui deveres e ocupações separados aqueles que saíram de sua boca, braços, coxas e pés.

Aos brâmanes, ele atribuiu o ensino e estudo dos Vedas, sacrificando em seu próprio benefício e no de outros, dando e aceitando esmolas. Aos xatrias, ele ordenou proteger o povo, dar presentes, oferecer sacrifícios, estudar os Vedas e abster-se de se prender a prazeres sensuais;

Aos vaixás, mandou tratar do gado, dar presentes, oferecer sacrifícios, estudar os Vedas, comerciar, emprestar dinheiro e cultivar a terra.

Apenas uma ocupação o senhor prescreveu aos sudras, a de servir humildemente aquelas outras três castas.

78. As castas no Arthashastra

Os três vedas (rig, yajur e sama) determinam definitivamente as respectivas funções das quatro castas e das quatro ordens da vida religiosa, e no que são mais úteis.

O dever do Brahman é o estudo, o ensino, desempenhar o sacrifício, dar e receber presentes.

A de um Kshatriya é o estudo, executar sacrifícios, dar presentes, a ocupação militar, e a proteção da vida.

A de um Vaisya é o estudo, fazer os sacrifícios, dar presentes, agricultura, pecuária e comércio.

A de um Sudra é a porção do 'nascido duas vezes' (dvijati), e se dedica a agricultura, pecuária e comércio (Varta), a profissão de artesãos e bardos da corte (karukusilavakarma).

79. Nascimento, no Manavadharmashastra e no Grihya sutra

Antes de cortar o cordão umbilical, está prescrita uma cerimônia para o nascimento da criança; deve se dar, para ela provar, mel e manteiga clarificada numa colher de ouro, recitando palavras sagradas. Que o pai cumpra, e se estiver ausente, que se faça cumprir, o rito de dar nome a criança no 10º ou 12º dia depois do nascimento ou numa lua propícia, em momento favorável, com uma estrela de influencia boa.

Se for um brâmane, a primeira das palavras do nome deve compor um favor propício; num xátria, deve ser uma palavra de força; num vacia, de riqueza; num sudra, de devoção.

A segunda das palavras, num brâmane, deve indicar bem aventura; num xátria, proteção; num vacia, liberalidade; num sudra, dependência.

Que o nome da mulher seja fácil de pronunciar, simples, doce, grato, propício; que termine em vogais longas e se assemelhe a palavras de benção.

80. Cerimônias de passagem, idem

No quarto mês a criança deve sair de casa para ver o sol; no sexto, deve comer arroz, ou aguardar um mês favorável.

A cerimônia da tonsura deve ser feita conforme a lei, durante o primeiro ou terceiro ano, segundo os preceitos das escrituras sagradas. (é quando se corta o cabelo, se recebe o cordão sagrado e o cinturão da varna).

A iniciação de um brâmane começa no oitavo ano após seu nascimento; no xátria, aos onze; o vacia, aos doze. Para um brâmane que aspira a glória no estudo das ciências divinas, esse rito de iniciação pode ser feito aos cinco anos; para um xátria ambicioso, aos seis; para um vacia desejosos de entregar-se aos assuntos comerciais, aos oito.

A investidura sagrada de savitri deve ser feita aos 26 anos com um brâmane; aos 22 com um xátria; aos 24 com um vacia.

81. Fases da vida – o casamento e desprendimento

Depois de completar a vida de um estudante, deixe um homem se

tornar um chefe de família. Depois de completar a vida de um chefe de família, deixa-lo se tornar um morador da floresta, renunciando a todas as coisas. Ou ele pode renunciar a todas as coisas diretamente a partir do estado de estudante ou de estado de chefe de família, para ser um morador da floresta. [Jabala Upanishad]

No casamento, em torno do altar:

Um passo para a força, a dois passos para a vitalidade, três passos para a prosperidade, quatro passos para a felicidade, cinco passos para o gado, seis passos para estações, sete passos para a amizade. Seja dedicada a mim!

[...]

Eu seguro seu coração em servir a comunhão; sua mente segue minha mente. Na minha palavra que se regozijam com todo o teu coração. Está unida a mim pelo Senhor de todas as criaturas. Está firme e eu vejo você. Seja firme comigo, ó uma florescente!

Brihaspati lhe deu para mim, para viver comigo uma centena de anos ter filhos por mim, seu marido. [Grihya sutra]

Tendo atingido o fim último da vida, a pessoa deve se sentar em um lugar deserto, em uma postura relaxada, com o coração puro, com cabeça, pescoço e corpo ereto, controlando todos os órgãos dos sentidos, depois de cumprimentar com devoção ao mestre. [Kaivalya Upanishad]

82. Funerais, Garuda purana

Quando uma pessoa morre, seus filhos em primeiro lugar banham o corpo e depois vestem-se com um único pedaço de pano. O menino é esfregado com pasta de sândalo. Os filhos em seguida, executam um rito conhecido como ekoddishtha. Isso dá o direito de cremar o corpo

morto. O rito pode ser realizado no local da morte, a porta da casa, o pátio, o lugar onde o corpo está descansando, no chão de cremação ou na pira do funeral.

Os filhos vão carregar grama, sésamo sacrificial (kusha), manteiga clarificada e madeira com eles para o campo de cremação. E no caminho para o campo de cremação, hinos a Yama serão cantadas. No shmashana (cremação), outro rito religioso é observado. A pira funerária é feita. A roupa que a pessoa morta está usando é dividida em dois. O corpo é coberto com metade e a metade restante é deixada no shmashana para o fantasma (preta). Oblações (pinda) são oferecidas ao homem morto e manteiga clarificada é aspergida sobre o cadáver. O corpo morto é então colocado sobre a pira funerária com a cabeça voltada para o sul.

O fogo deve ser aceso com as palavras, 'Grande Senhor Agni, levar essa pessoa para o céu'. Quando o corpo é meio-queimado, mantras são cantados e manteiga clarificada e gergelim são aspergidos sobre a pira funerária. Esta é a hora de começar a chorar pelos mortos. O fantasma se sente bem se ouve esses sons de luto.

Depois que o corpo está completamente queimado, os filhos oferecem oblações aos mortos e circulam a pira funerária. Eles, então, vão tomar um banho. E, enquanto eles tomam o seu banho, eles devem continuar a dizer coisas boas sobre a pessoa morta. A água é então levada nas mãos em concha e se oferece para o homem morto. Isto é conhecido como tarpana (gratificação) e tarpana é realizada uma vez, três ou dez vezes. As roupas molhadas são trocadas após a tarpana acabar.

Não se deve pensar sobre a pessoa morta após o tarpana e depois que o cadáver foi queimado. [...] Uma criança menor de dois anos de

idade não é cremada. O corpo morto é enterrado.

A mulher pode se imolar na pira funerária de seu marido. Isto traz punya grande. Ela passa tantos anos no céu, quanto há pêlos em seu corpo. Ela ainda resgata o marido do inferno, não importa que os pecados seu marido possa ter cometido. O marido se junta a esposa no céu. Este tipo de imolação é sempre recomendado, exceto quando a mulher está grávida.

83. Etapas da vida, Garuda purana

Na primeira fase da vida (brahmacharya), se é um estudante. A pessoa implora para viver e servir a um professor. Em seguida, vem a fase de chefe de família (garhasthya). Um chefe de família deve fazer sacrifícios, adorar aos deuses, doar esmolas e servir aos hóspedes. Na fase de ascetismo (vanaprastha), a pessoa vai para a floresta e vive em frutas e raízes. Tal pessoa estuda os Vedas e executa tapasya. A fase final é o ermitão (sannyasa), um eremita procura alcançar o yoga, a união do Atman (hjuman) com o brahaman (essência divina).

Um brahmana que exerce as suas funções bem vai para um lugar sagrado chamado prajapatya. A kshatriya vai para indraloka, um vaishya para vayuloka e um sudra para Gandharvaloka.

84. As dívidas do homem, do Satapatha Brahmana

Quando um homem nasce, seja ele quem for, nasce simultaneamente com uma dívida para com os Deuses, aos sábios, aos antepassados e aos homens. Quando ele realiza o sacrifício, é a dívida com os Deuses que está em causa. É em seu nome, portanto, que ele está a tomar medidas, quando ele faz sacrifícios ou faz uma

oblação. E quando ele recita o Vedas , é a dívida com os sábios que está em causa. É em seu nome, portanto, que ele está a tomar medidas, pois é dito de alguém que recitou o Vedas que ele é o guardião do tesouro dos sábios. E quando ele deseja filhos, é a dívida com os antepassados que está em causa. É em seu nome, portanto, que ele está a tomar medidas, de modo que seus descendentes possam continuar sem interrupção. E quando ele entretém os convidados, é a dívida com o homem que está em causa. É em seu nome, portanto, que ele está a tomar medidas se entretém os convidados e dá-lhes comida e bebida. O homem que faz todas estas coisas tem realizado boas obras, ele obteve todas as coisas boas e conquistou a todos. [Satapatha Brahmana]

Introdução

Como no livro **Cem textos de História Chinesa**, destaquei a questão da mulher da sociedade para garantir-lhe um olhar especial. A Índia foi, sem dúvida, um país misógino desde os seus inícios. Os cultos tântricos foram uma reação ao machismo generalizado que dominava a religião e as práticas sociais mais comuns. Por isso, devemos atentar a situação complexa que dominava a mulher indiana desde a antiguidade. Sujeita a família e a acordos de casamento, induzida a jogar-se na pira funerária de seu marido, a mulher indiana tem, a muito custo, reformulado seu papel na sociedade indiana moderna, alcançando sucessos notáveis.

Acompanhemos essa trajetória: nas leis de Manu, veremos as duras condições da vida de uma ‘mulher de família’; o Grihya sutra apresenta, igualmente, os seus difíceis deveres matrimoniais, e seu papel de doméstica; o Arthashastra, contudo (e sempre realista), legisla sobre a posição da mulher na sociedade (inclusive, sobre as prostitutas) de modo a considerá-las como seres possuidores de direitos; já o Ananga Ranga (texto contemporâneo ao Kamasutra) define os caracteres de uma boa esposa, conquanto o próprio Kamasutra explica os ‘tipos femininos’ que podem ser encontrados. Lembremos: o Kamasutra, quase todo, é feito de regras, e a parte da dinâmica do intercuro sexual é a menos importante de todas. Quanto à Índia moderna, que luta para redefinir a história de suas mulheres, a intelectual Vandana Shiva dá o tom da revolução que o feminino opera nesse país nos dias de hoje.

85. A posição do feminino, no Manavadharmashastra

Por uma menina, uma moça ou mesmo uma mulher idosa, nada deve ser feito independentemente, nem mesmo em sua própria casa. Na infância, a menina deve estar submetida a seu pai, na mocidade a seu marido; quando seu senhor morre, a seus filhos; uma mulher jamais deve ser independente.

Ela não deve buscar separar-se de seu pai, marido ou filhos; deixando-os, ela tornaria tanto sua própria família quanto a de seu esposo dignas de desprezo.

Ela deve ser sempre alegre, inteligente na direção das questões domésticas, cuidadosa com seus utensílios e econômica nas despesas.

Aquele a quem seu pai possa dá-la, ou seu irmão com permissão do pai, será obedecido por ela enquanto viver, e quando morrer, ela não devera insultar sua memória.

Com o fito de trazer boa sorte as noivas, a recitação de textos bendizentes e o sacrifício ao Senhor das criaturas são usados nos casamentos, mas o matrimônio pelo pai ou guardião é a causa do domínio do marido sobre sua esposa.

O marido que a esposou com textos sagrados sempre dá felicidade à esposa, tanto na estação quanto fora dela, neste mundo e no seguinte.

Embora destituído de virtudes, ou buscando o prazer noutro lugar, ou despido de boas qualidades, ainda assim um marido deve ser constantemente adorado como um deus por uma esposa fiel.

Nenhum sacrifício, voto ou jejum deve ser executado por mulheres separadas de seus maridos; se uma esposa obedece a seu marido, será por esse motivo apenas exaltada no céu.

Uma esposa fiel, que deseja morar com seu marido após a morte, jamais deverá fazer qualquer coisa que desagrade aquele que tomou sua mão, esteja morto ou vivo.

Se quiser, ela poderá emagrecer o corpo vivendo de flores, raízes e frutas, mas jamais deverá mencionar o nome de outro homem depois de ter morrido seu marido.

Até a morte deve ser paciente quanto as dificuldades, controlada e casta, e esforçar-se por cumprir aquele mais excelente dos deveres, prescrito as esposas que têm apenas um marido.

Violando seu dever com relação ao marido, uma esposa se desgraça neste mundo; depois da morte ela entrara no ventre de um chacal e será atormentada por doenças, a punição por seu pecado.

Aquela que, controlando seus pensamentos, palavras e atos, jamais rebaixar seu senhor, reside após a morte com seu marido no céu, e é chamada uma esposa virtuosa.

Um homem nascido duas vezes, versado na lei sagrada, queimará uma esposa de casta igual que se conduza assim e morra antes dele, com os fogos sagrados usados para Agnihotra e com os artigos sacrificais.

Tendo assim no funeral dado os fogos sagrados a sua esposa morta antes dele, ele poderá casar-se de novo, e manter vivos os fogos.

86. O casamento no Grihya sutra

Que ele examine primeiro a família da noiva ou do noivo em vista.

Que ele dê a moça a um jovem dotado de inteligência. Que ele se case com uma moça que mostre as características de inteligência, beleza e conduta moral, e esteja livre de doença. Como as características são difíceis de discernir, que ele faça oito montinhos

de terra, recite sobre os mesmos a formula seguinte: "O direito nasceu primeiro, no início - sobre o direito a verdade esta fundada. Para o destino que nasceu essa moça, possa ela cumpri-lo aqui. O que é verdade que possa ser visto", e diga a moça: "Toma um destes".

Se ela escolher o montinho tomado de um campo que dá duas Colheitas por ano, ele poderá saber - "A progênie dela será rica em alimento". Se de um estábulo de vaca, rica em gado. Se da terra de um altar, rica em brilho sagrado. Se de um poço que não seca, rica em tudo. Se de um lugar de jogo, viciada na jogatina. Se de um lugar onde quatro estradas se cruzam, inclinada a direções diferentes. Se de um lugar estéril, pobre. Se de um cemitério, trará morte ao marido. Tendo posto ao lado ocidental do fogo uma mó, ao noroeste um vaso de água, com sua face voltada para o ocidente ele devera com a fórmula "Tomo tua mão pela felicidade" segurar-lhe o polegar se quiser que nasçam apenas filhos homens, os demais dedos dela se ele quiser filhos mulheres, e a mão ao lado do cabelo juntamente com o polegar, se quiser filhos de ambos os sexos.

Conduzindo-a três vezes em volta ao fogo e ao vaso de água, de modo que seus lados direitos estejam votados para o fogo, ele murmura: "Isto sou eu, isso és tu; isso és tu, isto sou eu; isso és tu; isso és tu, isto sou eu; eu o céu, tu a terra. Vem! Casemo-nos aqui. Vamos procriar. Amando, alegres, combinando em espírito, possamos viver cem outonos".

Cada vez que ele a tenha conduzido assim em volta, fará que ela pise na pedra, com as palavras: "Pisa nesta pedra; sé firme como uma pedra. Vence os inimigos, esmaga-os".

Tendo primeiramente derramado manteiga derretida sobre as mãos

dela, o irmão da moça ou uma pessoa funcionando em lugar do mesmo derrama grão frito duas vezes sobre as mãos juntas da esposa.

Derrama novamente manteiga derretida sobre o que ficou do alimento sacrificial e sobre o que foi cortado fora.

Ela deve sacrificar o grão frito sem abrir suas mãos juntas. Sem essas voltas em torno ao fogo, ela sacrifica o grão, com a ponta de uma cesta em sua direção.

Ele então solta os dois cachos de cabelo dela, se estiverem feitos, isto é, se dois tufo de lã estiverem enrolados em torno ao seu cabelo nos dois lados.

Ele faz então que ela ande a frente numa direção nordeste, dando sete passos e dizendo as palavras seguintes: "Para a seiva com um passo, para o suco com dois passos, para prosperar cinco passos, para as estações com seis passos. Sê amiga com sete passos. Sê assim dedicada a mim. Tenhamos muitos filhos, que atinjam idade provecta".

Juntando suas cabeças, o noivo as asperge com água do vaso de água.

E ela deverá morar aquela noite na casa de uma velha mulher brâmane cujo marido esteja vivo e cujos filhos estejam vivos.

Quando ela vir a estrela polar, a estrela Arundhati e a Ursa Maior, que rompa seu silêncio e diga: "Possas meu marido viver e eu ter progênie!"

Se o casal recém-unido tiver de fazer uma viagem a seu novo lar, que ele a faça montar na carruagem com o verso: "Que Pushan te conduza daqui segurando tua mão!" Todo o tempo eles levarão o fogo nupcial a frente.

Nos lugares aprazíveis, árvores e encruzilhadas, que ele murmure o verso: "Que não encontremos assaltantes!"

Em todos os lugares de moradia que encontrarem em seu caminho, ele devera olhar os espectadores e dizer o verso: "A boa sorte traz esta mulher!" Com o verso "Aqui possa o prazer se cumprir para ti pela progênie"

Ele deverá fazê-la entrar na casa.

Tendo posto o fogo nupcial em seu lugar e espalhado ao lado ocidental do mesmo a pele de um touro com o pescoço para o oriente e o pêlo para cima, ele faz oblações, enquanto ela se senta nessa pele e o segura; ele partilha em coalhada e da também para ela, ou então lambuza seus dois corações com o resto da manteiga que usou no sacrifício. A partir desse dia, não deverão comer alimento salino, devendo manter-se castos, usar ornamentos, dormir no chão três noites ou doze noites, ou um ano, de acordo com alguns mestres; com isso, dizem, um Vidente nascerá como seu filho.

146

87. O acordo de casamento, no Arthashastra

O casamento é a razão de todas as disputas. Ao dar em casamento uma virgem bem dotada, chamamos de "casamento Brahma"; Homem e mulher unidos por deveres sagrados, é conhecido como "prajapatya"; Ao dar em casamento uma virgem em troca de um par de vacas é chamado de "Arsha "; o casamento de uma virgem com um sacerdote oficiante de um sacrifício é chamado de "Daiva"; a união voluntária de uma virgem com seu amante é chamado de "Gandharva". Trocar uma virgem depois de receber riquezas abundantes é chamado de "casamento Asura". O rapto de uma virgem é chamado de "Rakshasa". O rapto de uma virgem, enquanto

ela ainda está dormindo ou embriagada é chamado de "Paisacha". Destes, os quatro primeiros são costumes ancestrais dos antigos e são válidos para serem aprovados pelo pai. O restante são para serem sancionados tanto pelo o pai como pela mãe, pois são eles que recebem o dinheiro pago pelo noivo de sua filha. Em caso de ausência por morte de pai ou da mãe, o sobrevivente receberá o dinheiro do pagamento. Se ambos estiverem mortos, a virgem se deve recebê-lo. Qualquer tipo de casamento é aprovável, desde que agrade todos aqueles que estão em causa no mesmo.[...] Se uma mulher não consegue Dara a luz a uma criança viva, ou não tem nenhuma do sexo masculino, ou é estéril, seu marido deve esperar por oito anos antes de se casar com outra. Se ela teve apenas uma criança que morreu, ele tem que esperar por 10 anos. Se ela pariu apenas meninas, ele tem que esperar por 12 anos. Então, se ele está desejoso de ter filhos, ele pode casar com outra. Se um marido ou é de mau caráter, ou está muito longe no exterior, ou tornou-se um traidor de seu rei, ou é susceptível de pôr em perigo a vida de sua esposa, ou que tenha caído de sua casta, ou perdeu a virilidade, ele pode ser abandonado por sua esposa.

147

88. Prostitutas, no Arthashastra

Uma prostituta que se recusar a atender um cliente depois que esse a pagou, será multada no dobro da quantia; se recusar um cliente, será multada em oito vezes o acertado – exceto se esse for doente ou defeituoso. Se ela matar um cliente, será queimada viva ou afogada. Se uma prostituta roubar roupas ou jóias de um cliente, além de ser obrigada a restituir o devido, ela deverá pagar oito vezes o valor do roubado.

As prostitutas devem informar o superintendente das prostitutas sobre seus clientes, suas rendas obtidas e pretendidas. [...] toda prostituta deverá pagar ao governo, mensalmente, a receita equivalente a dois dias de trabalho.

89. Deveres de uma esposa, no Arthashastra

Mulheres atingem a maioridade aos doze anos, os homens aos 16 anos de idade. Se, depois de atingir sua maioridade, eles continuam desobedientes à autoridade legal, as mulheres devem ser multadas em quinze panas, e os homens o dobro da quantia. Uma mulher tem o direito de reivindicar seu sustento por um período ilimitado de tempo, e lhe deve ser dada tanta comida e roupas quanto for necessário para ela, ou mais do que o necessário, de acordo com os rendimentos de quem a sustenta. Mulheres de natureza difícil não devem aprender boas maneiras com o uso de expressões chulas. Não se deve puni-las com mais de três pancadas, seja com uma ripa de bambu, corda ou com a palma da mão nas nádegas. Violar essas regras é um crime de difamação, passível de punição pela lei. Os mesmos tipos de punições devem ser dadas a uma mulher que, movida pela inveja ou ódio, mostra a crueldade de seu marido. Uma mulher que odeia o marido, que já passou o período de sete voltas de sua menstruação, e que ama outro, deve retornar imediatamente ao seu marido tanto os bens como as jóias que recebeu dele, e permitir-lhe que se deite com outra mulher. Um homem, odiando sua esposa, deve permitir que ela se abrigue na casa de uma mendiga, ou de seus tutores legais, ou de seus parentes. Uma mulher, odiando seu marido, não pode se divorciar dele contra sua vontade. Nem pode um homem repudiar sua mulher contra sua

vontade; mas a partir de uma inimizade mútua, o divórcio pode ser obtido.

Se uma mulher se envolve em esportes amorosos ou se embriaga despudoradamente, ela será multada em três panas. Ela deverá pagar uma multa de seis panas se sair durante o dia para seus 'esportes', para ver outra mulher ou espetáculos. Ela deverá pagar uma multa de doze panas, se ela sai para ver outro homem ou competições. Pelas mesmas infrações cometidas durante a noite, a multa será aplicada em dobro. Se uma mulher sai, enquanto o marido está dormindo ou embriagado, ou se ela fecha a porta da casa na cara do marido, ela será multada doze panas. Se uma mulher o mantiver fora da casa durante a noite, ela pagará o dobro da multa acima. Se um homem e uma mulher fazem sinais uns aos outros, com vista ao gozo sensual, ou continuar a conversar secretamente para o mesmo fim, a mulher deve pagar uma multa de vinte e quatro panas, e o homem o dobro do montante. Por manter conversa em lugares suspeitos, as chicotadas previstas podem ser substituídas por multas. No centro da aldeia, uma pessoa intocável (sem casta, pária) pode chicotear tais mulheres cinco vezes em cada um dos lados do seu corpo.

149

90. Caracteres da mulher, Ananga Ranga

E como os homens estão divididos em três classes pelo comprimento do Linga (pênis), do mesmo modo estão as mulheres em 4 tipos, Padmini, Chitrini, Shankhini e Hastini, que podem ser subdivididas em três tipos, de acordo com a profundidade e extensão da Yoni (vagina). Estas são as Mrigi, também chamadas Harini, o mulher-corça, a Vadava ou Ashvini, mulher-égua, e as Karini, ou mulher-

elefante.

A Mrigi tem um Yoni com seis dedos de profundidade. O corpo dela é delicado, com aspecto de menina, macio, e boa de tocar. Sua cabeça é pequena e bem proporcionada; seu seio destaca-se bem; sua barriga é fina e desenhada, suas coxas e pernas são carnudas, e sua constituição abaixo dos quadris é sólida, enquanto os braços de cima para baixo dos ombros são grandes e arredondados. Seu cabelo é grosso e encaracolado, seus olhos são pretos como a escuridão da flor de lótus; suas narinas são grandes; as bochechas e a boca são grandes; suas mãos, pés e lábio inferior são corados, e seus dedos são retos. Sua voz é a do pássaro Kokila, e sua marcha é como o vagar do elefante. Ela come moderadamente, mas é muito viciado no prazer do amor, ela é carinhosa, mas ciumenta, e ela é tem uma mente ativa quando não subjugada por suas paixões. Seu Kama-salila tem o perfume agradável da flor de lótus.

A Vadava ou Ashvini tem nove dedos de profundidade. O corpo dela é delicado, seus braços são grossos de cima para baixo dos ombros; seus seios e quadris são largos e carnudos, e sua região umbilical é de alto relevo, mas sem barriga protuberante. Suas mãos e pés são vermelhos como as flores, e bem proporcionados. Sua cabeça pende para a frente e é coberta de pêlos longos e retos; sua testa é recuada; o pescoço é comprido, sua garganta, olhos e boca são amplas, e seus olhos são como as pétalas da flor de lótus escuras. Ela tem um andar gracioso, e ela adora dormir e viver bem. Embora colérica e versátil, ela é carinhosa com o marido, ela não é fácil de chegar ao gozo, e seu Kama-salila é perfumado como o lótus.

A Karini tem um Yoni de doze dedos de profundidade. Tem o corpo limpo, tem seios grandes, seu nariz, ouvidos e garganta são longos e

grossos; suas bochechas são sopradas ou expandidas; seus lábios são longos e curvados para fora; os olhos dela são ferozes e tingido de amarelo; seu rosto é largo; seu cabelo é grosso e um pouco escuro; seus pés, mãos e braços são curtos e gordos, e os dentes são grandes e afiados como de um cão. Ela é barulhenta quando come, sua voz é dura e áspera, ela é gulosa ao extremo, e suas articulações estalam com cada movimento. De uma disposição perversa e totalmente sem vergonha, ela nunca hesita em cometer o pecado. Animada e agitada por desejos carnaais, ela não é facilmente satisfeita, e exige relações extraordinariamente prolongadas. Seu Kama-salila é muito abundante, e sugere o suco que flui das têmporas do elefante. O homem sábio deve ter em mente que todas essas características não são tão bem definidas e suas proporções podem ser conhecidas apenas pela experiência. Principalmente os temperamentos são misturados, muitas vezes encontramos uma combinação de duas e em alguns casos até de três.

151

91. Boas esposas, do Kamasutra

A mulher virtuosa, que tem afeto por seu marido, deve agir em conformidade com seus desejos como se fosse um ser divino, e com o seu consentimento deve tomar nas suas próprias mãos todo o cuidado de sua família. Ela deve manter toda a casa bem limpa, e arranjos de flores de diversos tipos em diferentes partes da mesma, e deixar o piso liso e polido, de modo a dar a toda uma aparência limpa. Ela deve cercar a casa com um jardim, e deixar nele todos os materiais necessários para os sacrifícios da manhã, tarde e noite. Além disso, ela deve reverenciar o santuário dos deuses domésticos, pois, diz Gonardiya, "nada mais atrai o coração de um pai de família

que uma esposa devotada”

Para os pais, parentes, amigos, irmãs e servos de seu marido, ela deve se comportar como eles merecem. No jardim ela deve plantar canteiros de verduras, molhos de cana-de-açúcar, e aglomerados da figueira, a planta de mostarda, a planta da salsa, a planta erva-doce... Cachos de flores diversas, como o jasmim, o amaranto amarelo, o jasmim selvagem, rosas e outros, devem também ser plantadas, em conjunto com a fragrância do capim, e de raízes perfumadas. Ela também deve ter colocar cadeiras e caramanchões no jardim, e no meio dele escavar um poço, tanque ou piscina.

A mulher deve sempre evitar a companhia de mendigos do sexo feminino, mendigas budistas, as mulheres impuras e malandras, os adivinhos do sexo feminino e bruxas.

Nas refeições deve considerar sempre o que o marido gosta e do que ele não gosta, o que lhe faz bem e o que lhe faz mal. Ao ouvir seus passos voltando para casa, deve se levantar, se aprontar ao seu dispor e preparar-se para lavar seus pés.

Se vai sair com ele, deve se enfeitar, e não deve ir a lugar nenhum sem consentimento dele, seja ir a casamentos, sacrifícios, visitar templos ou amigas.

Não deve se envolver em jogos sem a permissão do marido. Deve sempre estar atrás dele, e não despertá-lo quando dorme.

Deve cozinhar em lugar reservado e longe de olhares de estranhos.

Em caso do marido se comportar mal, ela não deve brigar com ele, mesmo estando descontente. Não deve usar de palavras duras, mas conciliadoras. Diz Gonardiya: uma mulher assim nunca causa desagrado.

92. Cortesãs, Kamasutra

A mulher deve ter as seguintes características:

Ela deve ser dotada de beleza e amabilidade, com marcas auspiciosas no corpo. Ela deve ter bom gosto para se relacionar com as pessoas, como também o gosto pela riqueza. Ela deve ter prazer em uniões sexuais, decorrentes de amor, e deve ser de uma mente firme, com o mesmo gosto pelo gozo sexual que os homens apreciam.

Ela deve ser sempre ansiosa para adquirir experiência e conhecimento, estar livre de avareza, e gostar de reuniões sociais e das artes.

A seguir, são as qualidades de todas as mulheres cortesãs:

Ser dotada de boas maneiras, inteligência, boa disposição, ser simples de comportamento, ser grata; ser providente; ter ou realizar algum tipo de afazer ou trabalho, e ter um conhecimento dos tempos e lugares adequados para fazer as coisas; falar sempre sem maldade, sem gargalhadas, raiva, avareza, estupidez, ter conhecimento do Kama Sutra, ser qualificada em todas as artes ligadas a ela. Suas falhas estão em não possuírem as virtudes acima relacionadas.

93. Mulheres que se entregam facilmente, Kamasutra

As mulheres que se entregam facilmente são aquelas:

Mulheres que estão às portas de suas casas

Mulheres que estão sempre olhando para fora na rua

Mulheres que se sentam para conversar na casa de seu vizinho

Uma mulher que está sempre olhando para você

Um mensageiro do sexo feminino

Uma mulher que olha de soslaio para você

Uma mulher cujo marido tenha tomado outra mulher sem justa causa
Uma mulher que odeia o marido, ou que é odiada por ele
Uma mulher que não tem ninguém para cuidar dela, ou mantê-la sob controle
Uma mulher que não teve nenhum filho
Uma mulher cuja família ou casta não é bem conhecida
Uma mulher cujos filhos estão mortos
Uma mulher que gosta muito da sociedade
Uma mulher que aparentemente é muito carinhosa com o marido
A esposa de um ator
Uma viúva
A pobre mulher
Uma mulher de prazeres
A esposa de um homem com muitos irmãos mais novos
Uma mulher vaidosa
Uma mulher cujo marido é inferior a ela em posição ou habilidades
Uma mulher que se orgulha de sua habilidade nas artes
Uma mulher com a mente perturbada pela loucura de seu marido
Uma mulher que foi casada em sua infância com um homem rico, e não gosta dele
Uma mulher que é desprezada pelo marido sem causa
Uma mulher que não é respeitado por outras mulheres da mesma categoria ou beleza como a dela mesma
Uma mulher cujo marido viaja muito
A esposa de um joalheiro
A mulher ciumenta
Uma mulher cobiçosa

Uma mulher imoral
A mulher estéril
Uma mulher preguiçosa
Uma mulher covarde
Uma mulher corcunda
Uma mulher anã
Uma mulher deformada
Uma mulher vulgar
Uma mulher mal-cheirosa
Uma mulher doente
Uma velha

94. Ecofeminismo de Vandana Shiva

[Pergunta]: Às vezes você é descrita como “ecofeminista”.

V.S.: Nunca me senti muito bem com rótulos. O ecofeminismo mistura as coisas. É muito elegante, do meu ponto de vista. Ele deixa de lado muitos outros aspectos da minha pessoa e do que eu faço. Deixa de lado a parte do legado de casta lutadora dos meus pais. Meu nome, Shiva, foi dado por meus pais para apagar sua identidade de casta. Hoje, onde quer que eu ache discriminação por casta, eu vou lutar contra ela. Em nossa organização, nós nos certificamos de que temos mulçumanos, hindus e cristãos trabalhando juntos, não permitindo que quaisquer inflexibilidades mutilem nosso potencial como grupo. Mas, em um certo nível, realmente não me importo com o rótulo do ecofeminismo porque acho que a combinação do feminismo com a ecologia cria dois potenciais. Em primeiro lugar, vi o feminismo que não é ecológico tornar-se um novo opressor. Vi o ambientalismo que não é feminista o bastante também se tornar um

novo elitismo. O ecofeminismo previne essas duas novas formas de elitismo ao dizer “Não, o ecofeminismo trata da sociedade e da natureza. É sobre outros modos de pensar”. Não é possível ter apenas algumas mulheres no poder. Carla Hills e Madeleine Albright não simbolizam uma nova igualdade para as mulheres.

Veja a privatização da água nos EUA. Está sendo conduzida por grupos ambientalistas, só porque eles não pensam na sociedade. Eles pensam em uma espécie e dizem “OK, se puderem comprar a água daquele rio e salvar as espécies desta garganta em particular, por mim podem comprar que está tudo bem”. Eles não percebem como, nesse processo, estão criando todo um acordo político e social em torno de recursos naturais que será abusivo a milhões de outras espécies e, é claro, a milhões de nossos irmãos e irmãs neste planeta. Assim, o ecofeminismo, por estar intrinsecamente ligado à justiça social e aos limites ecológicos, é um bom termômetro para os tipos de problemas que vemos com o feminismo em voga e com o ambientalismo em voga.

[...]

Adotei o termo “mau-desenvolvimento” para indicar um desenvolvimento disforme, um mau-funcionamento do sistema, e para traçar seus vínculos com uma abordagem patriarcal, que combina a dominação sobre as mulheres à do capital sobre a natureza e sobre os indivíduos. O “mau-desenvolvimento” confina as mulheres na passividade, sobretudo, tratando a sua consciência como se ela não existisse. Nos últimos 35 anos, trabalhei com muitíssimas mulheres e sempre estou mais convencida de que são elas as “verdadeiras especialistas”, as únicas capazes de conhecer o funcionamento de um sistema e os modos para protegê-lo, e que o

mundo é, em grande parte, “produzido” pelas mulheres. Porém, o sistema de pensamento reducionista e a organização econômica capitalista excluíram ou subestimaram as contribuições das mulheres, induzindo-as a acreditar que o trabalho, fundamental, de “manter a vida” não é um verdadeiro trabalho, porque não é produtivo. Segundo esse sistema de pensamento, de fato, uma mulher que mantém a própria família não produz nada, e uma comunidade que satisfaz todas as próprias necessidades alimentares mas não vende ou não compra alimentos não produz comida e não contribui com o “crescimento” e com o “desenvolvimento”. A adoção desse critério de medida levou ao “mau-desenvolvimento” e, com isso, à destruição da natureza, à exploração do “capital natural” e, junto com a negação das necessidades fundamentais, ao crescimento da pobreza.

Introdução

Nessa última seção, apresentamos alguns breves apontamentos sobre a cultura indiana em geral. No ramo das artes, apresentamos o Shilpashastra, tratado fundamental das técnicas artísticas e arquitetônicas da Índia tradicional; o teatro indiano é representado por Kalidasa (séc. +4), autor clássico que praticamente estabeleceu as regras narrativas das peças; a poesia tradicional é analisada em um tratado conhecido como Chandraloka, que examina as regras poéticas; regras essas que foram empregadas pelo poeta moderno Tagore (1861 – 1941), defensor das tradições indianas e da independência do país; a análise moderna de Tirtanka Chandra nos dá um quadro geral dessa civilização, em sua modernidade criativa; para completar, um pouco da medicina indiana tradicional presente no Garuda purana.

95. Shilpa shastra, o cânone da arte indiana

Se uma formiga preta, um escorpião, uma formiga branca, a formiga vermelha, ou um fio de cabelo ser visto no poço, a casa construída sobre um tal sítio será consumida pelo fogo. Se um pouco de ouro, um sapo, um chifre de vaca, grãos de qualquer espécie, um tijolo, ou um pouco de prata ser visto no poço, toda a felicidade, prosperidade, e prazer, juntamente com uma vida longa e riqueza sem limites será encontrada na casa erguida sobre um tal sítio.

Há também presságios obtidos a partir de flores: -

No centro do local proposto, faça um poço de um côvado de

profundidade, comprimento e largura. Preencha-a com água. Pegue uma flor em sua mão, medite sobre a divindade, então lance na água, e se ele flutuar rodando pelo lado direito para enfrentar o sol é um sinal de grande felicidade, riqueza, fama e honra. Se, no entanto, a flor flutuar pelo lado esquerdo, é um sinal de grande aflição, ansiedade contínua, e miséria inevitável. Uma casa não deve ser construída em tal local.

Há muitos presságios mais obtidos a partir de flores jogadas no poço, com referência ao ponto em que a flor permanece imóvel: - Se a flor permanece imóvel no noroeste, o construtor será afetado por dezoito tipos de doença pulmonar; sua riqueza será tomada por outros, a morte deve levá-lo embora, e os demônios devem converter o local em um lugar para queimar os mortos!

Se a flor permanece imóvel no ponto norte, o construtor irá tornar-se rico, ele terá a bênção de filhos e de longa vida, ele deve ser reverenciado pelos veneráveis, e ser caridoso, sua casa será reverenciada e chamada de "Refúgio", ele será estimado como um santo!

159

96. O teatro indiano, de Kalidasa

...Mas Kama, vendo oportunidade para atirar sua seta, como uma mariposa que queria entrar no fogo, na própria presença de Uma (a) fazendo sua mira em Hara (b), disparou repetidamente suas setas. Foi quando Gauri (c) presenteou o deus asceta residente na montanha e com mão clara como cobre, dando-lhe um rosário de sementes

de lótus do Ganges, secadas pelos raios do sol.

E o deus de três olhos (d) fez menção de recebê-lo, por bondade para

com seu adorador; e o arqueiro-flor (e) pôs em seu arco a flecha certa chamada "Fascínio".

Mas Hara (b) com sua firmeza um tanto perturbada, como o oceano quando a luz começa a ascender, manteve o olhar fixo na face de Uma, com lábios como a fruta bimba.(f)

E a filha da montanha (a), traindo sua emoção pelos membros como brotos trêmulos de kadamba, permaneceu de cabeça inclinada e rosto ainda mais encantador com seu olhar voltado para outro lado, Foi quando o deus de três olhos, reconquistando o comando de seus sentidos perturbados, pelo seu poder de autocontrole, lançou os olhos em todas as direções, desejando ver a causa da perturbação de sua mente.

Viu o deus nascido da mente (d), seu punho cerrado erguido ao canto exterior de seu olho direito, seu ombro encolhido, sua perna esquerda encolhida, seu arco delicado dobrado em círculo, pronto a desferir a flecha.

Sua ira aumentada pelo ataque à sua austeridade, seu rosto terrível de contemplar com suas sobrancelhas arqueadas, de seu terceiro olho surgiu repentinamente uma chama brilhante.

Enquanto as vozes dos deuses do vento atravessavam o céu - "Contém tua ira, Senhor!", o fogo nascido do olho de Bhava (b) reduziu o deus do amor a um monte de cinzas.

O desmaio causado pelo choque violento, impedindo o funcionamento dos sentidos, quase executou para Rati (g) um serviço bondoso e por algum tempo ela não soube do desastre ocorrido com seu marido.

Tendo esmagado rapidamente o obstáculo ao seu ascetismo, como o relâmpago destrói a árvore de uma floresta, ele, o asceta, o Senhor

das Criaturas(b), desejando fugir à proximidade de mulheres, desapareceu juntamente com suas criaturas.

E a filha da montanha (a), pensando que o desejo de seu pai poderoso e sua própria forma encantadora eram inúteis, sua vergonha aumentada pelo pensamento de que seus dois amigos tinham estado presentes, desolada marchou com dificuldade para sua morada.

E enquanto seus olhos estavam fechados de medo à violência de Rudra (b), a Montanha tomou sua filha lastimosa em seus braços e como o elefante do céu trazendo um lótus preso aos colmilhos, partiu para diante, com membros grandes devido à pressa.

a) Esposa do deus Shiva e filha de Himavant (isto é, Himalaia)

b) Outro nome de Shiva.

c) Outro nome de Shiva.

d) Outro nome de Uma.

e) Kama.

f) Kama.

g) Um fruto vermelho.

h) Esposa de Kama, a volúpia personificada.

97. Estilos da poesia tradicional: Chandraloka

Uma bela combinação de formas e idéias, semelhante a um colar, se chama ornamento poético, e se trata de algo conhecido ou advindo da imaginação de um poeta verdadeiro.

As palavras, que dão a matéria de investigação das pessoas sagazes, e cuja excelência reina neste mundo, resplandecem sobre a combinação chamada cheka, que é a combinação de vogais semelhantes, de consoantes semelhantes ou ambas.

Um discurso cheio de fonemas repetidos compreende a aliteração vritti, no que reside um livre jogo de repetições que surgem nas estrofes.

Uma repetição de palavras empregadas com intenções diferentes forma a aliteração lata. Por exemplo, uma vitória somente é vitória quando cessa o estrondo o inimigo.

Os espíritos justos e sagazes chamam de sphuta (evidente) a aliteração que consiste na repetição fixa de fonemas em uma meia estrofe ou em um quarto de estrofe....

98. Poesia indiana moderna: Tagore

O Último Negócio

Certa manhã

ia eu pelo caminho pedregoso,
quando, de espada desembainhada,
chegou o Rei no seu carro.

Gritei:

— Vendo-me!

O Rei tomou-me pela mão e disse:

— Sou poderoso, posso comprar-te.

Mas de nada lhe serviu o seu poder
e voltou sem mim no seu carro.

As casas estavam fechadas

ao sol do meio dia,

e eu vagueava pelo beco tortuoso

quando um velho

com um saco de ouro às costas

me saiu ao encontro.

Hesitou um momento, e disse:

— Posso comprar-te.

Uma a uma contou as suas moedas.

Mas eu voltei-lhe as costas
e fui-me embora.

Anoitecia e a sebe do jardim
estava toda florida.

Uma gentil rapariga
apareceu diante de mim, e disse:

— Compro-te com o meu sorriso.

Mas o sorriso empalideceu
e apagou-se nas suas lágrimas.

E regressou outra vez à sombra,
sozinha.

O sol faiscava na areia
e as ondas do mar
quebravam-se caprichosamente.

Um menino estava sentado na praia
brincando com as conchas.

Levantou a cabeça
e, como se me conhecesse, disse:

— Posso comprar-te com nada.

Desde que fiz este negócio a brincar,
sou livre.

[Nesse poema, Tagore defende a independência da Índia]

Onde o espírito vive sem medo e a fronte se mantém erguida;

Onde o saber é livre;

Onde o mundo não foi dividido em pedaços por estreitas paredes
domésticas;
Onde as palavras brotam do fundo da verdade;
Onde o esforço incansável estende os braços para a perfeição;
Onde a clara fonte da razão não perdeu o veio no triste deserto de
areia do
hábito rotineiro;
Onde o espírito é levado à Tua presença, em pensamento e ação
sempre
crescentes;
Dentro desse céu de liberdade, ó meu Pai, deixa que se erga minha
Pátria.

99. Moderna literatura indiana, por T. Chanda

As grandes figuras dessas literaturas vernáculas pós-independência
são Mahasweta Devi, Nirmal Verma, U. R. Ananthamurthy e O.V.
Vijayan. Escritores resolutamente individualistas, nos quais a
sensibilidade pessoal dá o tom sobre as escolhas estéticas da
comunidade.

Paralelamente, vemos um formidável movimento de democratização
e de “desburguesamento”, com a chegada das mulheres e dos autores
dalits (oprimidos), termo pelo qual os escritores da casta inferior, ou
“intocável”, gostam de se designar. A subversão entra na literatura.

“Nasci quando o sol enfraqueceu / E lentamente se apagou / No
abraço da noite / Nasci numa viela / Num trapo velho / Cresci como
alguém com um parafuso a menos / Comi fezes e cresci. / Me dá
cinco centavos, me dá cinco centavos / E pegue cinco palavrões em
troca / Estou a caminho do santuário”, escreveu o grande poeta

Namdeo Dhasal, resumindo em poucas palavras toda a opressão sofrida por sua comunidade.

Representando 24% da população, os “intocáveis” estão na base da estrutura de castas que vigora na Índia desde a Antigüidade. A poesia dalit nasceu de seu sofrimento e das lutas obstinadas de personalidades como mahatma Jyotiba Phule ou Bhimnao Ramji Ambedkar⁶ para conscientizar essas populações. Ela emergiu nos anos 1960, no estado de Maharashtra. Fala da humilhação cotidiana e clama por transformações. “Mesmo o sol deverá mudar”, escreveu Arjun Dangle.

Para esses autores, escrever não é apenas uma prática estética, mas também um ato político. Seu objetivo: derrotar a ordem hindu pela força do verbo. Inspirados na rebelião dos poetas negros americanos da Harlem Renaissance, fundam em 1973 o movimento Panteras Dalits. Aliam a prática poética a um ativismo político radical.

Fundador desse movimento, Dhasal conhece a notoriedade com sua primeira coletânea de poemas, intitulada Golpitha. Seus poemas chocam o establishment literário pela crueza da linguagem e pelas evocações ousadas, onde se misturam a sexualidade, o desprezível e a revolta. Naipaul, que reencontra esse poeta rebelde nos anos 1980, pinta com admiração um retrato do personagem em sua narrativa de viagem Índia, um milhão de revoltas: “A grande originalidade de Dhasal está em ter escrito num estilo natural, utilizando as palavras e as expressões que serviam unicamente aos dalits (...). Seu primeiro livro de poemas foi escrito, especificamente, no idioma dos bairros de prostituição de Mumbai”.

As narrativas autobiográficas marcaram igualmente as letras dalits. Minha vida de intocável, de Daya Pawar, e Upra, de Lakshman

Mane, são as obras-primas do gênero, marcadas tanto pela economia e eficácia da escrita quanto pelo valor testemunhal. São essas narrativas de vida que melhor dão conta do absurdo e do desumano das tradições e crenças.

Hoje, pode-se falar de um corpus realmente nacional da literatura dalit, com a entrada em cena dos escritores de língua tâmil, gujerati ou punjabi. Segundo Bama, a grande voz da literatura tâmil, autor do romance autobiográfico Sangati (A assembléia), “a literatura dalit é a única verdadeira literatura de libertação da Índia”.

Menos combativa, mas também subversiva, a corrente dos Digambara Kavulu (Poetas Nus) – na qual se destaca a poesia erótica de língua telugu, rica em imagens sexuais e vocábulos obscenos – abalou intensamente, na virada dos anos 1970, o elitismo da Índia profunda. Os poetas digambara eram tão provocativos que deixavam a promoção de suas primeiras obras a cargo das prostitutas, puxadores de riquixá e lavadores de pratos de restaurantes de beira de estrada. A elite brâmane, obviamente, ainda não se recuperou disso.

166

100. Medicina indiana tradicional, no Garuda purana

Muitos capítulos sobre ayurveda (medicina) afirmam que Dhanvantari foi o originador do ayurveda e ele ensinou o Sushruta aos sábios. São estes ensinamentos que a Garuda Purana reproduz. Há cinco etapas a qualquer tratamento médico. O primeiro é chamado nidana. Isso significa o diagnóstico de uma doença antes que os sintomas se manifestem. Isto se estende ao purvarupa. Esta é a fase em que os primeiros sintomas da doença começam a aparecer. Em seguida é rupa. Nesta fase todos os sintomas aparecem. A quarta

etapa é upashaya. Isso envolve o tratamento da doença por meio de atividades de dieta, medicamentos e outros. A fase final do tratamento é samprapti; é a fase da recuperação.

Há muitos tipos diferentes de febre (jvara). A febre pode ser acompanhada por soluços, vômitos, erupções na pele, perda de apetite, preguiça e sonolência. Outros sintomas são dores de cabeça, dores no corpo, desmaios, insônia, delírio, sudorese e apatia. Esta é realmente a parte niddana de febre e, dependendo dos sintomas, tipos diferentes de febre com as suas causas são discutidas. Seguem-se seções sobre o nidana de pleurisia, tuberculose, problemas cardíacos, cirrose, problemas estomacais, hemorróidas, lepra, vermes, reumatismo e outras doenças.

Quais são os medicamentos a serem utilizados? Naturalmente, depende da doença, suas causas e da estação. Mais importante, depende se a doença é devido a um problema com Kafa (catarro), pitta (bile) ou vayu (vento), ou uma combinação dos três.

Um manual médico segue, com os medicamentos para doenças diferentes. Entre os ingredientes que são usados para fazer os medicamentos são priyangu (semente de mostarda preta), godhuma (trigo), pippali (pimenta), madhu (mel), bilva (uma fruta), Eranda (mamona), sarshapa (mostarda), padma patra (folhas de lótus), kaksharah (a lentilha popularmente conhecido como khesari), Palanka (espinafre), dadimba (romã), keshara (açafrão), matulung (uma espécie de limão), haritaki (myrobalan), panasa (jaqueira), draksha (uvas), kharjura (datas), ardraka (gengibre), Maricha (preto peper), himgu (assa-fétida), Saindhava (sal-gema), ghrita (manteiga clarificada), tita taila (óleo de sésamo), ikshu (cana), Guda (melaço), takra (leitelho), yashtimadhu (alcaçuz), trifala (uma mistura de três

myrobalans), Ashvagandha (a physalis planta flexuosa), nila (índigo), yavakshara (nitrato de potássio), sharkara (açúcar), Haridra (curcuma), lashuna (alho), rasajana (a collirium), musta (feno-grego), shirisha (mimosa), ila (cardamomo), chandana (sândalo), devadaru (uma espécie de pinheiro), hastidanta (marfim), laksha (lac), palasha (a árvore frondosa butea), tambula (folha de bétel) e Lavana (sal).

Em português só existem, até agora, duas antologias da civilização indiana: *Hinduísmo*, de Louis Renou (Zahar, 1968) é uma antologia excelente desse indólogo sobre o movimento hinduísta, seus principais autores e textos; *A sabedoria de Índia e China*, de Lin Yutang (Pongetti, 1958) traz fragmentos de ambas as civilizações, e serve como boa introdução.

Quem se aventurar no espanhol pode ainda consultar o fantástico *Antologia Sánscrita*, do mesmo Louis Renou (Barcelona, 1998). É uma tradução do original de 1947, *Anthologie Sanskrite*. Em inglês, *A sourcebook of indian civilization*, de N. Ray (2008), *Sources of indian tradition* de A. Embree (1988) e *A sourcebook in Indian philosophy*, de Radhakrishnan (1967) são os meios mais acessíveis para quem ainda não se aventurou nas línguas indianas novas ou antigas.

Esse humilde trabalho deve demais a esses eruditos. Peço desculpas pelas falhas e omissões.

As traduções e textos foram recolhidos das fontes disponíveis em português, inglês e francês.

André: 8, 11, 19, 20, 23, 25, 27, 47, 49, 55, 56, 57, 58, 60, 67, 68, 70, 71, 73, 74, 78, 79, 80, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 95, 97

Louis Renou: 1, 2, 3, 5, 7, 13, 24, 31, 35, 38, 39, 45, 46, 50, 51, 52, 53, 54, 59, 77, 84, 85, 96 (*Hinduísmo - antologia de textos*, 1968; *Anthologie de la littérature sanskrite*, 1951)

Ananda Coomaraswamy: 4, 26 (*O pensamento vivo de Buda*, 1969)

Vivekanda: 14, 15, 36, 37 (*Os Upanishads*, 1997)

Emile Gauthier: 17, 18, 22 (*Pensamento Indiano*, 1993)

Lin Yutang: 21, 40, 48 (*Sabedoria de Índia e China*, 1958)

Raul Xavier: 32, 33, 34, 41 (*Os Upanishads*, 1968; *Milinda Panha*, 1979)

Bibek Debroy: 42, 43, 44, 82, 83, 100 (*Garuda Purana*, 1998)

Sérgio Bath: 62, 63, 64, 65, 66 (*Arthashastra*, 1998)

Os textos não indicados foram retirados diretamente de versões em português disponíveis.